

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Cândido José Mendes de; ARAÚJO, Maria Elisa de (Org.). **As perspectivas da televisão brasileira ao vivo**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BENCHIMOL, Augusto. **Uma breve história da eletrônica**. Rio de Janeiro: Interciência, 1995.

BIAL, Pedro. **Roberto Marinho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004 il.; (Memória Globo).

BIRD, S.E.& DARDENNE, R.W. **Mito, registro e estórias**: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (Org). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Veja, 1993.

BUARQUE, de Holanda Sérgio. **Raízes de Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DEBORD, G. **La société du spectacle**. Paris: Ed Champ Libre, 1971

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** – para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HERZ, Daniel. **A história secreta da Rede Globo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

HOINEFF, Nelson. **A nova televisão** – Desmassificação e o impasse das grandes redes. Rio de Janeiro: Comunicação alternativa: Relume Dumará, 1996.

MACIEL, Pedro. **Guia para falar e aparecer bem na televisão**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1993.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de televisão**: normas práticas. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1995.

MAIOR, Marcel Souto. **Almanaque da TV Globo**. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.

MATTELART, Armand e Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX** – Volume 1: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: contexto, 2005.
- PIPI, Gladis Maria; MÜLLER, Nelci (Org.). **300 anos da redução jesuítica de Santo Ângelo Custódio**. Santo Ângelo: EDIURI, 2007.
- RESENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.
- SAMPAIO, Walter. **Jornalismo áudio visual: Rádio, TV e Cinema**. Ed. USP, 1970.
- SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico**. São Paulo: Summus, 1985.
- SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala - função e linguagem da televisão no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- SQUIRRA, Sebastião. **Aprender telejornalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- SQUIRRA, Sebastião. **Boris Casoy - O âncora no telejornalismo brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- SQUIRRA, Sebastião. **O século dourado - A comunicação eletrônica nos Estados Unidos**. São Paulo: Summus, 1995.
- TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1999.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** Volume I. Porque as notícias são como são. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** Volume II. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.
- XAVIER, Ricardo. **Almanaque da TV – 50 anos de memória e informação**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.
- WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- WRIGHT, Charles. **Comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1968.

Outros:

Projeto Memória Globo. **Jornal Nacional:** A notícia faz história. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

Escola de Comunicação Maurício Sirotsky Sobrinho. **Manual do locutor.** Porto Alegre: Editora Feplan, 1995.

Dicionário *Luft*. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

Revista **A maior reportagem do Brasil:** Editora Globo – fascículos 1 e 2.

Economia brasileira contemporânea. Organizadores Fabio Giambiagi, André Villela, Lavínia Barros de Castro e Jennifer Hermann. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

Periódicos e Artigos:

HALL, Stuart. **The narrative construction of reality:** An interview with Stuart Hall. *Southern Review*, Vol 17, N.1.

HECKLER, Susan E.; NORMAN, Andrew; RUSSEL, Cristel Antonia. **The consumption of television programming:** Development and validation of the connectedness scale. *Journal of Consumer Research*, vol. 31, 2004.

DAVIES, Andrea; FITCHETT, James A. **Crossing culture:** A multimethod enquiry into consumer behavior and the experience of cultural transition. *Journal of Consumer Behavior*, vol.3.

ROEH, Itzhak. **Journalism and storytelling, coverage as narrative.** *American Behavioral Scientist*, Vol.13.

Consultas em sites:

<http://www.caravanajn.globolog.com.br>

<http://www.ouropreto.org.br>

<http://www.rotamissoes.com.br>

<http://www.unb.br/acs/unbagencia/ag0305-53.htm>

ANEXOS

Anexos 1

Abaixo seguem, na íntegra, as transcrições das entrevistas realizadas nos municípios de São Miguel das Missões e Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul.

1.1. Cacique Floriano – M-byá Guarani

Ele (Bonner) falou tudo sobre a cultura guarani. Falou de nós.

Sim, reconheci a história do nosso povo na tv. Mostrou o nosso grupo.

Veio o convite para apresentar o coral no pátio das ruínas, apresentou o coral, se aproximaram pela música. Já os tinha visto na tv, de longe. A primeira vez que encontrou foi no sítio arqueológico. Como foi o encontro? Deus o livre, muito legal! “Bah, Deus o livre, muito bom. Também falamos com ele, perguntou algumas coisas e contei para ele como é nossa vida, ele aprendeu sobre a vida do Guarani e se interessou, achou muito legal. Foi a primeira vez que falei com ele pessoalmente. “Bah, fantástico”, porque estava tudo brilhando, nosso povo em foco, nossa história. Divulgar nossa cultura é muito importante. É a história mesmo, nossa história como aconteceu. Obrigatoriamente tem que fazer isso aí, né, tem que mostrar para conhecer onde há guaranis, tipos das tribos guaranis. Tem que se manter a cultura própria”. Claro que isso mostra o Brasil. Os índios, atualmente, também se preocupam em conhecer a cultura do branco. Alguns falam português, ainda que com muitos erros e palavras na língua local, a escrita também já não é algo totalmente estranho como já foi um dia aos ditos “povos selvagens. Mostrar a cultura, nós mesmos estávamos aparecendo ali na tv, os Guarani desde os pequenos. A tv ajuda a divulgar nossa cultura, aí há um ponto positivo. Foi positivo, exatamente. Eu assisto ao Jornal Nacional porque é mais verdadeiro. Mostra o que acontece, não é como a novela. É a realidade, é um exemplo. No Jornal Nacional é o certo, o que acontece hoje ou amanhã, já na novela, não. Só via o Jornal Nacional quando saía à cidade, de vez em quando, mas reconheço o William Bonner e o Pedro Bial. As notícias chegam aqui também pelo rádio e pelo telefone. É bom saber o que acontece longe. Para mim é diferente, já tinha visto tv e sabia o que acontece longe o Pajé também tem sabedoria. Outra maneira, estamos juntos, foi legal o jornalista ter vindo aqui perguntar, temos que mostrar alguma parte, contar alguma história, o índio e o homem branco já estão mais juntos. O branco quer saber alguma sabedoria, se não contamos nada, não contribuímos. Depende...tem que ser pensando, memória, ver até onde atrapalha e até onde pode servir, tem que pensar nisso. É preciso que cada tenha sabedoria e memória para preservar a cultura Guarani, é preciso orientar as nossas crianças. Pode ter a tv e também

preservar a cultura, se os pais indígenas forem responsáveis. Se ver tv, isso não deve ser a única fonte de informação e orientação. Foi bom porque o JN é importante e fez nossa cultura correr o mundo. Eles fizeram o trabalho deles de mostrar não apenas nossa cultura, mas de mostrar as culturas do Brasil, do branco também, as diferenças. Cada um tem que mostrar a própria cultura. Hoje o índio tem que conhecer um pouco da cultura do branco, não dá pra ficar só na aldeia. Trabalhamos em intercâmbio.

1.2. José Altamiro Herter – escultor e artesão

A gente soube e eu tinha uma filmadora, minha esposa trabalhava ao lado de uma rádio, soube e ligou para ele avisando que “O Bial ta aí, tu não quer filmar ele” e eu subi lá para as ruínas. Com o Bial não houve contato porque ele passou muito rápido, ele não deu muita importância pros repórteres, não foi muito simpático, mas o William Bonner sim, esse teve uma hora mais ou menos na frente das ruínas, tirou foto, foi muito legal, é muito simpático, eu fiquei gostando assim dele, porque ele é uma pessoa assim que tem uma pessoa especial, vamos dizer. Uma das coisas que eu lembrei que eu tava tomando chimarrão e eu lembrei de mostrar a cuia, daí eles acabaram me filmando, apareço na reportagem, num pequeno flash. Mas eu não pensei em filmar a minha pessoa mas sim um símbolo daqui. A gente tem que pegar estes ganchos, ser sensível neste momento e saber que aquilo é muito importante que a cuia e o chimarrão simbolizam nós, todo mundo. Muitas pessoas, hoje em dia, as pessoas que ouviram não foram muitas, atinge mais o homem que gosta de sentar e ver a notícia, não pegou a criança, o adolescente e a mulher que prefere mais ver a novela. Mas ela não atingiu um todo, porque pela dimensão da Globo não atingiu como poderia ter sido. Eu reconheci a minha região na reportagem. Aquelas pessoas que eles entrevistaram no interior são aquelas pessoas que estão no dia a dia ali, foi bem focado. Outra coisa positiva que é o frio, uma coisa bem característica do Rio Grande do Sul, foi talvez num dos dias mais frios, mostraram a geada, foi um dia especial. Sou telespectador do JN, gosto muito de notícia. Eu tenho um defeito: eu leio muito pouco mas eu ouço muito. Então, vezes eu tenho dificuldade de escrever porque eu não visualizo as palavras. Eu me informo com rádio e tv. O rádio está sempre do lado e eu procuro notícia e informação. Como eu trabalho bastante com as mãos e é um pouco cansativo, eu quando estou descansando se eu vou ler eu estou com os olhos um pouco cansados, eu trabalho sempre em cima de risco, tenho uma concentração muito grande então eu procuro relaxar mais e olhar as coisas mais prontas e ouvir. Ao mostrar os habitantes de lugares distantes o JN mostra um todo e a riqueza do Brasil e as diferenças de cada região. O Brasil é uma colcha de

retalhos. É muito diversificado, cada lugar seria uma cor. Dentro de São Miguel já tem isso, é forte o pelo duro, a mistura do índio com o negro, porque aqui houve escravidão, seria o russo daqui. E o russo que tem essa característica do índio, de não trabalhar muito, de ter para hoje amanhã não importa muito. O Jornal Nacional é feito no Rio, mas consegue abarcar o Brasil todo. Não é só o grande centro que aparece. Gostei de divulgar as peculiaridades do Brasil.

1.3. Alfonso Ten Caten - Secretário Municipal de Turismo de São Miguel das Missões

A gente sabia pela imprensa que a caravana estaria chegando a São Miguel, mas a agente nunca imaginou, estávamos numa festa, do colono Motorista, lá no interior e nós na fila do churrasco ao meio dia de repente chega a mãe da rainha nos pegando pelo braço corro corre que o Bial ta aqui. Uma coisa meio escondida, no meio de uma festa, com medo de todo o povo chegar nele também. O pessoal dizia bah, o Bial é o tal , mas ele foi simples, simples, mostrou foto do filho dele e conversou, normal e de repente o povo começou a chegar e brincaram comigo como eu tinha tanta sorte de dar uma entrevista pro JN, aparecer na tv. Não era nada programado, foi sem querer, só por ser vizinho da rainha porque eles chegaram para entrevistar a rainha da festa que é da minha comunidade e eu fui professor dela e me cataram junto. Acho que tem uma certa relação dessa entrevista como fato de eu estar aqui hoje, nesse cargo, apesar que tive que deixar de ser professor mas sempre a gente pensa na educação.

O que o Bial falou não é o que nós gostaríamos que fosse divulgado de São Miguel. Ele abre como uma sociedade fracassada e a gente sabe que não foi uma sociedade fracassada. A redução foi um espetáculo grandioso que o pessoal da Europa vinha pegar modelo para levar para eles a questão da organização. Ele fala também numa teocracia, que seria o jesuíta que teria poder. É muito difícil você dizer que dois padres vão dominar seis mil índios, em cada redução eram dois padres, mas por mais que eles tenha o dom da construíram. Do jeito que foi dito parece que eles foram escravos para construir uma igreja tão linda, e todos os 30 povos queriam realmente estar ali. Tinham comida de sobra, eles tinham escolas, música, praticamente o dia todo. A reportagem mostrou o que a pessoa de chegada como o Bial se informou aqui e ali e o que ele leu e ele falou uma visão que nós não procuramos mudar. Os índios faziam as coisas por vontade, eles gostavam de viver aqui. A primeira fundição de ferro foi aqui. Instrumentos musicais eram feitos aqui e foram levados para a Europa e isso tudo é muito grandioso.

A gente vê que para nós e para várias outras localidades pequenas foi muito importante. Aqui em São Miguel várias pessoas abraçaram o Pedro Bial, tiraram fotos com o William Bonner, viram todo esse processo que está tão distante, o JN tu só assiste de noite e de repente eles estavam na comunidade. Para as pessoas daqui é importante, além da nossa cidade, por todas as cidades por onde passaram foi importante a divulgação, a nível nacional, várias pessoas assistiram, várias pessoas chegaram e disseram bah eu vi e fiquei curioso vim olhar de perto, assisti no JN, teve reflexo até na visitação.

O que a gente sente aqui em São Miguel, do povo, teve uma história quando foi feito o Patrimônio da Humanidade, houve desapropriações pessoas tiveram que sair do sítio isso criou uma animosidade da população com o sítio, parece que não é nosso, parece que o patrimônio não é do povo miguelino e com a caravana o povo começar a sentir a chegar começa a valorizar, temos isso aqui, estão vindo pessoas famosas, jornalistas vem aqui e o povo começar a ver que isso aqui tem valor para eles, tem valor histórico, tem valor sentimental. A gente tem que fazer com que valorizem isso aqui, São Miguel pode crescer.

Eu acho que ajuda a criar uma unidade entre o povo brasileiro, porque as pessoas já ficavam esperando o dia em que teria tal lugar. Acaba mostrando a particularidade de cada local que a gente chega a sentir empatia. São assuntos que acabam ligando o Brasil, Ah mas lá também tem o que eu tenho, é parecido, o sofrimento também, a gente sofreu aqui bastante com a seca e tu ficas ligado em como o povo se sente no nordeste.

Eu acho que a Caravana mostrou todas as partes, as cinco regiões de Brasil, cumpriu o objetivo, apesar que a gente achava que por ser num ano de eleições que teria um outro viés político, mas não foi o que se viu, foi interessante para gente ver como está o resto do Brasil, mostraram problemas também. Nos achamos que mostrariam só problemas, mas mostraram também coisas boas. Acabamos mudando de idéia porque além de mostrar problemas mostraram como anda o povo.

Eu assisto o JN. Só quando não estou senão é diariamente.

Leio jornal, ouço rádio e Internet.

A gente confia desconfiando, a gente sempre sabe que tem os dois lados e a reportagem tem uma filosofia da rede Globo e a gente sabe que a rede Globo tem coisas que não mostra e tem coisas que mostra mais. A imprensa valoriza mais o problema, o acidente, talvez devesse que mostrar mais coisas boas.

É emocionante tu te ver ali, nessas questões tu tem poucos segundos para dizer que tem que dizer então eu falei da educação, na minha visão é isso que tem que fazer, tem que investir em educação para solucionar os problemas.

Aparece com esposa e filha a pequena tinha 3 anos e meio ficou encabulada. A repercussão para mim: a gente morando num assentamento, lá no fundão, longe da cidade 30 km de repente começa a tocar o telefone todos os parentes que viram e quem não é parente também comentou, dá uma repercussão. Acho que ajudou para eu estar nesse cargo político, por essas repercussões, a gente ta metido em tudo.

Perguntou como eu viva, como eu me via, quais as soluções para o Brasil. O Objetivo deles era conhecer a região, participar da festa não tava programado. A gente via todas as chamadas do JN, quando falava da Caravana saía São Miguel, então partiu de São Miguel, botou São Miguel no mapa. É interessante mostrar a região. Isso já faz um ano e 5 meses e ainda assim as chamadas que vendem o dvd ainda aparece São Miguel, é uma divulgação gratuita muito grande.

Fazendo esse tipo de projeto eles abrem o leque para todo o Brasil, porque realmente as notícias que mais aparecem são de São Paulo e Rio e assim mostra todo o Brasil, deviam fazer de novo, outro roteiro e mostrar os brasileiros para eles mesmos.

Eu acho importante mostrar peculiaridades, tradições, características locais, isso é interessante, preservação da cultura. Porque no momento que está mostrando só Rio e São Paulo acaba virando que só aquilo é o bom, só o axé da Bahia, que não tem variantes. O brasileiro tem que saber tudo o que existe pra valorizar. Há muitas variantes na cultura, na culinária, isso é fantástico.

1.4. José Roberto de Oliveira – Vice-prefeito de São Miguel das Missões, engenheiro, ex-diretor de desenvolvimento do turismo do Estado do RS (de 1999 a 2002).

Eu divido a minha idéia em o próprio programa, a seqüência dos outros dias, o conjunto das locações que ocorreram por todo o Brasil sempre reportando São Miguel como o local da saída, isso se repetiu durante todos os dias e o pós-programa. Para as Missões a Caravana, desde antes se comentava que estaria saindo daqui, criou-se um fato midiático de que aconteceria algo importante, a Globo comentava muito este programa como um grande programa isso tudo deu o ibope daquele dia que foi um dos mais altos que a Globo teve no JN durante o ano passado.

Trazer os personagens importantes do dia a dia para São Miguel das Missões. Me parecia aquela coisa do artista, a própria presença do Schroder, missioneiro, voltando para terra dele. Bial e toda a estrutura que teve aqui mexe muito com as pessoas, é o circo da tv.

Nós vivemos em São Miguel das Missões, que é um patrimônio histórico cultural da humanidade, um lugar extremamente interessante em que temos desde índios que saíram a pouco tempo do período neolítico, você tem pos doutores que vem fazer suas teses aqui,

então aqui tem todos os níveis de pensamento. Você tem um conjunto de pessoas ainda analfabetas, você tem gente produzindo arqueologia hoje com as principais universidades do Brasil.

Os moradores, para os locais eu diria que foi muito importante porque é um sistema de valorização. Eles vendo que um programa desses vem para cá obviamente mostra a importância do local, conviver com os personagens da tv, que autorizavam eles a fazer fotos, andavam para lá e para cá com eles, conversavam com eles, então isso é muito bom para auto-estima da sociedade, especialmente para os mais marginalizados que a vida inteira sequer saíram de São Miguel, não vão ao Rio ou São Paulo onde as imagens desses personagens estão no dia a dia demarcados com a televisão. É uma oportunidade raríssima pra essas pessoas de interagirem de falarem de tocarem de verem que aquilo é de verdade, que não é um ser pseudo-eletrônico que só vê na tv, que existe gente ali atrás. Ainda hoje elas tem fotos nas casas, no trabalho isso é muito legal. O jeito como eles agiram, de ser gente, não serem proibitivos, eles caminhavam livremente por aqui assim como se estivesse nas suas casas.

Importância financeira: porque as pessoas ficaram em hotéis. Ocuparam a rede hoteleira, ocuparam a infra-estrutura, a própria RBS ajudando. A valorização dos aspectos locais como a história, a questão indígena, os assentamentos, a questão da formação do povo gaúcho, quando ele diz que uma das mais ousadas experiências sociais que o mundo viveu, ou seja, tem valorização de aspectos que até agora a imprensa meio que fugia desse aspecto. Integrando e unindo a palavra comunismo com as missões quando a gente sabe que a base da formação desse pensamento mundial a partir de Paul Lafargue, de Kautski, que foi super importante e sempre se fugia desses aspectos e foi falado claramente no programa. A experiência missioneira, a partir da expulsão dos jesuítas que foram para a Europa e escreveram sobre isso daí grandes pensadores do mundo como Paulo Lafargue, que é genro do Marx, toda a estratégia, toda a teoria acadêmica sobre a formação do comunismo é missioneira e isso o Brasil desconhece. Antes mesmo do marxismo Paul Lafargue já escrevia sobre isso mostrando que a experiência missioneira era uma experiência única e diferente do resto do mundo e que serviu depois de base para a formação da teoria marxista. A mesma coisa aconteceu com Kautski, precursor do socialismo e que usa como base fundamental da sua teoria o modelo missionário e que lamentavelmente o Brasil escondeu isso de si mesmo até hoje e que agora começa a aparecer mais fortemente. Me parece que o programa falou pela primeira vez dentro do Brasil claramente sobre isso. Se nós buscarmos os documentos existentes vamos ver claramente que a base missioneira é fundamental para o

que nós chamamos de esquerda mundial e que a esquerda brasileira desconhece, no Brasil sempre se escondeu isso. O programa falou e muitas pessoas começaram a pensar e falar sobre isso.

Outra coisa muito importante foi o levantamento das demandas locais e que foram ouvidas pessoas da cidade e que reverberaram nacionalmente. Por exemplo o depoimento do Alfonso sobre a educação, que aqui nas missões é básico se falar sobre isso. Fez com que um grupo de pessoas saísse do neolítico em 1626 em 1630, 40 e 50 já estavam em pleno barroco que era o ícone mundial daquele período, o melhor da cultura mundial, que foi pela educação. Então tem um modelo nas missões que é fundamental de ser dito, redito e reprisado que é um modelo de educação que era o modelo da academia, de interação entre os jesuítas e os guarani. E esse modelo, onde uma sociedade nativa diz coisas de sua religiosidade, de seu modelo artesanal, de seu modo de vida e que os jesuítas conseguem captar esse processo todo e conseguem mesclar com o pós renascimento, que eles traziam para cá e obviamente com o barroco, que era o grande ícone daquele momento no mundo. Fazer com que uma sociedade neolítica de um salto de treze mil anos em poucos anos é algo grandiosos especialmente para um Brasil que está buscando soluções para educação.

Ferreiro, pintor, Escultor, músico, a primeira fundição de aço da América toda foi aqui, coisas que só existiam na Alemanha, na Itália, na França, na Espanha e Portugal, aqui se viveu a melhor tecnologia daquele momento onde os índios executavam essas coisas lembrando que eles tinham saído do neolítico em 1626. Com uma defasagem antropológica de 13 mil anos em relação à Europa.

As pessoas se verem na televisão é algo muito bacana. Levar a comunidade ao JN, trazer as pessoas para um evento importante e as pessoas se vendo ali, depois comprando o DVD e tudo mais. Isso é algo extraordinário, uma deflexão na vida das pessoas, causa uma mudança na vida das pessoas, vinham numa linha e dá uma mudada, se ver dentro de uma estratégia estrutura nacional e internacional pela Globo internacional. Pensar que milhões de pessoas te viram é algo super legal, importante.

Em nível regional firmou o pólo São Miguel como um pólo de realizações, pólo cultural, pólo histórico, de interesse turístico, isso também é um modelo, uma coisa importante que aconteceu aqui. Essa afirmação ou reafirmação. Dentro do estado firma São Miguel como o único patrimônio cultural Histórico da Humanidade no RS. A mídia estadual, 11 milhões de gaúchos falando, observando, ouvindo sobre São Miguel, marcar a presença de São Miguel nos lares dos gaúchos isso é imperdível e dentro dessa estratégia continua muito importante com o DVD e propagandas dele.

No Brasil apresentar a experiência única de um modelo político engendrado pelos jesuítas junto aos guaranis, é um marco importante. Apresentar as demandas do conjunto do Brasil e que mescla o passado, o presente, as necessidades, as experiências, São Miguel e as Missões no Brasil é muito importante para nós como marketing e visibilidade.

Marcar a imagem do patrimônio histórico e cultural nos lares brasileiros é um outro aspecto importante. Dá auto-estima e pragmaticamente falando dá mídia efetiva, que é posicionamento de imagem, marcar a imagem. Eu recebi ligações de gente que assiste através da Globo internacional e apresentar a experiência missioneira é importante.

Na sequência dos programas. Em todos os episódios mostrar imagens e dizer que a caravana tinha partido de São Miguel das Missões e estava hoje em x lugar é importante e marcou repetitivamente a imagem de São Miguel das Missões durante dois meses no JN. Se fosse transformar em mídia paga não teria dinheiro para isso.

Pós-programa: tenho como mais importante, na venda do DVD da Caravana. Foram milhares de vezes propagandas na Globo, desde jornais especializados, a imagem de capa era o Bial e as missões, o que é outra coisa importante, unir estas duas marcas. Em cada propaganda de 30 segundo São Miguel aparece 4 vezes. (16 vezes num dia). É uma exposição extraordinária do ponto de vista midiático. A massificação de imagem na capa do DVD nas bancas, é uma exposição massiva em todo o Brasil. Muito importante é a imagem de São Miguel sendo assistida nos lares das pessoas que assistem ao DVD, cria uma água na boca que é o desejável para um lugar turístico. É um conjunto de posicionamento de imagem, exposição positiva e que traz um tempo de reverberação importante. Uma coisa de um ano atrás continua viva hoje nos lares das pessoas e ficará viva através do DVD por muito tempo. Isso tudo forma um projeto que foi algo extremamente importante para as missões, para São Miguel das Missões de posicionamento da imagem do Patrimônio Cultural da Humanidade perante o país e fora do país, num horário de ibope importante.

O Brasil é um país muito dispare, muito diferente e quando você posiciona num mesmo programa um determinado ponto que era exatamente ver as diferenças e as necessidades do país, obviamente que você dá unicidade, essa idéia de integração pelos problemas, o programa deu esse conjunto sim e quando se discute o problema se discute alternativas e soluções. A primeira resposta que saiu daqui é a grande resposta, vale para os outros lugares também. O Brasil precisa de educação.

O Jornal Nacional apresenta o Brasil inteiro, mas sempre pelo fato negativo, uma tristeza ou desastre. A Caravana JN conseguiu mostrar além dos problemas a positividade, coisas boas do turismo, da cultura. A equipe comemorava, naquela noite, o melhor ibope

que o JN tinha tido no ano. Estavam todos alegres, era algo importante também para o programa e não só para a comunidade.

1.5. Louise Martini Moraes- primeira princesa do município de São Miguel das Missões, vendedora.

Eu fui convidada, eles mandaram ofício. Todo mundo sabia na cidade, cidade pequena, quando acontece alguma coisa todo mundo sabe. Eu era a primeira princesa do município. Estava muito frio, quase morremos de frio lá. Era para ficar todo mundo quieto por causa da gravação, senão atrapalhava. Eu nunca tinha visto um programa ao vivo e tinha um telão do lado que mostrava tudo o que passava ali, tu via na hora, a gente se viu.

A sensação de se ver na televisão é meio esquisita, parece que não é a gente, é engraçado. Fui entrevistada. Eles chegaram e perguntaram porque a gente tava vestida daquele jeito, se era para chamar a atenção? E daí falei que a gente estava representando a cidade e aí cortaram, entrou só a gente está chamando atenção, eu achei uma coisa boba assim, não tinha muito sentido.

Eu gostei porque divulgou bastante o município, todo mundo falava de São Miguel . Eles pegaram um pedacinho de cada coisa, foram lá fora tinha aquela guria que era do colono falando, assentamento do MST e depois vieram na cidade foram na redução, mostraram a escavação na catedral.

Eu acho que é interessante porque daí todo mundo ficou conhecendo as a outras cidades que não é só as capitais, todas tem seu valor, sua cultura, a cidade pequena também é importante, é bom de morar. As pessoas diziam “bah, tu viu lá, tu apareceu na tv, ou tu viu lá o que ta acontecendo em tal lugar”, as pessoas acompanharam e era comentário depois. As pessoas sabiam que ia ter aí todo mundo foi lá por curiosidade para ver e gente de fora, também de Santo Ângelo, de São Luis, Caibaté, São Borja, cidades próximas, para ver os apresentadores.

Eu assisto diariamente, porque ali acho interessante porque ali tem tudo que é notícia, tu vê o que acontece no mundo, aparece moda. Eu acho que é a realidade. O JN conseguiu, através disso unir o Brasil pela tv. Eu acho que foi positivo porque divulgou o município, destacou a cidade.

Eu acho que eles já tinham em mente o que eles queriam: conhecer melhor a região, não vieram para conhecer cada um de nós, mas sim o todo. Eu estava representando meu município. O pessoal de fora valoriza mais as ruínas do que o povo daqui. E eles vindo aqui,

de repente o pessoal começa a valorizar. Tem gente que diz é só um monte de pedra, aí quando o Jornal Nacional veio aqui, as pessoas começaram a valorizar também.

1.6. Lidiane Oliveira dos Santos – 13 anos, estudante.

Soube pelo dito popular, eles anunciaram, que iria ter. Eu me lembro que tinha um monte de gente daí o Bial passava na frente. Tinha uns que agarravam ele, era para ficar atrás de uma faixa. Pararam umas duas vezes para ficarem quietos. O Bonner e o Bial são bem queridos, o Bial cumprimentou quase todo mundo, o Bonner também, legal. É bem diferente, a gente sempre vê eles pela televisão aí tu vai ver assim ao vivo é diferente.

Vimos o ônibus do JN parado em frente às ruínas, aí muita gente tirou foto. Mudou o clima na cidade, ficou por um bom tempo aquele comentário, tu viu o Bonner e o Bial.

Divulgou a nossa cidade que é pequena e muita gente nem sabia que existia, daí falava sempre que a Caravana começou em São Miguel das Missões e veio bastante turista depois disso. Nossa região ficou bem representada. Divulgou bem o que é São Miguel, os índios tudo. É pouco falado do Rio Grande do Sul é mais ali São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, aí divulgou bastante, deu um pouco de orgulho. Minha mãe, que tinha ficado em casa com minha avó, elas viram na tv, eu fui com uma amiga minha.

Aparece todo dia ali a gente tem curiosidade de ver de verdade, se é aquilo mesmo. Olho JN de vez em quando, não é muito programa para adolescente. JN ali mostra o que é real, o que tá acontecendo, dá para acreditar. A gente ficava ligado para ver as outras cidades, conheci melhor o Brasil. Ver o problema dos outros faz com que eu me sinta mais brasileira como esse cara (ribeirinho) mesmo distante, é do mesmo país, quase a mesma descendência porque eu sou descendente de índio e eles também. Sou descendente de índio e português, lá no Amazonas também tem bastante índio.

Eu acho que o telejornal permite uma congregação, porque mostra variedade de opiniões. Eu me informo por revistas, também, e na minha casa se ouve muito rádio, por influência da minha avó. Eu já tinha visto Galpão Crioulo, (programa da RBSTV) uma vez, ao vivo, mas é bem legal o jeito que eles gravam, cheios de equipamentos e não pode errar. O trabalho é agitado mas parece que os jornalistas já estão acostumados.

O ônibus chamava muita atenção, todo mundo via ele na tv e sabia que era do JN. A região das missões representa bem o Rio Grande do Sul e esse era o objetivo deles. Nossa cultura, tradição, foi valorizada.

Todo mundo sem lembra bastante, ficou na história de São Miguel, uma cidade pequena, quem imaginaria que Bial e Bonner fossem vir aqui fazer um jornal ao vivo aqui.

Olhar a nossa própria imagem é esquisito para quem nunca esteve na tv, meio esquisito, dar até um pouco de vergonha de aparecer na frente de todo mundo. Acho que se ninguém soubesse que estava sendo filmado a gente estava de uma forma, saber que ta todo mundo vendo, aí é outra coisa, dá vergonha: será que vou fazer bem? Todo mundo tinha que ficar quieto, senão o som aparecia na filmagem e tinha um telão em que a gente se via. Eram muitas câmeras.

1.7. Jussara Munaretto – cabeleireira

Eu reconheci a minha comunidade nesta reportagem, o nosso patrimônio foi bem mostrado. Amanheceu muito frio e a gente estava louca para ir, meu marido não queria que nós fôssemos porque estava muito frio e o meu filho tem problema de asma e disse não podia passar frio, mas a gente não podia perder esta oportunidade. Então colocamos pala (roupa típica) de lã e fomos. Eu a Cassiana e o Bernardo (filho 11). Chegamos a fila já estava grande, era tanta gente que ficou calor. Dentro do sítio arqueológico foi estendida uma corda e tinha seguranças, nós ficamos posicionados atrás. Tínhamos que ficar bem em silêncio para não atrapalhar as gravações.

Eu me emocionei muito de ver o Bial, o Bonner, ouvir a voz assim de perto e eles foram bem carinhosos, chegaram perto do pessoal para tirar foto. Eles são iguais como eu imaginava. Eu admiro porque eles são pessoas muito estudiosas, né? Para eles contarem a história eles tiveram que estudar também, eles não conhecem a história como a gente que vive aqui, e eles também tinham que contar para câmera aquela história do povo ali. O que eles contaram é a história mesmo.

Aqui em São Miguel todo mundo se comunica, todo mundo sabia que eles viriam para cá, ouvi no rádio, no jornal. Os olhinhos das crianças brilhavam diante do ônibus azul da caravana JN. Quando tem um evento assim importante, as crianças vestem a roupa típica de gaúcho e assim foi naquela noite, todos pilchados.

Vir para o interior foi válido porque as capitais é o que já aparece na tv. Nas novelas é o que se passa no Rio de Janeiro, São Paulo. E o interior também tem vida própria, vivem pessoas que por um lado são até mais sofridas, mas por outro tem a tranquilidade do interior.

A gente acompanhou o resto da viagem da caravana também pela tv. Teve momentos em que eles atolaram o ônibus, lá no nordeste, eles também passaram dificuldade, né? Essa experiência da caravana mostrou o Brasil. Quando dava aquela musiquinha (da vinheta) a gente corria para olhar. Onde será que eles estão hoje, o que eles estão fazendo hoje, porque o pessoal se interessou, afinal nós já conhecíamos eles. Isso depois gera conversa com a

vizinhança, amigos. Eu até tenho um irmão em Maceió ele me ligou dizendo que tinha nos visto, e ficou atento. A gente olhava e conversava depois. Cada região é diferente, as suas culturas, as suas riquezas e até pobreza. A cultura de quem trabalha na lavoura, as crianças indo pro colégio a pé. Eu também já fui pro colégio a pé, na chuva, com sacolinha de plástico, a gente vê que alguns hábitos não são tão diferentes do que a gente passou. Antigamente não tinha esses ônibus que pegam as crianças em casa para ir ao colégio. Nós andávamos 4 ou 5 km e a gente vê que isso ainda existe no norte do Brasil.

Na nossa casa a gente assiste ao JN todos os dias, mais eu e meu marido, porque a Cassiana vai para aula de noite e o Bernardo fica no computador. Eu prefiro o JN, tem gente até que assiste outros jornais, eu não consigo. Eu acho que é mais verdadeiro. Tanto mostra as coisas boas como as ruins.

A passagem deles aqui foi uma coisa muito importante para cidade, mais do que isso para região e foi um evento nacional. O meu marido é guia turístico e as pessoas quando vem para cá comentam, ah, esta foi a cidade que o William Bonner esteve, eles comentam e até vem mais turistas para conhecer por causa da Caravana.

Eu acho que o Bial e Bonner são os dois melhores jornalistas hoje, e a gente se sentiu valorizado com a presença deles. Não foi a RBS que veio e depois passou para rede, como acontece sempre, mas eles mesmos vieram para cá. Agora depois de tê-los visto, parecem até da família, a gente ta vendo todos os dias essas pessoas, mas depois de ver pessoalmente acho que é bem mais bacana. Eu como eu já vi vários artistas que vieram aqui, tive contato com eles, quando as pessoas os vêem na tv dizem que lembram de mim. A sensação, para mim, mesmo sendo jornalistas era de que se tratava de artistas da tv.

Não houve nunca um pedido para alguém respondesse determinada coisa, ninguém sabia o que seria perguntado, era muito natural, espontâneo. Eu achei o máximo!

1.8. Cassiana Munaretto – estudante 17 anos

Foi uma experiência maravilhosa para nós, ficamos conhecidos. Nós estávamos bem na frente, deu para nos ver na tv. Bah, quando a câmera passava era só risos! A gente ficava de olho deles e no telão, não sabíamos se olhávamos para os apresentadores ou nos procurávamos na imagem atrás. Eu estava vestida de prenda.

Eles deram autógrafos, tiraram fotos. São pessoas que lutaram para chegar onde estão. Foi muito importante. O JN mostra bem a realidade. As pessoas ficaram mais interessadas pela história de São Miguel. O fato de eles serem jornalistas importantes e de eles terem vindo aqui indica que há em São Miguel alguma coisa importante.

Quando acabou as crianças não queriam ir embora. A gente ficou lá no ônibus, que estava estacionado em frente à Secretaria Municipal de Turismo por mais uma hora na expectativa de encontrar eles, mas não deu.

Para nós foi muito positivo, até hoje as pessoas falam nisso. Não houve nada que a gente não tenha gostado, eles foram muito educados, muito agradáveis.

1.9 Entrevistas realizadas na Associação da Etnia Italiana

1.9.1. Ivan Barrachini - agricultor, presidente da Associação da Etnia Italiana.

Conta que eles souberam da Caravana pela televisão, pela RBS TV, empresa afiliada da TV Globo no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O Bonner passou a idéia que ele é uma pessoa sem frescura nenhuma, isso que o pessoal achou ele uma pessoa muito legal, normal, porque tem artistas que se consideram estrelas, com exigências, mas ele não. Até nós servimos vinho de um companheiro nosso que já falaceu, ele estava aqui, eu lembro que ele disse Bonner perguntou para ele quem pisava naquela uva, para fazer o vinho. Daí ele brincou que eram os netos deles que pisavam. A gente deu de regalo uma garrafinha. A receptividade dele foi muito boa, todo mundo gostou dele. Todas queriam tirar fotos com ele. Eu achei ele mais alto, ele é bem mais alto pessoalmente, assim. Ele é incrível.

O pessoal do mundo inteiro agora sabe que Santo Ângelo tem a associação italiana.

As reportagens da Caravana deram alma ao telejornal, uma alma nova para sair fora daquele esquema pesado. Aquela proximidade com o público enriqueceu muito o jornal. É importante o contato, conhecer o outro.

Comparando com o OMO, sabão em pó, já está na vida das pessoas.

1.9.2. Domingos Frandoloso – policial federal aposentado

Foi excelente, foi muito legal. Foi muito, muito gentil, cantou aqui no meio, o grupo do coral estava aqui se enturmou, cantou junto, foi uma beleza. Muita foto, fez muito sucesso com as mulheres, também! Era a expectativa de vê-lo, né?

Eles tentaram sintetizar, mais ou menos a cultura e a história.

Eu acho que é super válido, porque daí o jornalista (apresentador- Bonner) tem a dimensão de cada região, senão ele fica dentro lá, ele recebe as informações e só repassa, tá ali no Rio, não conhece. Uma vez que ele pisou aqui, conheceu o povo, a geografia, sentiu o frio, etc, foi muito válido. Repercussão muito boa: “te vi na Globo, te vi na Globo, vi o gaiteiro lá na Globo, gente da cidade, do norte do país e até de fora do Brasil teve gente que

me conhecida e por acaso a gente apareceu um pouquinho mais cantando e tocando, chama atenção, né? Muitos parentes se lembraram que existia um outro Frandoloso. Parentes que fazia horas que eu não via me ligaram. Eu acho que eles ouviram os brasileiros dos mais distantes rincões. Pelo menos para nós aqui, a oportunidade que nós tivemos para mostrar a nossa etnia humilde e simples mas foi realmente surtiu efeito desse lado, foi muito bom.

Além da tv chegar até o nosso meio, trazer os ícones que apresentam o JN se colocar no meio da gente de igual para a igual, numa simplicidade numa coisa maravilhosa, eu acho que trouxe também a oportunidade de divulgar, de mostrar a nossa casa. E achei muito válido.

Como se diz: se a gente ama o próximo, os distantes se aproximarão, então eu acho que no momento em que se conhece outras realidades isso é bom para gente ter essa dimensão, senão tu ficas atento as tuas coisas, ao teu dia a dia, não sai fora desse âmbito e assim é bom, tu ficas conhecendo como é realmente a vida deles lá (Amazônia), assim como o resto do Brasil ficou sabendo como é a situação nossa, o que existe aqui, eu acho super válido.

A verdadeira Itália é aqui no Brasil, pelo menos nesses rincões, porque a gente que vive estas tradições antigas. Na Itália, hoje, tu não come polenta, essas coisas típicas nossas é muito difícil encontrar, a Itália de 1700 está aqui.

Você pode tomar as dores de um sofrimento de um ribeirinho da Amazônia, a consciência pode existir, você pode se tornar consciente que poderia fazer alguma coisa mas na prática, a não ser uma campanha dessas que você doa uma coisa, mas para que eu doar se o vizinho da minha casa está passando mal.

Quando estou em casa assisto ao JN.

Tem essa idéia, deu no JN é verdade.

1.9.3. Jacó Rampon- militar aposentado

Ele batia fotos com todo mundo, conversou com todo mundo. Ele esbanjou simpatia. O espaço é reduzido, não dá para mostrar tudo porque a região é muito grande e tem muitas coisas, mas o que ele mostrou o principal.

Sair da rotina, ficar só no estúdio, sair para fora um pouco para eles foi muito válido também. Eles conheceram coisas que nem imaginavam que existiam.

Hoje em dia é Brasília, Rio e São Paulo. É bala perdida no Rio, o senador que roubou mais um tanto, mais uma CPI, se baseia nisso aí do começo ao fim, são os assuntos que estão em voga. E não aparece alguma coisa boa que acontece aqui, que acontece no

nordeste. Durante a Caravana eles conseguiram mostrar o Brasil e isso é super importante. Só que isso deveria acontecer mais vezes, não só no sul mais em todo o Brasil.

Assisto diariamente, certos eventos só iniciam depois do Jornal Nacional. O pessoal chega só depois do JN.

Mostra um pouco da realidade do Rio. O poder está em BSB onde a corrupção é maior. Ele mostra a realidade, agora mostra a realidade que interessa ao próprio jornalista, a própria empresa Globo. Tem outros que mostram uma realidade um pouco diferente, a Globo mostra o que interessa para eles. Não atacam tanto o governo, porque eles estão mais pro lado do governo. A Globo tem os prós e contras. Tem outras emissoras que mostram a realidade mais tocante, eles vão mais a fundo na coisa, a Globo mostra mas às vezes só de forma superficial e não mostra o que vem por trás daquilo. Atualmente eles estão um pouco devendo esta realidade pro povo. Aqui foi beleza.

1.9.4. Odilse Dorneles Rampon – dona de casa

E pego meu crochê e fico ouvindo, mas meu marido (Jacó) não há quem tire da televisão.

1.9.5. Maria Aparecida Lucca – professora

Tem sempre um mito que cerca a pessoa que está lá na tv, principalmente para nós do interior, mas logo depois disso, a RBS TV fez uma apresentação do Jornal do Almoço em frente a Catedral de Santo Ângelo, então também vieram Cristina Ranzolim, os demais apresentadores, Paulo Santana. A RBS costuma fazer programas ao vivo nas cidades do interior e isso desmistifica um pouco a figura do apresentador. Mas eu me lembro que as pessoas que estiveram com o William Bonner todos comentaram da simplicidade, da afinidade dele com o público. Porque a gente endeusa essas pessoas como se elas não fossem com sentimentos, com família, com fralda para trocar e filhos, com essas coisas cotidianas e na verdade eles se mostraram muito parecidos.

As reportagens foram didáticas, conseguem trazer a história em tão pouco tempo.

É difícil acesso lá para cima (do país) então como é legal esse espaço que foi dado. Porque a história do Rio Grande do Sul tem começo aqui. A delimitação disso aqui aconteceu em 1800 depois que saíram, que expulsaram depois da guerra.

Acho que o fato de a reportagem ter focado a cultura indígena foi uma espécie de pagamento de uma dívida social, já que os índios, juntamente com os negros, que na época formavam mais da metade da população no território gaúcho, nunca foram beneficiados com

política nenhuma de terra, diferentemente do que aconteceu com imigrantes açorianos, alemães e italianos. Durante todos os momentos de ocupação de terras no Rio Grande do Sul, a cultura indígena foi a que mais sofreu.

Não deveria ser JN e sim BO – boletim de ocorrência, porque dá nojo de assistir. Você só assiste, infelizmente, é o que a gente tá conseguindo ver no Brasil hoje é a corrupção, tráfico de drogas, só isso. Então a Caravana dá uma alma nova. Eu acho que tem tanta coisa boa para se mostrar, e foi dada a oportunidade para isso, porque a gente viu coisas boas. Se torna um compromisso muito maior, saber que tem que falar para todo mundo, aí que justamente essa idéia de poder falar para todo mundo. A vinda aqui vai ajudar até para que eles possam escrever melhor, saber que tem outras coisas acontecendo e empreendedorismo. É uma outra ótica, um outro jeito de ver as coisas e acho que a tv tem esse compromisso.

Mas ainda mostra pouco das peculiaridades e talentos de cada região. Dá um exemplo do teatro. Nada do que acontece no teatro em Santo Ângelo, ou interior de Santa Catarina tem espaço na mídia. Poderia fazer coisas desse tipo. Esse país é tão rico em termos culturais e tão carente de divulgação. E a gente consome tanto o que vem de fora.

Em termos de identidade, quem eu sou, de onde eu pertença, de onde eu vim, a partir do momento que nós ficarmos todos iguais, há um processo de massificação, quando chegar nesse momento não vai ter volta então toda iniciativa que faça isso, preservar tua identidade, tua cultura, teu jeito de ser e você não precisar ser igual, se vestir como o pessoal da Globo se veste, ser bruto. Dá orgulho, nós temos muito orgulho de ser italianos, canta música e fala a língua, come a comida que nossos antepassados faziam, cita o licor de jabuticaba que a mãe fazia. Eu fiz e servi no churrasco, então a gente tem muito isso de segurar, de aprender as coisas, de continuar fazendo elas. Não só o gaúcho tradicionalista, mas a gente que tem origem italiana, cada bordado, a gente cuida.

1.9.6. Roque Turr - funcionário público

Ficamos sabendo que eles vinham, como vinha o William Bonner ficamos antenados. Saiu no ar a nossa cantoria. Ele é bastante carismático, não é a toa que está onde está. Tem uma consciência de homem público bem alta, foi simpático, atendeu todo mundo, bateu foto. A parte que vai para o ar já é bem peneirada, mas o Brasil é mais ou menos isso mesmo.

Para nós indiretamente foi uma promoção porque apareceu na tv de graça, o que é uma coisa muito difícil. Fora ninguém tem idéia de que aqui tenha um núcleo assim tão forte, italiano. Acho que foi bom a nível nacional, quando passou aquela turma cantando,

mostraram a parte alegre. Nós assistimos tudo, era bem interessante porque aquilo foi um programa político, trazia a ânsia das pessoas em cada lugar e como era e o JN não focou só a parte rica da coisa, só o progresso, focou o povo, o grosso das pessoas. A gente já tinha viajado pro norte que é uma coisa bem diferente, então a gente tinha uma idéia que é mais ou menos assim, né?. Mas ficou bem retratado. Mostrou bem o Brasil, chamou atenção. Deu pro Brasil ver todos os quadrantes e todas as suas necessidades, esse era o objetivo deles e ficou muito claro isso.

Em comparação com os outros telejornais o JN é bem mais ágil, a concorrência tem notícias atrasadas. Eles conseguem se comunicar com um público diverso. Até o índio tem televisão hoje em dia.

O JN para nós é todo o dia, é indispensável como o chimarrão. Vemos eu e a mulher.

Anexos 2

Abaixo seguem, na íntegra, as transcrições das entrevistas realizadas em Ouro Preto.

2.1. Wlamir de Jesus – guia de turismo

Eu soube que eles viriam para Ouro Preto através de um programa de televisão de que eles passariam em vários estados. Nesse dia eu estava trabalhando, eu estava rodando com uma família de Campinas, eles iriam ficar de um dia para outro, e iriam embora um dia antes do dia que fizeram a filmagem aqui, eles ficaram para assistir ao programa e eu fiquei com eles na esquina da Escola de Minas. Estava muito cheio, eu vi um pedaço e depois fui para casa e vi o resto em casa. A praça estava muito cheia, tão cheia que eu, que não gosto de tumulto, resolvi ir para casa.

2.2. Cláudio Rogério Gonçalves Coelho – agente cultural, 30 anos.

Eu soube através da *internet*, havia informes na página da Rede Globo. Eu me interessei por comunicação, então me chamou atenção. Eu estava numa apresentação de capoeira e logo depois estávamos prestando menos atenção na capoeira e mais na filmagem, a gente viu que estavam colocando bastante equipamento, na praça, o Pedro Bial estava por lá andando. Até então eu não sabia que era ele aí o pessoal dos guias falou: aquele é famoso. Aí logo depois, na tv eu reconheci os traços. Não o reconheci de imediato.

O Pedro Bial, eu não imaginava que ele seria uma pessoa simples, achei que ele não conversaria com ninguém, que ficaria na dele, mas comigo foi o contrário, o Pedro se mostrou bem descontraído, como se a gente fosse conhecidos de muito tempo. Me perguntou se eu queria participar da entrevista mas eu preferi ficar só assistindo mesmo, na platéia. Foi uma experiência bastante enobrecedora, conhecer e ter mais diálogo com as pessoas que a gente admira. Foi legal que a tv teve interatividade com o povo. O público viu que não é só uma coisa supérflua ou designada apenas para as camadas superiores da nossa sociedade. Não são apenas os ricos que tem capacidade para serem mostrados, e bem mais descontraído, dá valor ao homem comum. Eu me senti bastante valorizado por eles terem vindo a minha cidade, terem mostrado a nossa cultura. O que foi mostrado na reportagem e mesmo a realidade de Ouro Preto. O problema da favelização é sério aqui. Existem 3 grupos em Ouro Preto, os universitários, os turistas e os moradores.

Eu assistia a outros capítulos da Caravana em outros lugares. Mostrava bem a natureza, os tesouros do Brasil, valorizava bem isso.

A Caravana cria integração. Ao ver na tv a gente vai assimilando aqueles locais e se um dia for até lá, a gente já tem uma idéia do que seja aquilo, então você vai interagir melhor com aquele meio e até valorizar mais o local que se visita. Mostra também a capacidade de o ser humano assimilar territórios que não são conhecidos por ele totalmente. Essa integração existe pela tv. Da para ver que a herança da gente está sendo mostrada, sendo valorizada, sendo transformada em imagem. A tv com certeza é capaz de integrar as regiões distantes. Mostra o que de valor a gente tem para o Brasil todo.

Assisto ao Jornal Nacional 3 vezes por semana em casa com a família. Em termos eu respeito o JN, mas acho que deveria ser mais interativo, buscar mais a comunidade, se aprofundar mais. Sinto falta de ver a realidade do morro, da favela.

Foi positiva a passagem da caravana por Ouro Preto porque deu mais conscientização ao povo, para cuidar nosso patrimônio. Além disso foi bacana ver Ouro Preto ser incluída entre as cidades do roteiro e ver que aqui houve interação dos jornalistas com a comunidade.

2.3. João Pereira – guia de turismo

Eu fiquei sabendo pela televisão, pelo Fantástico. Havia um anúncio que a Caravana passaria. O movimento na praça durou o dia inteiro, desde a montagem dos equipamentos até a transmissão propriamente dita à noite.

O Ouropretano é assim, quando ele vê que tem algum evento ele na hora tem curiosidade, mas não se fixa muito, porque já está acostumado com esse tipo de coisa. Agora à noite, os turistas que estavam aqui realmente encheram a praça.

A reportagem mostrou bem Ouro Preto.

Existe uma lei de 1931 que proíbe a construção nas encostas por uma série de fatores a estrutura geológica tem muito filito, uma rocha que desliza, por isso quando chove desliza. A lei de preservação do núcleo urbano é de 1978. Você pode fazer modificações no interior da casa mas a fachada tem que ser preservada.

Eu acho que o valor disso está na divulgação das diferenças entre as cidades, cada cidade tem uma característica própria. Então você pega, por exemplo, uma cidade como Ouro Preto, que é uma cidade colonial Patrimônio da Humanidade, e ao mesmo tempo eles passaram, por exemplo, por cidades com outras características, muitos povoados do tempo da colonização portuguesa. Se você observar na estrada real, a cada 30 km há um povoado, um núcleo urbano, então é muito bonito mostrar isso. Já quando você vê uma cidade do Ceará as características são outras: criação de bode, comportamento diferente, os

regionalismos, os hábitos, a maneira de vestir, o sotaque. E algo que é muito comum quando se fala do nordeste e a questão da água, a dificuldade por ter água e a gente aqui, mesmo sem ter este problema, só de ouvir falar a gente vive isso. A tv é um fator de integração nacional.

Eu me informo mais pela tv. Vejo Globo Minas, depois Bom Dia Brasil e JN, as vezes. O Jornal da Globo eu vejo mais. Infelizmente a imprensa hoje foca muito daquilo que vende, catástrofes, desgraças, problema de comportamento de família, crime, acho que 70% dos noticiários é crime. O lado cultural também importa. Por isso, num cenário assim, é importante focar e mostrar o regional, é muito melhor do que esse leque de notícias que foi citado acima. A caravana foi muito bonita.

Ouro Preto é ímpar. Olha a importância de Ouro Preto, a Serra Pelada no auge da produção de ouro tinha 25 mil garimpeiros, aqui teve 100 mil em 1700. Aqui era quatro vezes maior do que Serra Pelada, era o dobro de Nova Iorque em 1750, tinha 110 mil habitantes aqui, portugueses, garimpeiros, Nova York tinha 50 mil.

2.4. Pedro Custódio Filho – guia de turismo

Eu me reconheci na tela, ao fundo.

Também fiquei sabendo pela tv. Eu estava na noite, na praça. Foi bom, todo mundo alegre, todo mundo sabia que era uma coisa importante a gravação do Jornal Nacional. E até para Ouro Preto é bom para divulgar a cidade.

Foi um evento, movimento a cidade o dia inteiro. Eu vi Fátima Bernardes a mais ou menos uns 15 metros de distância. Para mim ela é a mesma coisa que na tv. Foi muito simpática, cumprimentou todo mundo, deu tchau para todo mundo, foi muito legal.

Com certeza reconhecemos Ouro Preto na reportagem. Vi a Igreja Santa Efigênia, São Francisco de Assis. Achei legal mostrar o escultor Vevê, o interior da Escola de Minas, a Igreja do Pilar.

Evidente que a tv gera integração. A gente não tem muito a ver com jogadores de futebol, com crimes, não sei onde, prefiro ver cultura, as cidades, em vez de mostrar coisas que não tem nada a ver. Para nós que trabalhamos com o turismo é ótimo, mostrar Ouro Preto para o Brasil todo e para o mundo, isso para nós é muito importante mesmo, é ótimo. Embora Ouro Preto já seja uma cidade bastante conhecida, sempre é bom uma propaganda a mais. Achei legal o interesse para nós Ouro Preto, para lojas, para hotelaria, querendo ou não foi uma propaganda. Pra mim representou bem Ouro Preto na reportagem.

Eu me lembro do tempo do telegrama.

Foi diferente. Porque quando você vê na televisão não tem ninguém em cena, somente os apresentadores. Aqui dava para ver o povão todo, todo mundo com aquela curiosidade. Não tenho estatística para dizer se veio mais gente para cá por causa disso, mas posso dizer que para Ouro Preto foi muito importante, muito legal, muito bom.

2.5. José Antônio Bittencourt - comerciante

A reportagem mostrou Ouro Preto muito bem. O problema do crescimento desordenado em Ouro Preto sempre teve. O crescimento é um problema agravado pelo número de universidades que existem aqui. Quando eu entrei na faculdade, em 1979, entravam 100 por ano. Hoje, só em julho, de cursos novos vão entrar 2000 pessoas. No meu tempo a faculdade tinha 1500 alunos hoje ta com 6000, e vão entrar mais 2000. E a previsão ate 2010 mais 6000 alunos e não tem tantas repúblicas ou lugar para todas essas pessoas. Por isso e que se vai construindo em tudo que e lugar, vão se abrindo bairros sem infra-estrutura, sem planejamento. Mas o IPHAN embargou mais de 200 obras.

A tv permite interação entre os brasileiros distantes. Você acaba interagindo sem querer. É um marketing gratuito da cidade. Nos sentimos valorizados. O fato de Ouro Preto ser uma das poucas cidades que são Patrimônio Mundial deve ter atraído eles até aqui.

A televisão consegue unir locais distantes, através da programação. Num momento em que tudo está globalizado junta até a China com Ouro Preto. Hoje nós temos satélite, antigamente o repórter Esso demorava 3 dias para saber das notícias. Eu, quando tinha 10 anos, quando chegavam sete horas da noite a gente sentava na frente do rádio para ouvir. Não tinha televisão ainda.

2.6. Vevêu – escultor, 63 anos

Eu soube através do próprio Jornal Nacional que essa Caravana viria a Ouro Preto. Como iria passar por várias cidades brasileiras e fiquei atento a isso. Gosto muito de jornalismo e acho que o melhor e mais completo é o da Globo mesmo, sempre assisto ao JN e Globo Repórter, reconheço o talento das pessoas que fazem esses jornais. Fátima Bernardes e Pedro Bial são pessoas talentosas no que eles fazem.

Eu acompanhei essa movimentação, essa curiosidade do Oupretano e esse impacto que a caravana causou na comunidade. E o Ouro pretano se orgulhou muito com a presença da caravana aqui porque não foi privilégio de todas as cidades. Ouro Preto foi uma das poucas cidades mineiras, além de Itaúna.

Me comunicaram um dia antes que o Pedro Bial viria até o meu atelier para fazer uma matéria comigo, mas eu não acreditei. Eu fiquei muito surpreso porque é uma grande honra para mim, seria uma grande honra então, eu estava acreditando. Perguntaram para mim se eu estaria no meu atelier no dia seguinte pela manhã e eu disse que sim, assumi esse compromisso com eles, mas fiquei assim naquela, como a emoção era muito grande, tanto que eu cheguei e fui pro meu quarto assistir televisão. Depois surpreendentemente bateu na minha porta, eu fui atender achando que seria um amigo. Quando eu abro a porta ele se identificou “eu sou o Pedro Bial” e perguntou se poderia me entrevistar. Para mim foi um impacto muito grande, mas eu mantive o equilíbrio nesse momento. Eu não perco a fala, apesar de que estava sentindo uma emoção muito grande. Ele me surpreendeu de uma forma bastante positiva, eu tinha o Pedro Bial como uma pessoa simpática, como ele sempre se mostrou lá na televisão, nas suas reportagens, uma pessoa muito capaz, muito inteligente, mas me surpreendeu pela simplicidade dele, sendo uma pessoa tão talentosa, uma pessoa gabaritada, jornalista e repórter tão capacitado que eu sempre assisto, não pensei que ele fosse tão simples como se mostrou e se apresentou aqui. Se mostrou uma pessoa extremamente autêntica, o que é muito bonito, ele é uma pessoa muito talentosa, mas simples, sem fazer qualquer tipo de esforço para isso, com a maior naturalidade. Ele é um repórter diferenciado. No momento das suas perguntas ele se coloca como se fosse a minha própria pessoa, para fazer algo dentro da qualidade total, como foi feita aqui. Se eu fosse um faxineiro, sem tirar o mérito disso, no momento da matéria ele se colocaria na mesma simplicidade de um faxineiro, de um varredor para conseguir a matéria com a verdade com a qual ele conseguiu aqui no meu atelier.

A reportagem tem muita autenticidade, foi muito autêntica na hora de retratar a realidade de Ouro Preto, foi feita com muita verdade. Mostrou Ouro Preto na sua essência. Falou do Patrimônio Histórico, do crescimento das favelas, do crescimento desordenado, pois não tem havido espaço para construções dignas. Essa população se espreme pela periferia, se colocando em locais de pouca segurança, mesmo sabendo que são áreas de risco.

A passagem da Caravana foi como uma festa, uma festa que jamais havia acontecido em Ouro Preto. Ouro Preto foi tomada de uma emoção muito grande e todas as pessoas ficaram ligadas. Aquelas que não puderam ir até a praça ficaram ligadas, atentamente à tv para ver a reportagem feita aqui. Na praça foi um espetáculo incrível, foi como uma festa que Ouro Preto jamais viu, porque foi realmente uma oportunidade única e que nunca tinha acontecido aqui.

Depois da matéria ter ido ao ar, por todo o lugar onde eu passava as pessoas me reconheciam, e falavam: “puxa vida Vevê, eu te vi na televisão, com o Pedro Bial, fez uma matéria muito interessante contigo”. Até mesmo que não me conhecia vinha dizer: “ah é você o escultor daquela reportagem com o Pedro Bial, eu estou te reconhecendo agora”, até nas agências bancárias os funcionários me interrogavam sobre isso. Para mim foi sensacional. Houve amigos e clientes de várias partes do mundo, porque eu tenho obra na França, Itália, China, Alemanha, até de fora do Brasil me viram. Da França me ligaram duas pessoas amigas que tinham comprado obras minhas há muito tempo atrás e ligaram emocionadas, até chorando: “puxa vida Vevê, achei tão bonita aquela reportagem ninguém merecia mais do que você, uma pessoa amiga e simples, e sempre quis se familiarizar com cada ser humano”.

Eu achei incrível porque foi um trabalho jamais feito por outra emissora. Eu creio que a maioria delas deve ter invejado bastante o trabalho que fez a Globo com a caravana porque foi um trabalho incrível. Acompanhei muitos episódios.

Tudo o que você ainda não conhece e você vê pela primeira vez é muito importante. Você conhecer o seu país, ainda que seja pela televisão através de uma reportagem tão bonita como foi essa, é muito importante. É importante também que as pessoas saibam que em Ouro Preto há pessoas como eu, que não sou melhor do que ninguém, mas procuro ser, sobretudo, um homem autêntico e normal, como deve ser todo o ser humano, sem qualquer maquiagem.

A tv tem muita capacidade para criar integração entre regiões distantes, ela tem muita força. A tv, principalmente a Globo, ela tem uma credibilidade muito grande. O que ela faz é incrível, é sucesso, para mim é sucesso. As reportagens sobre o desmatamento no Amazonas, no Pará, isso me machuca muito porque eu sinto pelo nosso planeta, talvez mais do que os políticos. Se nós temos hoje acesso à informação como temos hoje, podemos ver o problema do desmatamento na tela da tv, então nós teríamos de ter a responsabilidade de cobrar providências. Se nada é feito é porque pode haver interesses por trás disso tudo. Você não precisa ser nenhum intelectual, nenhum especialista para saber que o desmatamento traz prejuízos. Me interessei também pelas reportagens da camada de ozônio, eu procuro saber tudo isso e encontro fonte na televisão.

Eu vejo o Jornal Nacional diariamente. Acompanho o JN há muitas décadas, nem saberia dizer quantos anos. Eu sempre assisti, sempre fui muito caseiro. Assisti com a minha mulher e meus filhos.

Eu sou uma pessoa que...o meu mundo como escultor é um mundo pequeno. Todo o ser humano tem o seu próprio mundo, e o mundo do escultor, eu procuro ter o meu mundo, mas eu procuro estar atento ao mundo que eu vivo nele que é um mundo cheio de problemas, cheio de diversidade, pessoas carentes, outras privilegiadas demais. Então eu procuro estar atento e informado quanto a esse mundo em que nós vivemos. É claro que eu preciso ter este mundo de criação que é o mundo do escultor. Ele é pequeno, mas eu preciso desse mundo pequeno. É nesse mundo pequeno que eu procuro criar minhas obras e antes de fazer qualquer uma eu procuro fazer um período de meditação muito grande para que eu possa buscar uma obra que jamais eu criei, diferente de todas as obras que eu havia criado. A tv ajuda a trazer este mundo grande. Se eu não assistir o JN, como normalmente assisto, eu vou me tornar uma pessoa, além de mal informada, uma pessoa vulnerável a uma série de coisas. Porque o JN te informa tudo, a evolução, a maldade do ser humano, a bondade do ser humano, então ele te mostra tudo e de certa forma te prepara e te faz crescer também nesse sentido mostrando que o ser humano é muito bom quando ele quer e muito mau também quando ele quer.

Nasci na zona rural do município de Mariana, filho de um lavrador analfabeto. Nos levou para um arraial de Cláudio Manoel, em Matador, onde eu estudei o primário, até o terceiro ano. Ele queria que os filhos tivessem acesso à escola. Perdi meu pai muito cedo e cada filho teve que se virar, já que na nossa geração menor trabalhava. Trabalhei na roça fazendo trabalho pesado sem nenhuma remuneração, fui passando de fazenda em fazenda, trabalhei numa mineradora.

2.7. Maria Auxiliadora Beloni - dona de pousada

Eu soube que a caravana viria para cá através da própria televisão. Eles divulgaram por onde ela passaria. Achei uma iniciativa legal, achei que fosse trazer mais benefícios no sentido de divulgar aqui que realmente o povo pensa e quer, mas não houve essa oportunidade, parece que o tempo foi curto para as pessoas exporem essas idéias. Nós queríamos uma água tratada adequadamente, não temos; nós queríamos que houvesse postos de saúde atendendo a população no entorno da cidade e não temos; gostaríamos que o hospital não tivesse mudado para tão longe, e no entanto foi, hoje nós temos o prédio sendo reformado para outra função e a população agora tem que deslocar uma distância muito grande numa hora de necessidade. Pensei também que talvez a gente pudesse ter falado sobre o IPHAN, que sempre trabalhou com dois pesos e duas medidas. Eu acreditava que seriam debatidos temas assim, falar o que não está bom pra nós mas isso não acontece. Não

mudou nada. Só valeu porque muitas pessoas que não conheciam a Fátima ao vivo ficaram felizes em vê-la, o Bial é um bom animador, isso conta ponto. Ouro Preto foi visitado pela Globo, conta ponto, mas foi só.

A praça ficou tumultuada, todo mundo queria ver. As pessoas foram lá, nem sabiam o que ia acontecer. Foram par ver a Fátima Bernardes e principalmente, a mulherada correu para ver o William Bonner, que não veio. O Pedro Bial, que por sua vez também é uma pessoa muito simpática, representou a Globo muito bem, como a Fátima, que é uma pessoa muito querida aqui na cidade.

Todo mundo adorou, achou fantástico, eu já conhecia o Bial de muitos anos, num carnaval, quando ele começou na Globo, mas hoje ele é muito mais capaz, ele cresceu dentro da profissão dele, ele agradou.

Qualquer cidade, qualquer vila que apareça na mídia cresce a oportunidade, atrai a curiosidade das pessoas para conhecerem aquele lugar. Ouro Preto não precisa muito de mídia não. Ela até acontece mais quando tem uma tragédia. Morre um assassinado nessa cidade nós ficamos dois anos parados. As pessoas vêm mesmo atraídas por revistas, *folders* e mapas. É uma das cidades mais importantes e fica perto de outras cidades bonitas, tranquilas, históricas.

De verdade eu acredito que pode até criar este intercâmbio entre as pessoas de maior poder aquisitivo, porque aquela platéia que estava na praça Tiradentes não vai visitar nenhum desses lugares por onde a caravana passou, porque o poder aquisitivo é baixo. Então só fica conhecido, tem mais teste lugar, mas não cria um vínculo de troca no sentido de vamos visitar lá.

Na Praça tinha gente de todos os níveis, tinha gente da alta sociedade, tinha pessoas bem humildes, todos com curiosidade de conhecer o que é esta caravana, o que esta caravana veio fazer, deixa eu ir lá conhecer a Fátima Bernardes, o William Bonner.

Eu vejo o jornal para ficar bem informada, saber o que está acontecendo e porque. Se deu algo errado, tomaram alguma providência?

Nesta cidade o artista em si não é um atrativo, porque já veio muita gente famosa aqui e eles passam pela rua como se passasse o meu vizinho, as pessoas não se aproximam, não pedem autógrafo. Aqui um artista consegue ficar no anonimato, ele entra e sai sem ninguém saber. Quer dizer, todo mundo conhece mas não chega para falar isso. Naquele dia, pediram para ela porque a Fátima é uma especialidade.

Eu assisto o JN todos os dias, adoro o JN. É pena que hoje em dia só tenha notícias ruins, não se fala em nada bom. É governo roubando, deputado, senador roubando, juiz roubando, delegado, polícia, todo mundo enfiado em falcatrua e isso incomoda a gente muito. Agora tem 30 dias que nós estamos ouvindo falar da morte da Isabela e ninguém se desgruda da televisão, todo mundo quer ver se a justiça vai funcionar nesse caso. Mas de verdade é um fato que aconteceu em São Paulo, Minas Gerais tem os problemas próprios que não aparecem porque a morte da criança ocupou todo o espaço na mídia. O caso da Isabela é uma novela terrível. Aqui no interior todo mundo quer saber como é que vai terminar essa história.

A caravana foi válida porque botou outros lugares na mídia. Por onde eles passavam eram acompanhados. Aqui foi uma euforia para conhecer. Mas eu não acho que houve mudança significativa de comportamento porque a caravana passou.

O que eu achei legal foi que a Globo tem muito dinheiro e gasta na programação, pode mandar esses profissionais viajarem, muito bom para eles que conhecem os usos e costumes de cada lugar e para o povo é bom que fica conhecendo aquela pessoa ao vivo. Às vezes a gente tem uma noção muito errada de alguém, um artista na televisão, e ao vivo. O Bial e a Fátima são pessoas normais. Não tem aparência diferente da tv. Muito educados, muito alegres e eles fizeram aquilo com a maior espontaneidade. Eles foram muito bem acolhidos na cidade.

A passagem da caravana é sempre positiva, qualquer rede de tv é sempre bem vinda e positiva em qualquer cidade. Se a Globo estava em Ouro Preto, Ouro Preto é importante, dá valor à cidade. Eu estava bem em frente ao Bial. Cheguei lá e fui abrindo caminho, nem precisei ir cedo. Era como se fosse um programa de auditório, me diverti mesmo. Quando acontece algo na cidade a gente tem que estar presente, aqui é muito pacato.

2.8. Rafael de Freitas e Souza – historiador

Eles que entraram em contato comigo, me ligaram, através de algum conhecido. Eles agendaram comigo no hotel Mondego, onde eles estavam hospedados. Eu cheguei cedo ao hotel, tomei café da manhã com o Bial e nós fomos conversar sobre história, que ele inclusive gosta muito, ele lê muito. Ele perguntou o que eu faço, o que eu tenho pesquisado. Disse que eu tinha pesquisado sobre a história da Inconfidência Mineira, ele se mostrou super interessado.

A mim a presença do Bial não causou tanto impacto que causaria em outras pessoas, porque em Ouro Preto a gente já é muito acostumado a ver muitos artistas famosos então

não tem grande impacto. Achei ele muito simpático, muito educado, como já conhecido ele é erudito. Ele gosta muito de ler. Ele já tinha um conhecimento de causa, ele já leu sobre a história de Minas, sobre Vila Rica, sobre o ouro, sobre Aleijadinho, então ele já tinha uma leitura prévia, já sabia o que discutir comigo.

A Fátima eu a vi na rua, na escola de Minas, onde ela estava, sentada com algumas pessoas batendo foto dela. No dia eu estava no Arquivo Histórico, da Escola de Minas, fazendo pesquisa para o meu doutorado. E a vi por acaso, passando de uma sala para outra, ela sentada e as pessoas tirando fotos com ela. Era de onde ela falava, ao fundo aparece o Museu da Inconfidência, então ela estava no outro extremo da praça e eu estava lá, coincidentemente fazendo pesquisa.

O que foi ao ar é exatamente o que eu expressei para o repórter naquele momento. A gente a gente fica meio nervoso, gagueja, eles editam alguma coisa, quando a gente erra eles cortam, mas em síntese é tudo o que eu falei.

A reportagem mostrou perfeitamente Ouro Preto e os problemas da cidade. O problema do crescimento urbano exagerado, que acaba fazendo o desmatamento no entorno da cidade. Por que aqui você tem este miolo, estas edificações históricas e o que as pessoas chamam de moldura verde da cidade. Você pode observar que nas montanhas, em volta, o Patrimônio tenta não deixar que haja construção, para que faça essa moldura na cidade. Mas principalmente no Morro não ta conseguindo controlar. No Itacolomi você pode ver que não tem edificação, já o outro lado da cidade não ta conseguindo controlar. Até mesmo porque já é uma ocupação desde o início do século 18, o chamado morro da Queimada, então a ocupação é mais acelerada.

Eu já tinha dado entrevista para tv, no Terra de Minas (duas edições). Foi tranquilo me ver.

Achei interessante mas é uma reedição daquela Caravana da Cidadania, que o Lula fez, numa de suas candidaturas. A Globo fez uma reedição da forma dela, com a abordagem dela, mas não sei se você lembra o Lula fez uma Caravana. É uma versão Global da Caravana da cidadania do Lula.

Assisto praticamente todo dia ao Jornal Nacional. Rádio ouço muito pouco, uso muito *internet*. Tanto que eu vi a reportagem do JN na *internet*. Acessei o *site* e vi. Fora isso é basicamente a televisão e algumas vezes eu leio jornal.

De certa forma não confio em telejornais, seja da Globo, do SBT, os jornais não são imparciais, de forma alguma. É sempre a posição da editora, de quem faz, o diretor do telejornal. É o ponto de vista dos jornalistas, são pessoas que tem uma certa formação

intelectual. E um ponto de vista político, um posicionamento político. Ele expressa o pensamento político de uma grande emissora.

Eu acho que este objetivo, de mostrar o Brasil, foi alcançado. Assisti todos, quando eu podia assistir eu via outros lugares. Existe um fator integrador, porque você vê quais são as necessidades do Brasil, embora haja variação regional. Você vê que o Brasil é um só e cada região tem as suas especificidades e suas necessidades. Por isso aquilo que eu falei eu quis fugir ao que todo mundo falava. Eu quero emprego, eu quero segurança, eu quero qualquer outra coisa. O brasileiro, na eleição, a preocupação não é só com a alimentação, com o emprego, com a segurança. No Brasil é importante o aspecto cultural, é importante você preservar e estimular a preservação do patrimônio, a valorização da nossa cultura, da nossa história. Então que quis fugir desse lado mais repetidamente falado.

Sou de juiz de Fora. Não sou de Ouro Preto, mas sou de coração.

Ouro Preto, quando se fala em cultura e memória, Ouro Preto é a grande referência de Minas Gerais. Não é a única, mas é o sítio histórico mais visitado de Minas Gerais. Ficou como referência de uma preocupação com a cultura. Acho que o próprio interesse da Caravana de vir a Ouro Preto não foi gratuito, e foi justamente para enfocar esse aspecto cultural do Brasil.

Nesse sentido o recado foi dado.

Algo negativo? Nada.

Eu estava falando como historiador. Acho que eles próprios pensaram alguns perfis que eles queriam. Pegaram um artista, um escultor, para fazer este paralelo com o Aleijadinho, tanto que eles falam do Aleijadinho na reportagem, um estudante, porque Ouro preto tem este perfil de cidade universitária e um professor de história porque Ouro Preto respira história. As pessoas vêm aqui para ver e conhecer história. Pessoas do mundo inteiro vêm para isso. E do meu ponto de vista, fui pensando em não falar a mesmice.

Mesmo editada a matéria não causou frustração. A própria natureza do jornal tem seu tempo. Mas acho que o central daquilo que eu falei apareceu.

2.9. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos – Prefeito de Ouro Preto

A Globo é uma presença constante em Ouro Preto, nós temos uma cobertura extraordinária da rede Globo Minas e há uma tradição de apoio da emissora a todas as iniciativas ligadas à preservação do patrimônio cultural. A fundação Roberto Marinho nasceu de um compromisso do jornalista Roberto Marinho com a valorização dos acervos de arte e história do Brasil, especialmente de Minas Gerais porque ela praticamente começou

aqui, a Fundação Roberto Marinho, no começo dos anos 80, com diversas iniciativas patrocinadas por diversas empresas, ainda bem antes da lei Sarney ou da lei Ruanet. A Globo também procura dar uma cobertura especial a todos os eventos relacionados a esse engajamento numa transformação de Ouro Preto em centro dinâmico de cultura, porque o turismo é a resposta sócio-econômica da preservação do patrimônio cultural. A moderna indústria turística é a que remunera as populações que sabem ser guardiãs de seus acervos patrimoniais e a Globo tem sido exemplar nisso. Na hora em que a televisão abriu essa janela para o passado permitindo que nós contemplemos o futuro através daquilo que passou, ou seja, que nós conservemos o nosso patrimônio, ela tem dado uma colaboração muito grande. A televisão que vem lançar as pessoas numa cultura de massa, no consumismo, a televisão que vem trazer todo esse universo de alienação para as pessoas ela é também, ao mesmo tempo, um instrumento que permite a tomada de consciência dos valores da cultura e nesse sentido a Globo tem um trabalho muito importante em Ouro Preto nos últimos 40 anos, a Globo Minas ta completando em 2008 40 anos. Ela patrocinadora das campanhas de preservação.

Em 2006, ano eleitoral para presidência da República, governador e parlamento, o Brasil assistiu a essa importante iniciativa da Globo no setor de jornalismo percorrer o país através de pontos emblemáticos, de maneira a levantar os maiores desafios dos brasileiros e é claro que o patrimônio cultural não podia ficar de fora. Esse capítulo, a passagem por Ouro Preto, foi um momento de reflexão sobre a questão do patrimônio cultural.

Ouro Preto é uma cidade emblemática, foi o primeiro movimento nacional assim declarado em 1933, por um decreto do presidente Vargas e foi o primeiro bem brasileiro inscrito na lista do patrimônio da humanidade, em 1980. A Unesco inscreveu Ouro Preto como monumento mundial e se a cidade é assim tão representativa da cultura e da história do país, ela era o local ideal para que a Caravana pudesse abordar a questão do patrimônio, como foi feito com muita aqüidade, com muita pertinência por um historiador, um escultor, que é o sucessor do Aleijadinho, trabalhando a pedra sabão e uma estudante universitária. Ouro Preto também é um dos pólos de estudo superior mais antigos do Brasil, nós temos uma escola de farmácia de 1839 e a escola de Minas de 1876. E a nossa universidade federal data de 1969. O estudante também é uma figura muito representativa da comunidade, da paisagem humana de Ouro Preto. Eu via cidade representada nos seus valores culturais, na sua destinação histórica e acho que a reportagem foi muito sensível ao perceber isso e escolher essas personagens que sintetizam as vocações e o destino da cidade. Depois as mensagens também todas foram muito positivas. Foi mostrada a riqueza da paisagem de

Ouro Preto, os seus monumentos, tanto de arte como de história, e não deixou de haver também um alerta quando houve uma referência ao crescimento desordenado em Ouro Preto. A cidade sofreu como qualquer uma das 5600 cidades brasileiras. Ouro Preto por ser uma cidade monumento mundial ela não fica dentro de uma redoma, pelo contrário, ela também vive o drama de todos os centros urbanos brasileiros que cresceram mal nos últimos 30 anos e continua a crescer mal muitas vezes por falta de disciplina e de recursos. Nós aqui hoje temos procurado adotar todo um arsenal de dispositivos legais, plano diretor, plano de zoneamento do solo, nós criamos uma secretaria municipal de patrimônio e desenvolvimento urbano, mostrando exatamente que patrimônio não é um conceito estático, nós temos um desenvolvimento urbano buscando harmonizar a vitalidade da cidade com a preservação do patrimônio.

A cidade de Ouro Preto está acostumada a ser cenário, isso às vezes incomoda bastante e outras vezes agrada muito. Nós somos palco de filmes, de novelas, de grandes acontecimentos e eventos de caráter nacional e internacional então a cidade, às vezes é até um pouco displicente com este tipo de acontecimento porque está acostumada e ela olha um pouco como se fosse mais uma manifestação do cotidiano do que propriamente um ato singular como deve ter sido em muitas outras cidades. Ouro Preto, vamos dizer, tem o hábito de conviver com os holofotes e os microfones, mas a Praça Tiradentes ela é o centro da cidade, o umbigo da cidade, tudo nasce na Praça Tiradentes e é até uma praça estratégica ela foi construída assim no século 18 para que tudo passasse por ela e até hoje nós temos dificuldade de circulação de veículos em Ouro Preto porque tudo tem que passar pela Praça. Ali estavam os dois grandes palácios de Vila Rica, o Palácio dos governadores com uma pequena fortificação, exatamente mostrando que ele estava num lugar estratégico e fortificado e a casa de cadeia que é o Museu da Inconfidência mostrado na reportagem. Então a cidade ela olha isso entre o enfado e a curiosidade mas muita gente acorreu à Praça naquela noite, a caravana chegou mas previamente já havia toda uma mobilização de carros da Globo, caminhões, guas, refletores, serviços especiais foram montados, houve uma interdição do trânsito na praça, durante este dia todo o que criou algumas dificuldades mas também atraiu muita gente, sobretudo jovens, então a praça encheu, as pessoas perceberam que poderiam aparecer ao lado da Fátima Bernardes no JN e é claro que houve muita gente na praça. Foi para nós um momento muito significativo porque mais uma vez Ouro Preto aparece no cenário nacional como uma cidade síntese e símbolo, aí não só de Minas Gerais mas da própria região sudeste, sendo que ela é um monumento de todo o Brasil.

A primeira cidade mostrada foi São Miguel das Missões que é também patrimônio cultural da humanidade. É uma área tombada pelo IPHAN como Ouro Preto. Mostra que por toda parte nós temos marcas da história, nós temos registros de memória que tem que ser muito bem valorizados e conservados porque definem a nossa identidade.

A questão da identidade e do pertencimento são temas fundamentais para a cidadania. Não adianta nós termos pessoas muito bem adestradas pela sociedade tecnológica, dentro do mundo digital, globalizado, se nós perdemos a noção de pertencimento, de conhecimento e assunção dos nossos valores, e do perfil cultural quem somos nós porque somos brasileiros. Essa reportagem ela nos colocava essa questão o que nos faz brasileiros, o que nos distingue como tal e, sendo brasileiros, o que nós queremos para o Brasil. Acredito que isso devesse ser feito permanentemente não só no ano eleitoral, talvez uma vez por ano valesse a pena a gente percorrer o país na telinha da Globo fazendo essa pergunta.

Um país tão grande como o nosso é um país plural. Nós somos um país muito rico em diversidade cultural e ao mesmo tempo conseguimos ter uma noção muito clara de que pertencemos a um país só, somos brasileiros apesar de estarmos em pontos extremos, seja na Amazônia ou seja no Rio Grande do Sul, na terra gaúcha, sermos mineiros ou pernambucanos, ou acreanos, há uma riqueza muito grande nessa diversidade mas há pontos de união e a televisão talvez ela cumpra hoje esse papel que foi exercido no passado pela língua portuguesa, pela religião católica, e pela monarquia para configurar um só país. Para estimular a noção de que sendo diferentes somos um país só. Então você tem a Globo Minas mas tem uma globo transmitindo no país inteiro. A televisão hoje ajuda muito a termos uma noção de país. A tv ajuda a vencer o isolamento municipal, ou regional e ela nos articula e nos integra numa informação numa maneira de ver o país. Não acho que televisão uniformiza. Ela não uniformiza porque ela também é dinâmica e as pessoas reagem, mas é claro que ela exerce uma influência muito grande e nesse sentido ela contribui para o entendimento do país, embora a tv seja também muito marcada...ela poderia ser mais cosmopolita, ela é muito paulista ou carioca.

A tv ela é dominada pelo seu meio ambiente. Ela é criada no Rio e São Paulo evidentemente ela tem este sotaque e carrega a marca do Rio e São Paulo e por mais que ela queira ser representativa do país todo, ela não consegue. Mas na hora em que ela faz uma reportagem ela mostra pelo menos que ela tem uma cadeia nacional e que ela é capaz de perceber e assimilar o que acontece no país. Então ela contribui nesse sentido para a idéia de uma sociedade nacional, de um país. Acho que ela consegue enredar todas as pessoas que

estão assistindo a esse programa dentro daquele velho jargão do Oiapoque ao Chuí, ela consegue fazer com que as pessoas percebam que é um país único, dentro das diferenças.

O lema dos USA é esse, muitos em um só. No Brasil nós podemos também dizer isso. Como no passado a religião e a língua, hoje a televisão...a língua do nosso tempo é audiovisual e a religião do nosso tempo é a imagem. Então a televisão faz esse papel de garantir a idéia de país. Somos diferentes mas somos um país só. Como havia a voz do Brasil no passado hoje temos o JN.

Como São Miguel está um pouco à margem, longe, quase na fronteira, muito distante, as pessoas lá sabem o que é distância. Em Minas nós não sentimos tanta distância. Embora o eixo Rio e São Paulo possa esmagar um pouco os interesses e as posições de Minas Gerais, nós não nos sentimos tão longe assim de alguma coisa. Eu tenho certeza que isso acontece em São Miguel. A Caravana JN supriu esse desejo de estar no epicentro dos acontecimentos. Ouro Preto a cidade é mais blasé com relação a isso. Mas é claro que é muito importante para nós porque uma cidade turística, um pólo cultural tem que estar sempre em evidência.

Como prefeito vejo como muito importante para Ouro Preto a projeção especialíssima que tivemos em agosto de 2006, foi positivo, altamente positivo.

Anexos 3

Abaixo seguem, na íntegra, as transcrições das entrevistas realizadas com os profissionais da Rede Globo envolvidos no projeto da Caravana JN

3.1. William Bonner – jornalista, apresentador e diretor-chefe do Jornal Nacional (entrevista realizada em 8 de outubro de 2008)

A Caravana avançou sobre um terreno que o Jornal Nacional já dominava em parte. Porque o Jornal Nacional já tinha experimentado o formato do boletim diário de uma grande aventura por estradas. Já tínhamos feito duas vezes a avaliação das condições das estradas brasileiras. Da BR 101 e da BR 116. Ganhamos prêmios até por isso. Era um projeto assim: você manda um repórter sair do Rio Grande do Sul indo para o Ceará e outro saindo do Ceará e indo para o Rio Grande do Sul, simultaneamente, um pelo litoral, outro pelo interior e a cada dia eles faziam um trecho de viagem, rodavam um limite máximo que a gente estipulou de quilometragem para dar tempo de gerar por alguma afiliada nossa imagens de um boletim. Ficamos empolgados e os boletins ficaram maiores. Esse *know how* a gente tinha. De um diário de notícias no JN.

Mas isso que foi feito é verdadeiramente inovador para a gente, porque pusemos dentro de um ônibus, e não em dois carros, mas dentro de um ônibus, uma equipe completa de edição, equipamento todo de geração. Então não estávamos mais presos a nenhuma afiliada, a gente tinha condições de fazer pelo *fly away* (antena) onde quer que estivéssemos, via satélite. Segundo era um repórter, com uma missão muito específica, uma filosofia editorial. Ele não estava avaliando condição de estrada, ele estava dando ouvidos aos pleitos e aos anseios de brasileiros, que dificilmente aparecem na televisão porque estão em lugares mais escondidos do país. Não nos grandes centros geradores de notícia. Na verdade nós fomos até esse “povão”, nós fomos até esses cidadãos que estão muito afastados dos grandes centros.

O repórter da afiliada só iria lá para o Jornal Nacional se fosse o caso de haver um fato que justificasse. Um fato gerador, uma notícia que justificasse a empreitada. E no caso da Caravana era o contrário. Não havia uma notícia geradora, a gente foi às pessoas para ouvir suas expectativas, você inverte o sentido da coisa. A lógica é outra. Em vez de acontecer algo para você ir atrás você é que vai atrás perguntando o que a pessoa quer. Essa mudança de sentido na nossa relação com o cidadão dos lugares mais escondidos do Brasil,

isso é verdadeiramente inovador. Foi um conjunto de coisas. Isso foi inovador em si e era complementado pelo que tinha de participação dos apresentadores do JN, a Fátima e eu.

Era algo verdadeiramente especial para a gente. A receptividade foi absurda e foi crescendo ao longo da Caravana. Se agente comparar a receptividade que a gente teve no Rio Grande do Sul, nas missões, no ponto de partida da Caravana com o último lugar onde estivemos, que foi a cidade de Goiás, apelidada de Goiás Velho, a comparação é absurda. No Rio Grande do Sul, talvez em parte porque o pessoal da cidade seja mais tímido, mas em grande parte pelo fato de aquilo ser algo muito novo, eles não sabiam o que era aquilo que estava começando. Até que você explicasse: Olha. Nós vamos começar a fazer uma série de reportagens e vocês foram escolhidos porque aqui é uma área muito bonita, muito representativa do sul do Brasil, vocês representam toda a região Sul. Eles ficaram muito orgulhosos, se vestiram com melhores roupas para a noite do JN, havia moças prendadas, com roupas típicas, era um “frio de renguiar cusco”. Em Ouro Preto, na segunda parada, com a Fátima, já foi um pouco mais animado o negócio. E olha que é mineiro, o pessoal de Minas ali representando a região sudeste. É mais desconfiado e tal. A terceira parada foi minha de novo, foi no nordeste, aí já era uma febre.

Se você considerar que as ancoragens eram feitas semana sim semana não, então da primeira para a segunda ancoragem passaram-se catorze dias, da segunda para a terceira passaram-se mais catorze dias. Era um mês, ao longo do qual o Pedro Bial apareceu em todas as edições do Jornal Nacional com seu ônibus, subindo de lugar para lugar, criando expectativa para o destino final dele. As pessoas ficavam curiosas para saber para onde ele iria. E como já havia tido duas ancoragens, o pessoal do nordeste, obviamente, quando viu chegar o ônibus do Bial ensandeceu. Em Petrolina e em Juazeiro, cidades vizinhas. Isso foi sensacional. E depois teve em Belém, com uma receptividade louca, se você olhar aqui na minha sala eu só tenho uma foto, nessa parede repleta de fotos de trabalho eu tenho uma única fotografia da Caravana e aos pés do Padre Cícero, porque aquele foi para mim o momento mais grandioso de tudo o que a gente fez.

O Jornal Nacional sendo ao vivo, a gente era obrigado a entrar em cena antes, se postar, se posicionar, testar o som. E, sobretudo a partir do nordeste, acalmar um pouco as pessoas. Porque havia uma expectativa enorme. Aquilo era muito forte, era uma multidão grande demais. Assustadoramente grande, só que absolutamente pacífica. E eu me lembro de ter dito vão com Deus, no final, porque dava até medo de ver aquele tanto de gente.

O aspecto, digamos de programa de auditório, se deu verdadeiramente e muito freqüentemente não durante o jornal, mas antes do jornal. Antes do jornal eu entretinha as

pessoas. Porque elas estavam ali, iam colaborar conosco, tinham se deslocado de muitos lugares para assistir ao jornal. Então eu explicava mais ou menos como era o jornal, mostrava o *teleprompter*, em alguns casos fiz algumas brincadeiras. Eu lembro de ter feito muito isso em Belém. E ainda tinha uma competição, eles queriam competir para ver quem fazia o programa mais bonito.

No Rio Grande do Sul eu fui tratado com um respeito, como se fosse assim alguém do Poder. É muito interessante isso. Não havia propriamente uma tietagem no Rio Grande do Sul, havia um respeito enorme, na área das missões. Quanto eu cheguei a Petrolina já não era esse o clima, o clima era de histeria. Aí era tietagem, mesmo, as pessoas queriam ver, pegar. Em Belém foi isso elevado a enésima potência porque em Belém eu me lembro de ter feito a apresentação do jornal e tive que esperar durante mais de uma hora para sair de onde eu estava, para poder ir para um restaurante ao lado. E só consegui pelos fundos, a multidão se recusava a ir embora. Entrei pelos fundos, o restaurante foi fechado e as pessoas não iam embora. Quando eram 3 horas da manhã chega um segurança e diz para mim, William tem um pessoal aí na frente ainda. Mas no meio do pessoal tem uma senhora, ela só queria tirar uma foto. É óbvio que eu saí para tirar uma foto com ela. Era 3 horas da manhã.

A Caravana tinha autonomia, A equipe da Caravana tinha uma filosofia editorial a cumprir, tinha uma missão a cumprir que era ouvir os desejos do Brasil. Então os vts do Bial, quando chegavam, a interferência foi mínima. Se você pensar em dois meses de viagem devemos ter um feito uma ou outra intervenção. A relação com a redação era mandar, o meu editor o Fernando Castro empacotava e botava no ar com a vinheta.

Nos dias de ancoragem que se davam a cada duas semanas, aí a prioridade absoluta do Jornal Nacional era a cobertura da Caravana. Porque em dias de ancoragem a gente exibia reportagens especiais sobre aquela região, aspectos da região, um resumo dos problemas da área. Mais o vt do Bial. Era uma edição especialíssima do JN, era o *feature*. O não factual ganhava uma relevância naqueles dias que não era a relevância natural do JN. O JN tem uma vocação factual. Mas naquelas edições a gente dava prioridade para isso e complementava o jornal “desidratando”, dando de maneira bem sucinta os demais temas relevantes do dia.

Era um dia em que ele mudava, a forma, o formato do jornal mudava e a própria natureza dele mudava. Em vez de dar foco absoluto para o factual ele focava mais nos *features* daquela região e desidratava o restante.

A rigor, dentro do Jornal Nacional, as pessoas podem sempre fazer de forma diferente. Ninguém é obrigado a seguir uma cartilha de fazer vts de um determinado

formato. O que a gente deve sempre priorizar no JN, isso é algo que a gente persegue mesmo, é a clareza. O formato que for o mais claro possível para explicar uma situação, para contar uma história é o melhor formato para o Jornal Nacional. E a Caravana, nesse sentido, nem sempre tinha essa preocupação com a clareza. Ela podia ser mais subjetiva, podia ousar na linguagem. Mesmo que em alguns momentos a linguagem do Bial enveredasse por um caminho menos claro, menos óbvio, menos previsível. Tinha uma preocupação estética, de conteúdo, poética, se podemos chegar a esse termo também. E ele tinha liberdade para isso. Era um momento especial do Jornal Nacional. Então nesse sentido eu entendo o prazer que eles tiveram de ousar.

No Jornal Nacional, pelo menos enquanto eu estou aqui no comando, eu nunca digo, e você pode procurar em arquivos, eu nunca digo o brasileiro faz isso ou aquilo, é “assim ou assado”. Eu ponho sempre no plural. Somos muitos, somos muito diferentes, somos diversos. É a palavra correta, somos diversos, no sentido de que somos numerosos e de que somos diferentes. Há algo que nos une, claro que sim. Há um sentido de nacionalidade e que se dá em diversos pontos comuns de cultura, por exemplo, da própria língua e a língua é muito importante. Nós nos identificamos como brasileiros e identificamos as nossas diferenças. O *motoboy* de São Paulo é brasileiro como o rapaz que trabalha extraindo o látex dos seringais da Amazônia. Eles são os dois brasileiros, mas eles são pessoas muito diferentes, eles têm hábitos muito diferentes, eles vivem em locais muito distintos. Então não há o brasileiro, há os brasileiros. E a Caravana JN nesse sentido para mim ela não foi nova em absolutamente nada, porque este era um conceito que eu já tinha guardado desde que me entendo por editor. Porém, experimentar a diferença, frente a frente, em tão pouco tempo, ter contato com sotaques tão distintos, cenários tão diferentes, isso foi verdadeiramente maravilhoso. Foi maravilhoso porque é a experiência empírica daquilo que em tese eu já dominava, já sabia e já defendia no trato das notícias e dos textos do JN.

A gente procura não usar regionalismos, por exemplo, mas até nisso a Caravana JN era uma licença para usar. Eu brinquei aqui que estava um frio de renguiar cusco. É curioso que no dia seguinte os jornais da região reproduziram esta expressão, orgulhosos.

Sinceramente eu não sei se audiência aumentava durante a Caravana. Mas eu tenho certeza de que foi uma experiência muito importante do público com o Jornal Nacional e vice-versa. Foi possível perceber a paixão que as pessoas tem pelo Jornal Nacional. É uma coisa muito impressionante, é assustadora. Adoram o JN. E adoram como a gente adora a Seleção Brasileira, como a mãe adora o filho, como a mãe adora a mãe. Às vezes encontrando defeitos, se decepcionando com algum comportamento. A gente não pode

agradar a todos o tempo todo. Eu tenho certeza que mesmo as pessoas que adoram ver o Jornal Nacional vez por outra ao fim de uma edição se frustram com alguma reportagem, ou com uma não-reportagem sobre algum tema que imaginavam ver ali, é normal.

É absolutamente compreensível que seja assim. É preciso compreender também que Brasília entra naquilo que é estritamente necessário. Naquilo que permite às pessoas tomar conhecimento de medidas que afetam suas vidas. Aqui e agora ou daqui há pouco. E as pessoas que estão agindo nesse sentido. É inevitável, mesmo que seja árido, desinteressante para a massa maior da população brasileira é natural. A maioria das pessoas, e no mundo todo é assim, as pessoas não gostam de ver política. Não é algo prazeroso para elas. No entanto, no mundo inteiro, os telejornais sérios cobrem política, porque é necessário.

Em geral quando eu estou com uma sensação muito boa, quando eu acho que o jornal está gostoso, eu vou olhar no espelho e você tem diversas localidades colaborando, do Brasil e de fora do Brasil. Colaborando para aquela edição. Isso dá um mosaico de sotaques, de paisagens, de coloridos diferentes. É som e imagem de diversos pontos que fazem o mosaico. Quando o mosaico fica assim diversificado ele fica melhor, sempre fica melhor.

Isso vale para a Caravana JN, no jornalismo, vale para a cobertura normal, ainda que as pessoas que se ressentam, mas ao mesmo tempo elas se identificam com o jornalismo da Globo como um todo. É para cá que correm quando acontece alguma coisa importante.

Isso é uma prova disso. Fora do jornalismo, as novelas, a linha de shows, os grandes programas da televisão são da tv Globo, os maiores líderes de audiência há muitos anos. Isso é um patrimônio da Globo conquistado com trabalho competente ao longo de décadas e eu concordo que a Globo reforça laços. Eu não acho que a Globo cria laços, eu acho que ela reforça laços existentes na nacionalidade. A produção de cultura da Globo, a globo como indústria cultural ela produz cultura. E essa produção de cultura brasileira, de qualidade, há tantos anos já presente nos lares, no universo cultural dos brasileiros, isso é de um valor difícil de medir. Quanto vale a marca Rede Globo. A gente sabe que nessas avaliações de valor de *branding* a marca Globo é uma das mais valorizadas do Brasil. É top 10, está entre as marcas mais famosas e mais respeitadas do Brasil. (ver)

Obviamente isso se manifesta, isso estende seus braços sobre esse conceito dos laços nacionais, dos laços culturais.

A tv ajuda a formar um imaginário nacional? Eu acho que sim.

Eu não entendo que ela crie, eu acho que ela reforça algo que já existe. Ela é muito importante por isso. Eu entendo o nosso trabalho como um trabalho importante por isso também, o cara saber que numa edição como hoje do JN ele vai saber sobre os problemas

que estão sacudindo com a economia planetária, e com reflexos no Brasil e as medidas tomadas em Brasília, os efeitos em São Paulo. Ele vai ver isso, e vai ver também um problema das nossas fronteiras secas por onde tem entrado chineses. Estão fazendo um caminho pelo norte, por Rondônia. Eles estão entrando para conseguir emprego em São Paulo. Isso é novo. Aumentou o número de chineses presos, fazendo porta de entrada. Você ter um telejornal capaz de contar isso para você, não importa se você viva lá em Porto Velho, lá em Porto Alegre.

Em 1996 quando houve a sucessão, não uso a palavra substituição, porque ninguém substitui um Cid Moreira e ninguém substitui um Sérgio Chapelin. Eles são insubstituíveis, são símbolos. Mas a sucessão deles, filosoficamente se deu porque a TV entendeu que naquele momento era menos importante ter um super apresentador, uma super voz, mas alguém que de alguma forma participasse do processo. Mas era muito arriscado. E num primeiro momento foi só isso que aconteceu. Para o produto final houve uma queda na apresentação, obviamente, sem nada mais que fosse perceptível num primeiro momento de vantagem. Mas ao longo do tempo foram feitas experiências, as ancoragens no exterior com Fátima, por exemplo em Copa do Mundo, em 2002.

Antes de eu entrar ao vivo na cobertura do papa a Fátima havia feito Copas, eu fiz uma Copa em 98. Eu já era do JN e fui a França. Teve Olimpíadas, vários eventos esportivos. Esses eventos propiciaram algumas experiências nesse sentido.

Nós inventamos motivo para ir aos locais. Não posso repetir a idéia da Caravana, ela teria que ter uma bossa nova. Nós temos planos para ano que vem, sugestões da equipe. Cada um mandou sugestões, discuti com a direção, foi tudo aprovado praticamente. Tem algumas coisas novas já para o início do ano que vem, mas elas não são novas no sentido de revolucionárias, mas no ambiente do JN todas juntas em seqüência vão certamente produzir um impacto.

Nós não vamos reinventar a roda, a gente faz telejornalismo, limitado por tempo, com preocupação com a clareza, com a concisão, com equilíbrio. Com a correção das informações, a pluralidade, tudo isso. Não dá muito para inventar nisso. Mas no formato, você consegue fazer algumas coisas novas para o JN.

A Caravana JN, eu acho que ninguém terá ficado com alguma memória ruim. Se as pessoas que saculejaram durante dois meses num ônibus adoraram, acho que só trouxe coisas muito legais para gente.

3.2. Fátima Bernardes – jornalista, apresentadora e editora-executiva do Jornal Nacional

Normalmente a gente chega na casa das pessoas via televisão e elas sabem que a gente tem aquele encontro, só que com a Caravana esse encontro deixou de ser apenas via satélite para ser um contato pessoal. Então a expectativa de a qualquer momento poder ter a sua cidade visitada ou poder encontrar com aquelas pessoas com as quais você já está habituado fez com que ela criasse uma relação muito diferente com o público. Não só de assistir ao jornal mas também de ver como ele é feito, de saber detalhes da produção, de saber que a cidade vai ficar diferente naquele dia. Então a cada passagem...não foi assim logo na primeira semana. Pois eu conversei com o Bial, por exemplo, que fez logo na primeira semana, a primeira entrada do William no Sul. Quer dizer: o que é isso? Como assim veio todo mundo para cá? Aí a cada dia, a gente botando uma matéria de uma cidade diferente. A novidade foi também pela ousadia de você acreditar que todo o dia você teria condições de ter um vt, que ele seria gerado de qualquer ponto da estrada, com uma parabólica que seria montada, então tinha um trabalho de cigano mesmo, de montagem e desmontagem. E tinha que dar certo. E você não podia contar com uma estrada que parasse, se parasse a matéria mudava. Aconteceu de o Bial chegar e em um determinado lugar e a matéria ter sido um assalto. Acho que foi em Petrolina. O hotel foi assaltado. Então quer dizer e aquilo virou uma matéria sobre aquela região.

Você está disposto a mostrar que Brasil é esse, é uma cobertura difícil porque você tem mil limitações por conta das regras eleitorais, mas a partir do momento em que você mostra e que as pessoas querem, o que elas desejam, e era essa a proposta de mostrar o desejo dos brasileiros para um próximo período de governo, a gente conseguiu trazer.

Primeiro que as pessoas se viam, se reconheciam, eram sempre elas as estrelas. E você vai vendo que a cada ancoragem aumenta o número de pessoas nas ruas. Em Minas, a gente chegou antes, a gente chegou no fim de semana e a ancoragem era na segunda, acho que eu cheguei lá sábado. A cidade estava praticamente uma cidade cenográfica, tinha caminhões, funcionários da globo identificados. No caso de Ouro Preto foi a Globo Minas que disponibilizou toda da parte técnica. Se a cidade não fosse uma TV Globo, fosse uma afiliada, ia gente de São Paulo e do Rio para dar suporte, poderia ir equipe de reforço se fosse necessário.

Já começa um certo interesse. Primeiro a curiosidade natural, ah é você que veio para cá, porque como era a segunda apresentação o pessoal não tinha entendido bem como é que seria esse rodízio. Porque numa foi William, na outra fui eu. Aí você vai andar na cidade e

começa a ter conversas com as pessoas. Você vai a uma padaria tomar um café, vai fazer coisas do dia a dia e eu passei meio que a convidar as pessoas, ah, não deixem de segunda-feira irem lá ver como é que vai ser o jornal, por que você não vai lá para ver como ele é feito?

Foi muito engraçado porque parecia, por mais que tivesse assim cabo espalhado pela praça inteira, A chegada do ônibus é muito interessante porque primeiro chegou o pequenininho que era o de apoio. O outro ficou escondido, guardado, para ser a grande surpresa do dia. Quando eles viram o pequeno falaram: nossa, mas na tv parece tão grande. E era o micro ônibus de apoio.

Havia uma proximidade muito grande. Presentinho, cartaz, foto, desenho. Isso no contado durante o fim de semana. E no dia eu imaginei que estaria logo lotado. Telão para eles assistirem na praça e a gente fazendo ao vivo. E aí há uma, acho que talvez uma postura até, não sei se eu estou fazendo um estereótipo, mas uma postura meio mineira mesmo. Quando começou o jornal eu estava achando pouca gente na praça. Já tinha gente mas não o que a gente imaginou pelo auê que foi durante aquele período. E aí é como se o primeiro fosse, assim faltando cinco minutos pro jornal e as pessoas dizendo ‘vamos lá ver se esse jornal vai ser feito de lá mesmo hoje? E aí as pessoas vinham vindo assim, na rua, muita gente. Como se fosse chegar para a hora mesmo. E aí a praça encheu, ficou muito bonito. E foi muito legal. Depois eu fiquei muito tempo dando autógrafo, as pessoas curiosas, muita gente orgulhosa, de ter participado, de ter visto a cidade. Até que enfim vão mostrar a nossa Ouro Preto tão bonita pro Brasil todo, porque as pessoas não sabiam qual era a cidade, também.

Eles são mais desconfiados. Até as duas da manhã na porta do restaurante onde fomo jantar, onde a equipe toda foi recebida para jantar, num centro cultural, tinha gente esperando. Eu dei muito autógrafo. A praça ficou assim.

Vocês vieram para cá. Isso ficou muito claro. Eles pedem outras caravanas, eles pedem outras idas.

É totalmente diferente do que uma cobertura feita pela praça. O JN já está com seus repórteres no Brasil todo, eles gostam de ver o seu repórter na rede, mas é muito diferente quando vai a estrutura do Jornal, não com cenário mas com luz, com “tp” (*teleprompter – ver capítulo* , tudo na rua).

É um olhar como daquela mosquinha que muita gente gostaria de ser pra poder ver como é que aquilo é feito, porque está ali, acontecendo na sua frente.

Só reafirmou o que eu já imaginava das pessoas. Que elas tem uma identidade com o jornal, elas se sentem assim muito próximas. É como se não houvesse cerimônia. Há uma intimidade com o noticiário, de lembrar de coisas ‘ah quando você fez aquilo, ou quando foi a tal lugar, ah adoro quando o William pergunta onde está você, Fátima?’. Você passa a ver que é para aquela pessoa que você está falando.

Como eu tive uma experiência de repórter, sempre tive, eu nunca tive um distanciamento muito grande de quem é este telespectador. Eu tenho muito freqüentemente contato com essas pessoas. De alguma forma. Eu acho que para mim mudou pouco. Talvez para quem tenha tido essa oportunidade tenha tido uma chance de ver uma coisa muito diferente. Para mim só reforçou. Primeiro a importância de você estar próximo e não ficar vendo o mundo só pela televisão, de estar lá.

E é interessante, por mais que a gente já faça isso em tantos outros momentos. A gente faz isso em grandes eventos. Mas aí você está fora do Brasil. Quando você faz isso aqui no Brasil. Então até hoje a gente recebe cartas de pessoas dizendo assim ‘minha cidade tem uma festa maravilhosa, vocês tinham que vir par cá para fazer daqui’. Até hoje eles estão saudosos de rever. Logo no ano seguinte era assim, tomara que este ano o ônibus passe por aqui. Eles perceberam como algo que seria constante, que vira e mexe aconteceria. E pode acontecer. E aconteceu depois disso, no fato de acidente com o avião da Tam, ano passado em São Paulo, mas numa cobertura especial.

Em Ouro Preto a gente tinha uma mini redação improvisada, com *lap tops*, onde você trabalhava no espelho, escrevia a página. Você vai realmente com a estrutura montada para fazer o jornal ao vivo. Não é uma encenação do jornal. Ele é realmente feito lá.

Tinha uma cara de programa de auditório. O Bial mandando as pessoas acenarem com o chapéu. Dando boa-noite acenando e foi uma imagem linda. Havia, como se eles se sentissem participantes e atuantes naquele cenário. E a gente sentiu que o nordeste queria fazer muito mais bonito do que tinha sido em Minas Gerais, ah, o mais bonito vai ser aqui, o mais emocionante vai ser aqui. As pessoas queriam estar lá e foi crescendo o público. Cada vez que o Bial falava que o ônibus ia seguindo ele percebia na estrada, as pessoas indo para a estrada para dar tchau. Para dar adeus, para estar num local onde eles paravam para comer.

E a própria apresentação com esta platéia ela já aconteceu, com platéia brasileira, seja na Copa do Mundo, em 2002, em 2006, na própria copa. Você fazer um jornal com as pessoas atrás de você. É claro você sente diferente fazer com tanta gente assim viva, ali olhando para você.

Quando você apresenta um telejornal, por mais que seja para 40 milhões de pessoas, você não pode pensar isso na hora em que você está lendo aqui. Você está no estúdio, você sabe quem são aquelas vinte pessoas com as quais você convive diariamente, né? Você tem a noção do canhão que é mas você não tem aquele calor, aquele retorno. Então eu acho que foi exatamente isso. É o calor das pessoas estarem ali. É quase como se elas fossem aplaudir no final. Você sente burburinho, você sente comentários. Porque quando entra um vt no ar, eles sabem, eles estão vendo a reportagem. Então se tinha coisa engraçada eles riam, então realmente você tem um retorno imediato que é muito diferente. E acho que até que isso faz com que você também faça uma apresentação diferenciada naquele dia. É algo um pouco mais emocionado, é algo um pouco mais solto.

Em toda a Caravana a gente queria que eles percebessem, por mais que fosse eleição, o foco não estava quem iria ser eleito. Mas o foco era em quem iria votar. Durante todo o período que começou logo depois da Copa do Mundo. Agosto foi a primeira ancoragem.

A preocupação era que os brasileiros se abrissem. Uma oportunidade para dizer o que queria, o que imaginava, o que desejava, qual era o sonho desse brasileiro. O desejo desse brasileiro.

O papel do Bial era muito mostrar o desejo desse brasileiro e quando a gente chegava, era dar um pouco o raio-x daquela região onde naquele dia a ancoragem era feita. Então as matérias eram um pouco mais gerais e o Bial ficava sempre com o foco mais fechado nesse ser humano, nessa pessoa que tava ali naquela área.

Sempre que você conhece alguém ou alguma coisa, desde que você não se decepcione com ela, você passa a ter uma relação diferenciada com aquilo. Então você idolatra uma pessoa, você tem a oportunidade de cruzar com ela na rua e ela é receptiva. Voe vai olhar sempre para aquela pessoa de uma maneira ainda mais especial. Embora ela já fosse seu ídolo. Isso eu digo em relação a pessoas até que eu já conheci na vida. Há outras com as quais você se decepçiona terrivelmente. Você conhece e diz assim ‘que bom seria se eu nunca tivesse conhecido, porque eu queria tanto continuar com aquilo que eu sentia por ela. Porque profissionalmente eu acho bacana, porque eu acho que a história dela é legal, mas ela como pessoa me decepcionou. Então a partir do momento que você vai para a rua e você tem um encontro que eu senti muito verdadeiro com as pessoas, muito próximo, não dá para esta afetividade não aumentar. Eu acho que em alguns lugares, isso vai ser história para ser contada até os netos. As pessoas vão contar o que foi aquele dia, como foi, o hotel onde as pessoas ficaram. Porque para algumas cidades foi um movimento muito forte. Não até a

nossa chegada, já que as ancoragens foram em cidades já com perfil maior, exceto o sul, mas a passagem do ônibus, você imagina, fotos, todos os meninos da técnica davam autógrafo.

Eu sempre digo que o elogio que mais me deixa feliz é quando as pessoas dizem que eu sou igual ao vivo do que na tv. No telejornalismo, eu não acredito em artificialismo. Uma coisa mais posada, num gesto estudado, num votar de câmera preparado. Eu acho que as pessoas percebem. Se eu estou em casa e vejo algo muito estudado eu pergunto por que? Se há uma matéria que me chocou e chocou a você em casa, talvez eu não preciso de muito artificialismo para mostrar isso, basta prestar atenção e dar uma pausa, que eu acho que é uma pausa de respiro. Tipo ufa! Vamos ter que continuar depois disso. E o que mais tento é isso, deixar que o jornal me leve e eu presto muito atenção, o tempo inteiro, quando possível que não está um caos por motivo de técnica, ou de queda ou chegada de página num jornal mais tenso. Porque quanto mais natural eu reagir vai ser melhor. E aí, quando as pessoas me encontrarem, eu sempre procuro ser do jeito que eu sou, elas não vão tr muito choque. Eu acho que é isso que eu mais busco. Ser parecida comigo mesma, ou seja, quem eu sou? Eu sou uma pessoa simples, sou uma pessoa de história simples, uma pessoa que se emociona com as coisas, mas muito controlada. Eu não sou uma pessoa que me escabelo normalmente, não me irrita com facilidade. Então tudo isso eu procuro que o jornal seja assim. Um erro não me aborrece.

Eu adoro o público. Eu acho que o assédio é respeitoso. A imagem muito ligada ao William em termos da apresentação, e de as pessoas saberem dessa família que eles imaginam tão perfeita, né? Com filhos, cria uma relação de admiração, cria uma relação de perfeição, infelizmente, de que tudo funciona. Então por mais que em entrevista eu tenho que dizer, também não funciona, também dá errado, também eu tenho filho doente, também eu tenho cabelo para cima, unha que não foi feita, só que na hora do jornal isso não aparece, porque existe um rigor. Eu brinco com as pessoas. O papa usa pijama, mas nunca vi ele aparecer na Praça de São Pedro de pijama. É a liturgia do cargo. Você tem que estar daquele jeito para não incomodar, não gosto de dar sobressaltos. Lamento quando aconteceu com a escova japonesa, acho que o público não está ali naquela hora para ter um sobressalto, para eu aparecer com um dia com uma roupa que causa desconforto, que gere conversa. Para que tudo fique muito tranquilo para eles. E quando a pessoa diz para mim. Nossa, mas você é como eu imaginava, é a melhor coisa que ele poderia dizer para mim, pois é o que eu busco diariamente. Querendo estar fazendo isso que eu faço, para que as pessoas também percebam que para mim é prazeroso, que para mim também é legal.

Papel de percepção das diferentes e de que como é legal que a gente apesar de todas essas diferenças estejamos juntos, como um país como uma nação como uma federação. E que eles percebessem. Eu acho que foi interessante para mostrar que a gente deu, nessa Caravana, um peso muito igual a todo o país, a todos os votos desse país. Que cada voto era muito importante. Era mostrar que você que está lá no Amapá, ou você que estava no sul ou sudeste, que o seu voto tinha exatamente o mesmo peso. Esse despertar que era muito importante. Se você mora num lugar ribeirinho. Porque o que você vai esperar do político em quem você vai votar pode ser muito diferente. O que o ribeirinho necessita não tem nada a ver com o que as pessoas às vezes aqui necessitam.

No dia a dia, a gente já tendo um jornal nacional e o William gosta desse jornal, quanto mais siglas a gente tem ali nas retrancas, variadas dos estados, senão ele não é verdadeiramente nacional. Quanto mais praças e afiliadas melhor. Mas é claro que depende do dia. Se for um dia de caos na bolsa vai ter mais São Paulo, Nova York, é você tentar a dimensão para as pessoas do Brasil inteiro o que está se passando e de que forma aquilo vai ter reflexo em você. Mas o ideal para esse jornal, para as pessoas se reconhecerem e eu acho que elas se vêem no jornal exatamente por isso, porque elas ouvem os seus sotaques, elas ouvem os seus repórteres com caras e jeitos diferentes, senão não é verdadeiramente nacional.

Eles gostam de perceber assim. Tudo bem, mas onde eu vivo eu não vejo essa violência toda, vamos supor do Rio de Janeiro. Nossa que legal então eu estou podendo mostrar que aqui tem uma coisa legal e tem uma outra coisa que me incomoda muito. Acho que isso também é importante. A gente perceber como nós somos diferentes.

Num jornal de 30 minutos, a gente está agora com jornal de 21 minutos de produção é quase impossível, ou seja, vai para o espelho apenas o que se impõe como notícia, o que realmente aconteceu. Mas a gente tem um esforço constante nas reuniões de pauta para botar as praças. A gente tem certeza da importância disso para essa fidelidade do público. É quase como se eles dissessem assim. Tudo bem, está no jornal local, mas se for importante o Jornal Nacional vai mostrar. A ponto de a gente ter notícias de praças que colocaram a primeira imagem no Jornal Nacional, numa nota coberta e a redação aplaudir. Conseguimos mostrar hoje, não importa que com uma nota coberta, hoje deu para entrar a nossa cidade. A gente tem certeza de quanto maior for essa diversidade, mais interessante para nós, pro público e para esse retrato desse país.

Eles gostam de se ver, mas existe também uma certa vergonha de algumas coisas que se pode mostrar. Eu me lembro de uma repórter em Sergipe, Aracaju, e ela teve muita

difficuldade para vender para a rede uma pauta, que ela era do Rio e foi para lá, e ela adorou que era um prático, um cara que orientava a chegada do navio. E ele era um senhorzinho, de bermuda, que mergulhava, nadava, sessenta e tantos anos, e o pessoal da afiliada falava. Vão mostrar isso de Aracaju pro Brasil, talvez eles quisessem uma matéria sobre o último dia do imposto de renda. A percepção, às vezes, do que é importante mostrar muitas vezes não está logo no lugar, porque aquilo é meio assim: o nosso prático é um moço que fica apitando, a matéria entrou na retrospectiva, ganhou prêmio, porque era um brasileiro, mas há uma certa dificuldade de vender o que é muito regional, não por preconceito de quem vai receber mas talvez por preconceito do próprio lugar que vai vender. Mas será que isso não é muito atrasado, para gente mostrar da gente?

Teve uma outra também de umas carrancas, de uma pessoa que fazia, podia ser uma matéria local mas ela era tão simbólica de tantos outros rios brasileiros, de tantas pessoas que vão, tantos marinheiros que estão nesses barcos, com suas carrancas, com suas crenças de que aquilo protege. A gente precisa de um olhar muito antenado, e por isso a gente faz muito intercâmbio, o Uniglobo, conversa, para que esta praça, esta afiliada perceba como é importante mostrar isso para o resto do Brasil, para o todo. Você que está na praça, na afiliada você também tem que se impor com o seu noticiário e percebendo qual é a sua vocação, de que forma você pode entrar, o que você pode mostrar.

Para você fazer um jornal fora, por exemplo do Japão, você precisa estar com todas as áreas envolvidas. Quando se transmite carnaval, numa cobertura, você está com todas as áreas envolvidas. Só que é diferente você estar com todas as áreas envolvidas e de forma itinerante, rodando. Esse foi um desafio muito grande. Você contar, acreditar num trabalho de grupo, e tem ainda todo um outro pessoal, de afiliadas, por exemplo, que você não conhece. E chegar e ver tudo funcionar.

Dá um frio a mais, não pelo público. Acho que me dá um prazer a mais. Eu gosto muito de rua, de estar na rua fazendo as coisas ao vivo. Eu acho que isso me dá mais adrenalina, e quanto mais adrenalina eu acho que a gente faz melhor.

Além do cansaço, a avaliação é de que foi completamente válido. A gente faz umas reuniões anuais de planejamento do outro ano. Agora em setembro a gente já entregou o pro ano que vem. Naquele ano, assim que acabou, foi muito engraçado porque a reunião para o outro ano, vinda das praças também, que mandam sugestões, todas eram de Caravana. Todo mundo queria.

O RJ-Móvel, que é itinerante dá um pouco este aspecto, essa chegada. Porque não chegou só com o carro, você chegou com antena. Tem uma sensação para as pessoas de que a coisa vem com força, você chegou mesmo naquele lugar.

Não compete a nós resolvermos as coisas. Nós não estávamos candidatos a nada. É uma pena, realmente. Se alguém votou de uma maneira mais consciente já mudou, já melhorou. Nem falávamos de projeto, não fazia comparação de projeto político. Eram as pessoas falando por elas mesmas. Uma coisa é você dizer: eu moro aqui nessa ilhazinha, nesse rio e nunca apareceu ninguém aqui, nenhum agente de saúde. Você não está comparando ninguém com nada, aquelas pessoas estão contando o que elas vivem.

No hotel, a gente usar uma sala do hotel para reuniões, sobre trabalho, com todo mundo junto, diversos departamentos, engenharia, informática, jornalismo, os repórteres chegando. Eu achei que foi muito fascinante.

Senti que as pessoas se sentiram muito prestigiadas com a nossa presença. Nossa eles vieram mesmo. E isso já aconteceu em outros momentos em que eu apresentando o jornal, continuava fazendo mais matérias do que faço hoje, era quase como se eles percebessem que eu nem estou no dia a dia fazendo, mas seu fui lá é porque a coisa estava séria, era grave. É legal isso.

Você ficava vários dias numa mesma região, mas ancoragem era quando você chegava as cidades que estavam determinadas para a ancoragem, ali a gente mostrava um mapa dessa região, não geográfico, mas com balanços que eram com base em dados do Ibge, sem nenhuma conotação política. O que havia mudado na região nos últimos anos, um panorama da região.

E depois havia outras curiosidades feitas pelos próprios repórteres locais. A minha e do William, a gente ia mostrar a região. Os repórteres da praça faziam reportagens especiais para aquele dia.

Quando houve a primeira entrevista coletiva, que você olhava aquele número de quilômetros que seriam rodados. De barco também. Assim, foi dada a largada, tem que dar certo, não tinha volta. Como é que você vai dizer olha, realmente não está dando para chegar a região norte, as estradas estão ruins, não tinha o que dizer. Isso é muito bom.

Me dá muito orgulho, fico imaginando como será a próxima, o que virá?

É muito importante para um jornalista conhecer melhor o seu próprio país. Eu sou uma pessoa muito de ficar na rua. Como jornalista a gente não deixa o cartão de ponto em lugar nenhum. Assim, supermercado, na rua mesmo, eu faço muita coisa, tenho muito contato. Acho que o William acaba tendo menos porque ele fica tanto tempo aqui dentro. Eu

vou a tudo que é canto. Eu encontro com uma pessoa ela conversa comigo: mas Fátima, esse negócio da bolsa, vai mesmo subir juros, eu vou pagar mais pelo meu crediário? Elas perguntam. Você está no mercado, estou lá eu : Fátima eu não entendi aquele negócio. Você pode não estar no trabalho 24 horas mas você é jornalista 24h. Vou na reunião de escola e penso: puxa, isso dava uma pauta. Esse contato com o público te dá muito subsídio, te municia da vida de verdade, né? Eu não abro mão de conversar muito com as pessoas. Acho que é assim que você vai percebendo, como as pessoas estão sentindo o que você está fazendo.

As crianças sabem. Às vezes eles falam assim: será que alguma vez não vai nenhum dos dois para lugar nenhum? Na próxima Copa vocês vão? Na outra foi a mamã, dessa vez vai o papai, mas alguma vez não vai ninguém? Mas é importante para gente, para o jornal.

A gente vê o prestígio do jornal. Recebíamos cartinha de agradecimento, de cartazes, de desenhos que recebi do ônibus do JN. Dava muito orgulho olhar para aquele ônibus, para aquela redação que iria rodar o Brasil todo. A chegada aos lugares. Acho que foi tudo muito especial, acho que todo mundo vai ficar esperando que cobertura virá? Para de 2014, 2010.

Eu brinco que esse jornal ele é muito versátil, ele foi se tornando versátil. Você traz alguém para sentar na bancada, então é uma coisa que fez uma diferença danada, já aproxima, porque não somos só nós no lugar. Tão reservado, onde fica, tem gente que já sentou ali. Algumas. Você sai para fazer uma ancoragem na rua, dependendo de um evento, um evento programado, ou você sai quando a pessoa menos espera, ao longo do dia aconteceu e você se desloca para determinado lugar. Houve entrevistas de candidatos nessa bancada, então ele vai se mostrando um jornal que mostra que há muitas possibilidades para ele. E a gente tem pros 40 anos um monte de sugestões, para mostrar que ele tem um poder de renovação enorme. A Caravana foi uma prova enorme disso, que era algo que nunca tinha sido feito. Você via âncoras americanos viajando para cada estado, para fazer um jornal de cada estado, mas aqui nunca teve antes. O projeto da ABC era diferente, porque o âncora viajou acho que durante um ano, era um projeto bem diferente. A história do ônibus ir para os lugares com o logo, isso fez uma diferença enorme. Deve ter sido como naquelas cidadezinhas quando chegava o circo. Mal comparando, aquele caminhão que vinha trazendo a novidade. Então eu acho que a gente ficou muito perto mesmo das pessoas. Sentíamos a cerimônia que existe um pouco. No fundo eles sabem que não somos artistas, mas como a gente aparece na televisão eles querem uma foto, um autógrafo. Aos poucos foi ficando mais íntimo mesmo, Acho que talvez seja isso que o Bial percebeu. Que de início é:

posso botar a mão no seu ombro para fazer uma foto. E depois a coisa foi crescendo, o William, então, era uma loucura mesmo, um frenesi no final.

Ainda hoje tem gente que dá boa noite para tv. Eu sei de muita gente que diz, você pode não acreditar mas eu dou boa-noite para você. Aumentou a vontade de dar boa noite no fim do jornal, como se fosse assim: ah, agora eu já conheço, não vão achar que eu estou maluco por dar boa-noite para ela. Se sente próximo, isso é legal.

Eu comprei o meu *blaser* em Ouro Preto, para fazer o jornal. Você não faz idéia da filha da moça, da dona da confecção. Eu levei três, só que eu ficava ao ar livre de costas para a praça e o fundo fica muito escuro, por mais que estivesse bem iluminado, recortava, mas eu tinha um cinza, eu tinha um bege que estourava muito o meu rosto e tinha um preto. Eu andei, andei, entrei numa loja e achei um de fecho, vermelho. Você não faz idéia da surpresa das pessoas: Você vai fazer o jornal com o *blaser* que a minha mãe fez. Elas devem imaginar assim: ah, mas ela compra roupa, não tem que ser assim uma roupa especial. Olha que normal, ela estava de jeans durante o dia, de tênis porque em Ouro Preto é ruim para andar. De noite eu estava lá arrumada, mas durante o dia eu não estava com essa maquiagem. É legal isso.

As pessoas ficaram um tempão ali, num frio danado. Eu ficava mesmo dando autógrafo. Acho que é o mínimo, as pessoas foram ver ali, não vão ter outra oportunidade, provavelmente de me encontrar, raríssimos vão me encontrar de novo, então acho que era um carinho. As pessoas agora vão me assistir com outro jeito de me ver.

Não existe um brasileiro. A gente sempre tenta...eu acho que o segredo de você falar bem para muita gente, óbvio que sem afetar a inteligência dos que se acham muito inteligentes, é você tentar contar para essas pessoas na forma de uma história. Os americanos usam o termo *story* para reportagem, a minha história de hoje é sobre isso, e eu acho que eles estão certos nisso. Se você encarar cada fato que você vai cobrir como uma história, e você tentar descobrir a forma mais interessante de você contar essa história, que ela não vai ficar óbvia, com aquele começo sempre igual, a passagem a sonora. Você pode torná-la interessante para qualquer pessoa, você pode imaginar que qualquer criança ouve histórias e compreende. Ela é contada de maneiras diferentes, ela compreende. Um filme bem feito, bem contado, vai interessar a uma grande maioria de pessoas. Então se você encarar aquele assunto, óbvio que uma história informativa porque a gente lida com informação, mas se você se preocupar com isso, em tornar aquele assunto de alguma forma, seja ele o mais árido possível, apazível, atraente, e você não quiser só despejar o que você conseguiu de informação achando que aquilo basta. Tá bom eu já apurei, agora eles que se

virem em casa, eu acho que este é o segredo para você conseguir falar para mais gente. É você tornar aquele assunto digerível, como se fosse uma verdadeira história que você vai contar. Quando você chega em casa e você vai contar para alguém algo que você viu na rua, você sempre vai encontrar um jeito de contar de um jeito que prenda o seu amigo, a pessoa que você vai contar. Se você tiver essa preocupação, eu acho, de que forma você vai despejar naquelas pessoas as informações que você colheu, eu acho que tem mais chance de dar certo. Eu acho que cada um tem um jeito de contar. Eu gosto de contar de uma forma muito natural. Eu não sou uma pessoa de ficar construindo uma frase elaborada, eu conto como se fosse a dona fulaninha, um jeito meu para deixar a história interessante. E acho que esse é o segredo. Não tem como pasteurizar o repórter e dizer que todos falam igual, falam se fizerem de uma forma burocrática que vai fazer aquilo de uma forma burocrática e quase prepotente no sentido que eu apurei, então agora a minha parte está feita, compreender é com o resto. E não é, porque a comunicação só é feita quando você consegue falar e o outro lado consegue compreender, senão isso não é comunicação, pode ser discurso, pode ser qualquer coisa, comunicação tem que haver a compreensão do outro lado, senão não houve comunicação.

É um exercício diário para buscar compreensão. Você tem que tentar fazer com que as pessoas se envolvam naquela história que não é delas, diretamente, mas que é importante. Você ter a certeza de que está falando para câmera mas que do outro lado tem alguém que precisa compreender.

Cada saída enriquece muito e esta especialmente, porque foi este contato com o público muito direto, não era fora do Brasil, era aqui, com certeza.

É um encontro marcado mesmo, as pessoas marcam horários, combinam coisas depois do jornal, ainda hoje. E eu acho que um pouco também por esse aspecto que é a capacidade dele de se renovar e surpreender. Porque é legal a pessoa ser surpreendida, não pela roupa, nem pelo cabelo da apresentadora, mas pelo fato de haver alguma notícia diferente. O JN não devia ter sempre entrevista. O JN tem que ter entrevista quando for necessário, o JN tem que por alguém para responder uma pergunta quando se justifique. Os repórteres todos vão poder fazer isso, então a gente vai fazer tudo? Não é esse o objetivo, mas é legal saber que ele pode fazer isso.

Eu ia numa lojinha, aí começo a olhar e a vendedora diz: tá procurando para as meninas ou por menino. To procurando uma lembrancinha para as meninas. Ah, daqui você tem que levar essas bonecas de cabaça. É engraçado que eu só tinha ido há muitos anos a Ouro Preto, depois que eu comecei a trabalhar em televisão eu nunca tinha ido a Ouro Preto,

mas era como se eu fosse para lá todas as férias, porque as pessoas me conhecem. A conversa é muito íntima. Ah eu tenho uma blusa aqui que eu acho que é a sua cara, eu ouvi. Como você sabe se é a minha cara? As pessoas só me vêem de *blaser*, mas é assim. Elas devem imaginar que eu uso *blaser* todo o dia, que afinal de contas eu estou de *blaser* todo o dia, mas pelas cores. Elas dizem: você adora cor, né? É verdade, eu gosto de colorido. Houve uma época em que eu só usava paletó desabotoado. Eles estavam muito sem graça e eu botava umas blusas por dentro mais alegres e eles diziam: To adorando o paletó desabotoado, eu nunca iria notar. Como é que as pessoas ainda tem tempo para prestar atenção em tudo isso? E o fato de você ter dito que ele é assunto de conversa. As pessoas falam, você viu ontem no jornal, e aí perguntam, discutem sobre aquilo.

3.3. Pedro Bial – jornalista

O Jornal Nacional que sempre foi uma espécie de nave espacial sobre o Brasil, ganhava rodas, pneus, uma forma. Foi um acerto de marketing genial, não apenas por termos o William Bonner e a Fátima Bernardes na rua para apresentarem o telejornal, como o próprio JN ficou mais próximo das pessoas. Um Pedro Bial que não era mais um repórter, mas um Pedro Bial já com uma popularidade na projeção do Big Brother Brasil. Também havia esse apelo a mais. Uma boa idéia por um lado, mas eu paguei um preço por isso.

Do ponto de vista pessoal foi muito traumático. Eu voltei muito paranóico, com medo de gente, como medo de sair de casa. Eu não podia sair do ônibus, eu não podia jantar, eu não podia fazer nada. Havia umas 2 mil pessoas em volta do hotel, a Polícia Militar não os conteve e eles invadiram o hotel. Eu lembro que diziam para mim: ‘Pedro, vai para o quarto’. Quando eu entrei no quarto, havia duas mulheres pulando a janela. Aí eu fui me esconder na lavanderia do hotel, com as lavadeiras. A Ana Paula Brasil, nossa produtora, foi tomar banho e quando entrou no quarto, nua, havia dois garotos entrando pela basculante do banheiro dela. Uma loucura total. Parecia mesmo àquelas cenas dos fãs dos Beatles.

Fiquei altamente paranóico. Foi traumático, porque eu tinha que trabalhar e ao mesmo tempo em algumas coisas eu não conseguia trabalhar. Houve um evento em Souza, na Paraíba, um sítio de pegadas de Dinossauros. Eu estava com a Ana Paula Brasil e chegou um ônibus cheio de crianças. Ela falou: ‘acabou a nossa matéria’. E eu falei chegou a nossa matéria.

Quando nós chegamos ao rio Amazonas, tivemos que arrumar matérias longe das cidades, senão não tinha como trabalhar. Vinham três mil pessoas para o cais do porto, corria até o risco de o píer cair. Eu não sou um cara que leva muito tranquilamente (a

multidão). A Fátima é um show, ela sai, sorri para as pessoas, tem paciência, eu começo a ficar nervoso, com a multidão em torno de mim, não me sinto bem.

Uma coisa muito ambivalente porque as vezes que passei no meio de povo foram tapas, unhas, essa história de que é muito bom o carinho que emana dos fãs é muito dúbia, a relação das pessoas com as chamadas pessoas públicas, ou celebridades é muito ambígua, ambivalente, tem muito amor e muito ódio. A minha experiência pessoal, por um lado eu voltei muito assustado, não tem para onde fugir.

Profissionalmente, foi muito legal. Eu lembro que numa entrevista coletiva, realizada antes de a gente viajar, eles perguntaram ao nosso diretor de jornalismo Ali Kamel, de quem seria o controle editorial das matérias? E a resposta foi a seguinte: o controle editorial da Caravana é do Pedro Bial. Aí eu pensei, está me bancando.

Aos poucos a gente foi procurando o formato que a gente queria fazer, chegando até ele, enquanto viajávamos. Esperávamos o dia em que a gente sairia para rua sem pauta. E esse dia chegou. Foram vários dias sem pauta, em que o que a gente viu virou matéria. Um exemplo: na estrada, passamos por uma escola, paramos e quando fomos ver não havia escola atrás, era só uma fachada.

Era um trabalho muito delicado porque era época de campanha presidencial. A gente não estava cobrindo a campanha em si. A gente estava cobrindo a nação enquanto havia pessoas que se consideravam aptas para conduzir o Estado. A gente tinha que ter equilíbrio político. Não podia ser somente matérias mostrando os nossos problemas ou exaltando as nossas belezas, era preciso ter equilíbrio.

Nós dávamos conta sim do peso de tudo o que vai ao ar no Jornal Nacional, do que se diz no Jornal Nacional e ao mesmo tempo tentávamos nos livrar desse peso e dar uma certa leveza à linguagem. O que eu acho mais bacana é que era uma janela de jornalismo experimental, ou quase experimental, no meio do jornal mais convencional do Brasil. Então eu achei isso espetacular.

Eu era repórter, nem aparecia no vídeo, mas viajava para muitos lugares. Cheguei a voltar a alguns deles, mas uma maluquice como essa, de cruzar o país, de ponta a ponta, eu nunca tinha feito antes.

O ônibus era uma cenografia ambulante, quebrava toda hora. Conforto zero. O ar condicionado não funcionou, quando precisamos dele, funcionou dez minutos, em toda a viagem.

Produzia-se tudo na hora e algumas vezes aconteceu de mudarmos o caminho. A equipe foi muito valente. Todo mundo esperava que um dia a gente não conseguisse gerar,

era natural. Nosso *deadline* para geração era 2 horas da tarde. A gente marcava entrevista com as pessoas as 7 e meia da manhã. Começava a trabalhar muito cedo para poder ter matéria até o meio dia e para poder gerar até as duas horas e ainda fazer quilometragem para chegar onde tínhamos que chegar. E para não viajar a noite. A gente tentava chegar a algum lugar ao anoitecer.

O que a gente encontrou de cara foi uma falta de interesse, uma falta de entusiasmo. As pessoas estavam vindo de dois anos de escândalos de ‘mensalão’, totalmente anestesiadas e não estavam nem ligando para as eleições. Não estavam nem aí. Eu acho que a Caravana teve um papel legal de tentar motivar, de mostrar que o voto vale sim. Quebrar um pouco do desencanto e do cinismo que estavam rolando, de que voto é tudo a mesma coisa.

E a partir da matéria da estrada, que foi logo depois de Santa Inês, que a gente pegou aquela estrada inacreditável ? o povo sabia o nosso itinerário obrigatório. Então onde a gente passava fechavam a estrada.

Ineditismo, coragem. E de fato bancou, teve coisas que o William Bonner não queria botar no ar e o Ali bancou, vai botar no ar. Como por exemplo quando eu falei que o Estado Brasileiro tinha perdido o monopólio da violência, que é a fundação do Estado. Foi aquele flagrante do sargento, um assalto em Alagoas, em....uma das matérias mais fortes. O desabafo de um sargento. A fundação do Estado como a gente conhece é uma evolução a partir das tribos, das famílias, até que seja uma hora em que o Estado fala, você me paga o imposto que você não tem que matar o seu vizinho, o Estado vai matar o seu vizinho, o monopólio da violência é do Estado. E aí nessa fala eu digo que o Brasil tinha perdido o monopólio da violência e que perdemos. Aí houve argumentos na redação, você não pode botar “perdemos no JN” e o Ali bancou. Então eu acho que foi interessante e foi

Existe aquela frase célebre da Margareth Thatcher, que diz “eu não reconheço tal coisa chamada sociedade inglesa, eu reconheço o indivíduo e sua família”. E eu me pautava assim, eu não vou conseguir entrevistar a sociedade brasileira, mas eu vou conseguir entrevistar o indivíduo brasileiro, a família, o que eles desejam que era o mote de tudo, os desejos do Brasil.

Foram matérias que cada vez tinham menos off e mais sobe som, que era deixar as pessoas falarem.

Havia uma monitoração de todos os partidos às matérias, estavam todos atentos. Depois eu fiquei sabendo que tinha um cara do PT que estudava todas as matérias e que chegou a uma fórmula matemática. Ele fazia assim 3 mornas, uma porrada, depois uma

soprada, e eu fiquei sabendo que eles chegaram a uma fórmula que nós teríamos concebido, maquiavelicamente de fazer uma caravana que levasse a um segundo turno, que ajudasse a oposição de alguma maneira, mas sem poder ser contra-atacado. Um pensamento bem paranóico conspiratório de um certo petismo.

A antepenúltima matéria foi num cartóriozinho eleitoral, numa cidade perto de Brasília, onde tinham, um delegado jovem falando sobre a importância do voto, que era emocionante, era muito legal e isso acho que contribuiu assim. E era uma matéria que terminava com aquele fim, que terminava com aquele fim que aparece na urna eleitoral dizendo: 'urna, o único lugar onde a palavra fim que dizer começo, porque é ali que começa, a democracia não é só o voto.

A tv como um dispositivo capaz de criar uma idéia de brasilidade. Eu acho que esse papel foi muito cumprido pela Globo num outro momento, num período da ditadura militar e pós ditadura militar, a Tv Globo foi muito unificadora, o fato de a gente falar a mesma língua e ter a identidade cultural que o brasileiro tem. Ao mesmo tempo, quando a gente encontra quando sai para a estrada para viajar pelo Brasil é a imensa diversidade, por mais que criou-se essa identidade brasileira, a diversidade regional, não perdeu em viço e ao contrário, é a primeira coisa que as pessoas querem afirmar quando você chega num lugar. E outra coisa que era engraçado também a coisa da história. Todo mundo falava: 'nesse lugar aconteceu...a primeira coisa que as pessoas iam falar do lugar era sobre as belezas naturais e a história. Em Penedo, Alagoas, até hoje fala-se sobre a viagem de Dom Pedro II que passou lá dois dias no século XIX. Depois desse orgulho regional tem sim um sentimento de nação, de brasilidade. Isso depende muito da educação. Alguém um pouquinho mais instruído, que teve um pouquinho mais de oportunidades e que aproveitou melhor as oportunidades, esse tem uma consciência de Brasil, de brasilidade do que representa a nação, que aquele que não teve mínima educação acha que é uma abstração, que é folclore, que é a seleção brasileira. É incrível a diferença que faz.

E os empreendedores, porque eles dependem do estado para não atrapalhar os interesses deles como empreendedores particulares. O empreendedor no Brasil é visto como um malandro, sinônimo de ladrão. Esse cara boa coisa não deve ter feito para ficar rico, há sempre desconfiança. Teve uma mulher da incubadora de empregos da Universidade de Olinda? Dizendo o Brasil não ama as suas empresas. E de fato. Nos Estados Unidos até o Donald Trump é admirado. Aqui esta mentalidade ainda é muito estatizante.

Só viajando se vê: os estereótipos caem por terra. Na casa de Luis Gonzaga encontrei um professor de entomologia, ciência que estuda os insetos, que era aposentado e louco pelo

Luis Gonzaga e que ia todo o verão, um gauchão louco pelo Luis Gonzaga, então esses estereótipos dos gaúchos e dos nordestinos caem por terra, você vai para Amazônia está cheio de gaúchos.

Na Amazônia. Então a gente viu uma fumacinha ali adiante, era uma serraria doméstica de uma família no fim do mundo e os caras altamente politizados, informados sobre política e eles viam o JN religiosamente. Tinha assim se dar conta do peso do que vai no JN, do que se diz no JN e ao mesmo tempo se livrar desse peso, dar uma certa leveza na linguagem que a gente se referia. Eu tive uma boa lição de Brasil. A gente sempre tenta adivinhar para quem está escrevendo. É tão complexo o país que você, está vamos mirar ali na periferia de SP, onde abriga a feira? do Ibope, mas isso é um reducionismo.

O JN tem uma fórmula de matérias e nos últimos anos isso vem consolidando de buscar um pouco o que a Veja e a Revista Time fazem, como se fosse escrito tudo pela mesma pessoa. Uma uniformização na maneira de contar as histórias, de todas as reportagens serem muito parecidas. E aí o sotaque regional, local é muito negligenciado, a não isso não tem padrão para entrar no JN por causa dos repórteres e tal. E se fosse assim, pô. Quando o Chico José entrou no ar pela primeira vez eu me lembro que eu era telespectador é um barato o Chico entrar com aquele sotaque nordestino, falando sobre o nordeste. É difícil para uma praça emplacar uma matéria ou eu to vendo coisas como gente da redação ditando texto do repórter na rua. Tudo bem acertar o texto, dar uma copidescada, mas falta um pouco de ousadia. Acho que há um pouco de conformismo. Acho que tem um buraco na renovação da criação de novos repórteres e aí como eu te disse. A Caravana dava espaço para experimentar.

Esse negócio de a gente evitar as capitais e cidades grandes, né? Dá uma idéia de Brasil profundo, para usar o clichê. E houve momentos de grande desalento. Olhar cidades de 2 mil pessoas em que todas as casas eram cercadas e eletrificadas, a violência não é um privilégio mais das cidades grandes. Mas o Brasil é isso, quem quiser compreender, vai do Everest à profundidade abissal, assim, no mesmo dia. E tem todos os motivos para desalento e outros motivos para encantamento incrível.

Guardando todas as proporções, o filme do Cacá é uma de arte, mas mostrava um Brasil diferente e eu acho que de uma certa maneira a gente também mostrou o Brasil arcaico, que persevera, mas também mostrou que tem uma novidade aí.

Eu acho que a nossa imprensa em geral cobre muito mal o interior do Brasil. As coisas que estão acontecendo na nação. As vezes a gente fica muito focado em Brasília, tem que ficar mesmo, mas tem um Brasil real, uma nação que a gente cobre mal.

Assuntos não são considerados notícias. O MST pode ser mais notícia do que o agro-negócio. Ainda tem uma dicotomia de tentar entender o século XXI com as ferramentas do século XX. A UDR é de direita, MST é de esquerda, não se trata disso, se trata de produzir riqueza e prosperidade e distribuir essa riqueza.

Eu tenho as minhas opiniões políticas e tal. Não busco a imparcialidade, mas tentei uma honestidade nessa abordagem.

Leva tempo para resolver as coisas. O Brasil melhorou muito em vinte anos de democracia já melhorou demais.

É um caminho de duas mãos. Assim como o estado acha que tem que regular tudo, um furor regulador de todas as atividades da sociedade, às vezes a sociedade também fica esperando que o estado resolva todos os seus problemas. Ah, não tem nada resolvido, então faça alguma coisa você.

Assistencialismo pacivisa muito as pessoas. Sem dúvida a idéia de dona Ruth Cardoso, da bolsa Escola, é muito bacana, mas a ausência de contra-partida e a maneira como são aplicadas tem que ser discutida. Eu vi no nordeste exemplo de um cara que não faz nada. Na casa dele ninguém morre de fome mas também não vai sair daquela situação, porque para isso precisa educação.

No fim da Caravana fiquei muito orgulhoso e vendo o DVD faz muito sentido, ter conseguido.

República Guarani como uma teocracia. Dentro da definição do que é uma teocracia, que o poder estar na mão de Deus e que os sacerdotes o põe me prática não difere me nada do Irã. O texto falava em comunismo. Igualitária, que assim como o comunismo. Teocracia. Eu tenho medo de muita coisa mas não tenho medo das palavras, não.

Eu meti o pau numa estrada da Bahia, toda esburacada, aí o cara veio me falar isso é problema dos caminhões que andam com excesso de peso. Mas há balança ao longo da estrada. Não tem estrada, mas tem posto de fiscalização de peso em todas as estradas, todas as estradas do Brasil tem então não vem botar a culpa nos caminhões pela manutenção da estrada. Cada cabeça uma sentença.

O *blog* era uma oportunidade de falar mais solto, mais emoção.

Teve a história dos jacarés. Eu desafiei o cinegrafista a ir fazer imagens de jacarés. Havia as pessoas amputadas na reportagem, mas não tinha a imagem.

3.4. Ana Paula Brasil – jornalista e produtora da Caravana JN

Primeira vez que eu ouvi falar da Caravana JN, houve um comentário num almoço, numa situação fora do trabalho. Na mesma hora eu disse “eu quero ir nisso”. Me ofereci. A oportunidade de ver o “mosaico” de perto. Eu já conhecia muito bem o Brasil. Já tinha viajado bastante pelo Brasil, mas como turista. Sempre viajei muito, sempre gostei de viajar muito. Morei em Brasília muitos anos, a gente vinha de carro com os meus pais passar férias no Rio, passando por outros estados, meu pai gosta de estrada. A gente viajava muito de carro quando criança. Eu já tinha ido a lugares turísticos e fiquei tentada em conhecer outro aspecto do Brasil. Em ver de perto o que a gente tenta mostrar nos nossos telejornais de rede.

Eu encontrei muito do que eu esperava encontrar. Encontramos algumas coisas que nos surpreenderam, como o aspecto da violência. Eu me lembro que foi algo que nos surpreendeu. Em cidades muito pequenas, cidade de mil e poucos a dois mil habitantes, tudo gradeado, tudo cheio de alarme, não existe mais esse Brasil de ficar sentado no portão de casa até tarde da noite, conversando.

Era tão maluco. Muito corrido, a gente tentava ter uma rotina de no fim da tarde, depois de gerar a matéria, já seguir para o destino seguinte para dormir e acordar lá. Só que nem sempre a gente conseguia, a gente tentava evitar viajar a noite por causa de segurança. O ideal era chegar ao fim da tarde ou de noite para que poucas pessoas soubessem que a gente estava na cidade. No começo isso não era um problema. Mas depois, o fato de a gente estar na cidade virou um carnaval e a gente tinha dificuldade para trabalhar. A gente até brincava que o Bial tinha um tempo de validade. A gente botava ele na rua para fazer as entrevistas e dali a 40 minutos tinha que recolher ele. Ele entrava no ônibus para editar, ficava cheio de gente em volta, as vezes a gente ainda conseguia botar o ônibus num lugar reservado, num estacionamento de hotel, aí era mais tranquilo. Mas nas cidades pequenas, o ônibus ficava parado no meio da praça. E quando a gente estava gerando a matéria vinham pessoas, tirávamos foto, na maior paciência, na maior atenção.

Eu era um faz tudo. A gente tinha as funções mais ou menos definidas mas acabava. A gente saiu do Rio com um levantamento prévio, com sugestões de pautas, para aquelas regiões por onde a gente iria passar, mas na véspera eu fazia um contato com alguém da cidade sem dar muita informação porque a gente não queria que as pessoas soubessem que era a Caravana JN. Então eu dizia que estávamos com uma equipe na região e queríamos falar sobre determinado assunto e pedia sugestões de pessoas que pudessemos procurar. Então tentávamos deixar alguma coisa mais ou menos marcada. Mas isso podia mudar.

Tentávamos chegar na cidade com uma pessoa para procurar. Aí checávamos informações, fazíamos um levantamento da pauta para a gente ir para a rua no dia seguinte com a coisa mais ou menos situada. E muitas vezes também eu fazia reportagem juntamente com o Bial, porque tínhamos várias marcações para o mesmo dia e um horário muito apertado para editar. Então como tínhamos duas equipes ele ia com uma equipe gravar num lugar e eu ia com outra para fazer entrevistas, reportagem de campo.

Quando chegamos ao Rio Grande do Sul encontramos uma festa, as prendas todas vestidas, e perguntamos se elas não gostariam de ir para a ancoragem lá nas missões e as meninas foram todas vestidas, prendadas. Teve gente que chegou a pensar que a gente tinha contratado figurantes. Teve gente, pessoal de outros estados preparando as outras ancoragens, eles ligavam para saber sobre os figurantes que havíamos contratado. Não, não é figurante gente, eles se vestem assim, está tendo uma festa na cidade.

Algumas vezes a gente foi surpreendido pelo factual, chegou na cidade de São Miguel do Araguaia, em Goiás, a gente chegou na semana de uma festa religiosa. Encontramos um padre muito interessante. A pauta era outra, acabou virando. Foi feita dentro da igreja, uma matéria totalmente inesperada. Algumas vezes a gente foi surpreendido.

Foi uma janela. O JN é o produto mais importante, é um jornal que tem um padrão e uma linha muito bem definidos e mandaram a gente para rua bicho solto. O que rolar rolou. Mandavam aquela vinheta da Caravana e as pessoas não sabiam o que viria.

Era uma linguagem muito diferente. O Bial já tem um estilo assim bem próprio, as matérias nunca eram aquela coisa 3 por 4, arroz com feijão. A edição era toda diferente também e houve dias em que a gente ousou com brincadeiras, com a maneira de começar a matéria.

A gente queria fazer um documentário, acabou virando um documentário em formato de DVD e o Bial dizia assim. Esse documentário não tem direção. A única direção aqui é do Décio, que era o motorista.

A gente saiu com o propósito de ouvir os desejos do povo brasileiro num ano de eleições. O que você deseja para o seu país? A gente foi totalmente de coração aberto, não sabíamos o que iríamos ouvir. Claro dentro dos parâmetros de saúde, educação, segurança, esses três talvez os mais recorrentes, mas especificamente não havia nada. A gente foi solto.

Houve uma inspiração num projeto americano, da ABC ou NBC, que também num ano de eleição eles viajaram ancorando o programa em todos os estados americanos. Eu

acho que a Caravana aproximou muito o Jornal Nacional do público. É o JN bate a sua porta. Imagina, em Pederneiras, a mulher abre a janela de manhã e dá de cara com aquele ônibus que era um outdoor. É o JN na sua porta. O ônibus era muito fotogênico, mas atravessamos o Piauí sem ar condicionado, conforto não havia.

Eu sempre gosto dos lugares. Claro tem regiões que você fica muito chocado pela pobreza, mas aí nesses lugares você é bem recebida. Eu fiquei muito impressionada com a pobreza no Maranhão, já conhecida o Maranhão, já conhecia o Piauí. Achei que o Piauí melhorou muitíssimo, eu tinha estado no Piauí 15 anos antes. Achei que o estado melhorou muito, e fiquei muito chocada com o Maranhão. Já conhecia as áreas turísticas. A gente esteve em Caxias, Riachão, nossa é chocante.

Já era a minha terceira visita a Ouro Preto, que é belíssima. Mas é uma área muito favelizada no entorno. No Brasil tudo muito ao Deus dará.

Uma cidade belíssima em Alagoas que a gente visitou chamada Penedo, a cidade é uma coisa.

Em Santa Inês foi beatlemania. O hotel invadido, coisa de louco. Eu percebi que o hotel tinha sido invadido porque eu saí do banho e havia uns meninos subindo um no cangote do outro e se pendurando na janela, que era alta. Aí falei “caramba, de onde surgiram estes meninos”. Quando eu cheguei no corredor vi outras pessoas fugindo pelo pátio interno. Corri para o quarto do Bial e falei ‘não sei do quarto que o hotel foi invadido’ eu fui atrás dos meninos da segurança que já estavam lá fora desesperados. Nesse dia teve que chamar a PM.

Eu tenho certeza que essas pessoas se sentiram representadas. Acho que o retrato que a gente mostrou foi muito legítimo. A gente tinha uma preocupação de não fazer a Caravana da desgraça, porque a gente sabia que iríamos passar por regiões de mazelas terríveis, mas a gente tentava equilibrar, falar de economia, falar de comportamento, falar de outras coisas. Imagina, algo que ia ficar dois meses no ar, você ficar mostrando desgraça todo o dia, tem que dar uma arejada. Acho que as pessoas se sentiram muito representadas. A nossa edição era muito corrida, mas como tudo era corrida a gente já gravava o material e já sabia mais ou menos o que ia usar. Tentava otimizar um pouco a gravação porque a gente não teria tempo de sentar e ficar decupando. Só tinha uma máquina. Era a Gigi decupando e editando. E enquanto a Gigi e o Pedro estavam na ilha de edição a gente já estava marcando hotel para a cidade seguinte, fechando mala, os meninos de operações montando a antena geradora. E a gente se revezava para ir almoçando.

Eu acho que o fator surpresa. Era um circo. Imagina um ônibus pintado JN gigantesco azulão, carregando Pedro Bial. Muita gente vinha bater no ônibus perguntando ‘posso falar com o Bonner e com a Fátima?’ Eles não estavam, os apresentadores se revezavam para ir nas ancoragens. Mas as pessoas ficavam tão impressionadas com o JN no quintal de casa que eles achavam que a Fátima e o Bonner estavam dentro do ônibus.

As pessoas ficavam muito honradas de receber o ônibus e a gente se sente super bem amparado pelas afiliadas. A Globo tem uma rede de afiliadas muito grande. Faz parte da minha rotina de trabalho falar com estas afiliadas todos os dias. São mais de 120 afiliadas, a gente é muito bem coberto. A diferença é que o ônibus era um acontecimento. Era o Bial também saído de vários *Big Brothers*. No começo a gente saía sem segurança. Os seguranças foram a princípio para guardar o ônibus e o equipamento. A gente tava viajando com equipamento muito caro. E o Pedro ia para rua só com cinegrafista. Aí teve um dia em que eu me vi fazendo leão de chácara para o Pedro Bial. No interior de São Paulo começou a acontecer o assédio. Quando junta muita gente é difícil. Eu dizia ‘Pedro nunca apanhei tanto por causa de um homem’. O Bial depois dos *Big Brothers* ele passou a ser visto pelo público de uma maneira um pouco diferente. A gente estava em lugares onde as coisas pouco acontecem. Num grande centro a gente até conseguiria trabalhar melhor mas numa cidade pequena não.

Chegamos a São Miguel depois de uma viagem de três dias trágicos na estrada, a viagem de ensaio do ônibus foi muito difícil. O ônibus já não era grandes coisas e a gente fez muitas adaptações, o ônibus foi muito mexido. Tinha cama se precisasse dormir numa emergência, tinha 4 camas. Durante a viagem a gente trabalhava no lap top, dormia, as vezes lia. Saudade? Na época estava no meu primeiro casamento, meu marido foi me encontrar em Ouro Preto e Belém.

Em Belém foi mais tumultuado porque teve o episódio do barco afundando, corre para lá, para cá reunião toda hora, capitania dos portos. O barco que a gente tinha contratado afundou e tivemos que contratar outro as pressas, foi uma confusão.

São vários brasileiros, não existe um brasileiro. Continuo achando o país um mosaico.

Como as pessoas ficavam incomodadas. O brasileiro não gosta que você fale mal da cidade dele, da região dele. Às vezes a gente dizia assim, nossa a gente tem que denunciar este problema, a não, então mostra ali o jardim zoológico que é lindo, o jardim botânico que é lindo. Mas todo mundo já sabe que aqui tem um jardim lindo, a gente tem que mostrar este buraco aqui. O brasileiro é muito sentimental, num aspecto ruim da palavra.

A gente correu uma estrada paralela das eleições. A gente não fazia matéria sobre as eleições e nem sobre política. Era o que você deseja para o seu país no futuro?

Acho que as pessoas querem se ver representadas. Cada vez que você cita...eu já tinha essa sensação de outras viagens minhas, quando eu fui visitar as cidades históricas de Minas, o cara dizia. 'Aqui é o lugar da procissão que você vê todos os anos no JN'. Em outra cidade 'aqui, como vocês já devem ter visto na tv Globo'. É importante pros moradores isso. Tem um orgulho regional, as pessoas querem ver sua cidade, querem ver sua cidade citada, de preferência por uma coisa boa. E acho que é uma preocupação que agente tem que ter, sair do eixo Rio, São Paulo, Brasília. E a Caravana serviu para isso, porque fomos para o interior profundo. Havia algumas cidades médias tipo Londrina, Ponta Grossa, mas muito poucas.

Eu acho que é uma frustração que o telespectador de maneira geral tem. Ah a televisão teve aqui mostrou e não adiantou nada. A gente gostaria muito de ter o poder de resolver outras coisas mas a gente não pode desejar isso, não pode achar que a gente tem esta função. A nossa função é mostrar.

Aquela BR que a gente atravessou continua igual. Parece que arrumaram um trecho.

Éramos uma estação de tv, geradora, gerávamos para o Rio. Todo o dia uma ventura para posicionar aquela antena. A antena é chamada *fly away*, muito usada pelo pessoal do esporte para fazer transmissão esportiva. Ela foi adaptada, foi mexida para poder ser desmontada e caber dentro do ônibus. E todo o dia ela tinha que ser montada e a antena tinha que encontrar posição para falar com o satélite. E é uma coisa assim altamente complexa, uma sintonia muito fina. Algumas vezes alinhava logo, outras vezes ficava horas. Eu me lembro que também em Sta Inês a gente teve dificuldade para achar o satélite, me lembro do Suarez segurando a antena, o prato da antena, com a mão. E eu cheguei falando com ele e ele disse 'não fala comigo agora, não posso me mexer'. Ele posicionou com a mão, segurando o prato de geração com a mão.

A gente se conhecia pouco, conhecia o pessoal de corredor, de vista. Nunca tinha trabalhado diretamente com nenhum deles. Dois cinegrafistas, um técnico de áudio, um editor de imagem, produtor, Bial, motorista, Suarez (geração) 4 seguranças e depois foi incorporado um mecânico, porque o ônibus dava muito problema.

Mala muito prática, glamour zero, só roupa de briga, calça cargo que vira bermuda, uma bota, uma sandália, mala bem leve.

O frenesi quando chegou a febre ‘Caravana fever’, foi acima do que a gente esperava. Eu acho que foi um projeto muito inovador, no formato, na linguagem e eu espero que a TV Globo invista novamente em aproximar o Jornal Nacional do público.

Queria ver de novo a Fátima e Bonner em outras cidades ancorando o JN. Eu sei que não pode ser uma coisa gratuita. As pessoas ficaram tão honradas, esquentou tanto a relação do JN com o público, eu gostaria de ver isso de novo.

A equipe toda dava autógrafo, até o motorista. No começo eu dizia mas eu não apareço na televisão, não mas você trabalha na Globo a gente nunca sabe amanhã ou depois você está na novela e eu já tenho o autógrafo. Na primeira e na segunda vez você argumenta, na terceira já pergunta: qual é o seu nome mesmo?

A grande lição da Caravana é poder aproximar o JN do seu público. A Globo tem uma estrutura maravilhosa, ela pode aproveitar para montar o circo. Mostrar que a gente está presente, a gente veio até aqui ouvir o que as pessoas pensam. O Bial perguntava para as pessoas: ‘alguma vez algum político já bateu na sua porta para ver o que o senhor quer? Não nunca. São pessoas que nunca foram ouvidas. Eu acho que a idéia do JN na estrada foi maravilhosa porque a nossa marca ficava por onde passávamos. Uma marca que já é consagrada e que foi ao encontro das pessoas, para ouvi-las.

E tinha uma coisa da rapidez. A gente tocava fogo na cidade de manhã e a noite aquilo tava no ar. Então as vezes a gente chegava na cidade e as pessoas diziam ‘eu sabia que eles vinham’. Não sabiam de fato, mas estava torcendo. Este roteiro existia, era *top secret*, mas algumas vezes ele foi modificado ou porque a gente não conseguiu chegar, tivemos que parar cedo, ou porque a gente mudou de opinião.

No polígono da maconha a gente atravessou com escolta, com grupamento tático da caatinga. Porque a direção conversou com a polícia federal que o projeto ia acontecer e com um tipo de equipamento que estávamos levando, com o Bial. E pela nossa segurança houve um aconselhamento de que naquele trecho a gente aceitasse a ajuda da polícia. Era tanta escolta, helicóptero, homem armado, que não deu nem para sentir medo. A gente teve reforço da segurança da Globo, pessoal super treinado.

A ancoragem era no meio da rua. Eu senti medo, na ancoragem de Petrolina, porque o Bonner e a Fátima ficavam sempre num lugar um pouco mais alto, para ter uma visão melhor da praça. E eu ficava com o Bial no meio da multidão. A gente sempre tinha medo que não aparecesse ninguém, que seria uma tragédia. Em Minas a gente tinha medo porque era uma cidade de estudantes, que alguém fizesse algum protesto. O fato de ser ao vivo tornava tudo possível. As vezes pintava um cartaz com alguma bobagem. Quando a gente

via o segurança pedia para tirar. Chegou vazar no ar uma coisa ou outra, tipo vote nulo, mas nenhum incidente grave.

Nunca houve hostilidade com a gente, de maneira geral fomos muito bem recebidos. As pessoas demonstraram gostar do JN, adoram o Bonner, a Fátima e o Bial.

Eu acho que as pessoas esperam mais da gente do que a gente pode fazer. A gente recebia bilhetinhos com pedido de material de construção para terminar minha casa, prótese para filha que não anda, durante o dia vinha alguém e entregava uma cartinha. Corta o coração mas a gente não pode fazer nada. ‘Tenho esperança, só vocês podem nos ajudar’. Coisas que não tinham nada a ver com o que a gente estava fazendo. Mas é difícil você dizer para uma pessoa que é totalmente desassistida que a gente não pode resolver o problema dela.

A tv sem dúvida é um elemento de integração, ainda mais num país como o Brasil, onde muitas vezes a tv é a única fonte de informação, fonte de diversão, para muita gente a tv tem essas funções. É muito diferente ver o JN num posto de gasolina junto com os caminhoneiros. A gente pensa muito no meio em que a gente vive, mas é bom ter essa noção maior do público.

A gente não pode esquecer que a gente está falando para um Brasil muito vasto. O JN já tem esta preocupação com a linguagem, tudo tem que ser bem esclarecido, a gente não pode esquecer que a gente está falando para uma diversidade grande. Tem que tomar cuidado para não nivelar o jornal muito por baixo, mas a gente não pode correr o risco de fazer um jornal excludente.

3.5. Gisela Pereira – jornalista e assessora de comunicação da Caravana JN

Eu trabalho na Central Globo de Comunicação, já trabalhei em jornal como repórter. Quanto eu estava na Copa a minha chefe disse eu tenho uma missão para você: não sei se você vai adorar ou odiar. Ela me contou e eu adorei na mesma hora. Só que era assim, eu chegava da Copa num domingo e viajava na quinta-feira de novo. De uma viagem de dois meses para outra de dois meses, com 4 dias em casa.

Eles queriam um registro de toda essa viagem, mas não para ir ao ar. Eu que não sou fotógrafa, virei fotógrafa, porque eu era o registro fotográfico para divulgar a caravana não só aqui não grandes cidades, Rio e SP, mas longe. A procura de imprensa local, de rádio local, de comunidade de jornais, era muito grande. A idéia da Globo, a idéia do jornalismo era vamos falar com todo mundo. Se o objetivo era estar muito próximo vamos abrir esta porta.

Foi uma viagem de dois meses, acaba sendo uma aventura louca, por mais que a gente tenha um suporte incrível da TV Globo. Vacinas, ajuda de infra-estrutura, mas é uma aventura. 300 quilômetros por dia, na estrada de ônibus.

Todo mundo faz um pouco de tudo. Eu era uma fotógrafa que não sou, era assessora de imprensa. No que eu entrei na Caravana passei a colaborar com o *blog*. Não dava para colaborar toda hora porque as nossas conexões eram terríveis, só que as pessoas são muito legais. Em vários momentos estava eu na recepção de hotel de beira de estrada, na administração ou na sala do dono, para mandar coisas rápido. Em alguns lugares a gente não tinha conexão de *lap top*. Quando eu podia também ajudava a produzir, achar entrevistados. Nas filmagens ajudava como eu podia, porque eu acompanhava tudo, estava em quase todas as gravações.

Como o Bial é uma pessoa muito conhecida e com o *Big Brother* se popularizou mais ainda, porque é um dos programas mais assistidos hoje em dia, as pessoas pensavam: essa é a oportunidade de eu por a minha voz no ar e dizer o que eu quero para cá. Porque eram cidades muito pequenas, fora do eixo. A gente tinha uma procura absurda de pessoas que estavam ali por tietagem. Mas a gente tinha personagens muito especiais porque eles estavam querendo se fazer ouvir. No meio do caminho tinha muita farra, to vendo o JN de perto, que legal. Mas acaba se misturando um pouco as duas coisas.

O objetivo era ter uma tranquilidade para conseguir desenvolver a série, mas às vezes era mais difícil. Eu acho que as pessoas tem uma paixão pela Globo. O fato de você estar na Globo é uma paixão. A gente, eu, repórteres-cinematográficos, produtora, demos centenas de autógrafos. No início eu tinha muita resistência. Isso já tinha acontecido noutra viagem que eu fiz pela Globo. “Gente, mas eu não sou artista”. Mas você trabalha na Globo, me dá um abraço por favor. E aí eu dei um abraço na pessoa. O que eu vou fazer também? Não, não vou dar um abraço? Vou virar as costas? É uma paixão pelo fato de você trabalhar na tv Globo. Pediam meu orkut, meu MSN. Para umas meninas de Brodósqui eu tive que dar. Você ta na Caravana, você trabalha no JN. Eu acho que a paixão é pelo Jornal Nacional, mas pela Globo, a instituição, o fato de você estar numa empresa que significa tanto, como algo que elas conhecem. Qualquer pessoa é criada vendo a Globo.

Na Amazônia, a gente saltou do barco. Estava havendo uma partida de futebol clássico da cidade. Um lugar muito pequeno. As crianças cercaram o Bial e pediram par tirar fotos com câmera delas. Aí uma menina chegou, bateu na minha perna, toda educadinha, moça será que dá para eu tirar uma foto. Eu falei: ah, pergunta para ele, acho que não vai se importar não, vai lá. Deu para perceber que ele estava conversando com alguém. Ela disse

eu não vou atrapalhar. No fim ela veio para mim de novo e disse: será que eu posso tirar agora? Eu senti que ela estava muito tímida, ao contrário da maioria das pessoas nessa viagem. Ela não queria atrapalhar. Eu falei vai lá, me dá a sua câmera. Ela disse, eu não tenho câmera, então tá eu tiro com a minha. No fim perguntei: para onde eu mando, ah, não precisa mandar não, o endereço é muito difícil. Que representa o Brasil. Ela disse que essa foto não vai chegar, porque ela morava no meio do nada. Mas fica para vocês, para vocês lembrarem de mim. Eu fiquei chocada. As pessoas me emocionaram muito.

O Brasil é muito mais do que a gente vê aqui. Só viajando mesmo. A gente sabe pelos livros, mas não é a mesma coisa. Não existe um brasileiro. Existe uma maioria no que a gente viu, vou falar do lado bom. Tem um brasileiro eu é, eu não queria cair nesse clichê, mas é muito acolhedor. É difícil saber também porque a gente chegava pela Globo e naturalmente já era bem recebido. Mas eu acho as pessoas muito acolhedoras em geral. As cidades pequenas são muito mais acolhedoras. Mais ingênuas, um romantismo, convívio do dia a dia, relação com as pessoas.

Hoje em dia, o cara que antes não tinha acesso a uma determinada questão, determinada coisa, hoje em dia tem mais acesso, sim. Ele vê mais as coisas seja pela televisão, pela *internet*, é uma forma de todo mundo ter o conhecimento muito mais rápido que antigamente.

Quanto a gente chegava e parava para entrevistar as pessoas entendiam, pô, que bom estou tendo uma oportunidade. Vou conseguir falar o que a gente precisa aqui. Pôxa a gente não tem asfalto, por exemplo. O meu pedido seria segurança, o do Bial seria menos impostos, o do cara lá no interior era um hospital. É claro que a gente quer uma saúde boa, aqui. São classe média, segurança, menos impostos. O cara está fazendo um pedido para uma cidade que mal tem saneamento. Eu queria que ficássemos mais tempo em cada lugar, mas não tinha como. Seria melhor ainda, obviamente.

Desde o momento em que eu estava saindo eu sabia que era uma coisa nova e inovadora. O formato, para gente, totalmente inovador. Então por isso na hora em que fui convidada eu topei na mesma hora. É tudo o que eu gostaria de fazer. Porque eu iria entrar num projeto diferente que me interessava. Conhecer de perto e trabalhar num projeto que eu achava que era muito importante para o jornalismo, para as pessoas.

Era a chance de o povo se sentir ouvido, representado. É uma voz, é um canal, é muito legal que o jornalismo se aproxime da comunidade. Jornalismo tem que ser serviço para a população, tem que ele se ver ali. Depois da visita, o morador pensa: esse jornal também fala de mim. Pra quem for entrevistado, certamente este jornal também fala de mim.

Talvez, antes, ele achasse. Ah, acontecesse isso em Brasília, mas ele fala do Brasil, me representa também.

Nós tivemos muitas dificuldades em várias coisas, mas no meu caso, específico, foi o cansaço. Era muita ralação e eu já vinha de uma pedreira dos dois meses anteriores. Então teve momentos em que eu estava muito cansada. E o cansaço físico acaba provocando um cansaço de cabeça. Então teve uma hora que foi muito forte. A gente às vezes chegava no hotel 2 da manhã e tinha que acordar 5 ou 6 horas. E isso não acontecia uma vez, nem duas. Isso aconteceu muitas vezes. E a gente não conseguia ter folga. E o que eu achei muito interessante, isso eu não falo porque eu trabalho aqui não. Mas em algum momento alguém podia dizer assim: “ah, estou tão cansado. Vamos fazer assim hoje, mais rapidinho?” Não, é impressionante. A galera é muito CDF. Apesar de todo o cansaço vamos fazer “bom para caramba”.

Todo mundo dizia que o Piauí era o estado mais pobre, cara o Maranhão está em frangalhos. A gente estava numa estrada terrível que a gente fez em duas horas, se eu não me engano. Cheia de buracos. Impossível de andar. A gente parou, a gente fez um vivo de um posto de gasolina, sem luz nenhuma, uma loucura. Era o Bial falando daquele absurdo que era aquela estrada, como aquilo era importante, importante demais para aquelas pessoas. A gente pede menos imposto e o cara lá, tem uma estrada de 40 km que ele atravessaria em meia hora, em duas horas. A gente fez um link no JN, porque era muito difícil essa operação. E foi incrível, muita vontade, um compromisso muito forte. A gente podia ter feito e mostrado no dia seguinte, mas seria muito mais legal se a gente entrasse ao vivo. O profissionalismo da equipe me impressionou muito. Ninguém fazia nada mais ou menos.

A convivência é difícil e claro que em um momento ou outro houve pequenos atritos. Mas nada grave e isso foi algo que facilitou muito essa viagem. Todo mundo foi com essa cabeça: a gente tem que se dar bem. Quando houve dificuldade tentou-se superar a dificuldade. É impossível não ter uma briga em dois meses. Nós nos ajudávamos muito.

Na hora de fotografar eu pensava em duas coisas. Em fotos da nossa equipe para a gente mostrar, divulgação e ter um registro, um arquivo, além de mostrar o que a gente tava vendo, que é o Brasil.

Eu viajo muito. Me acrescentou muito como várias outras viagens. Não tem como voltar para o mesmo lugar. Você sai e vota outra. Eu fui para lugares que eu nunca iria, a não ser a trabalho. Eu conheci muito mais do Brasil. Eu não sabia que Portinari era de

Brodóski, eu não sabia que a gente tinha um parque com pegadas de dinossauros, eu não sabia muita coisa. Me acrescentou muito como história do Brasil, passado e atual.

Teve um hotel em que o Bial deixou o autógrafo dele na parede e eu tenho certeza que aquilo já é ponto turístico, provavelmente.

As ancoragens eram muito emocionantes. Ficaram mais emocionantes a partir do nordeste. Porque no começo era frio, as pessoas não conheciam a Caravana. E o que dá pena é de não poder mostrar o *making off*. Teve isso, o aceno do Bial foi a parte mais linda, numa despedida. Mas o que era muito legal. Na hora do jornal as pessoas eram muito educadas, porque era combinado antes, para haver silêncio senão você não consegue ouvir o que o apresentador está falando. Mas era isso. Antes de entrar, ou no comercial, o Bonner ou a Fátima eles falavam com o público como se eles estivessem apresentando um programa mesmo. E era muito legal. Eles falavam: gente vocês estão me ouvindo e as pessoas respondiam: estamos. E eles se comunicavam, era isso. O que eu acho interessante no Jornal Nacional eu acho que muita gente dá boa noite para eles no final e lá eles falavam diretamente, eles não pensavam este boa noite é para mim. Eles tinham certeza de que estavam falando com eles. Ele realmente está falando comigo. E conversava, quem estava na frente falava mesmo. No final, o fenômeno autógrafo. Bonner e Fátima, iam muito queridos, tiravam fotos. O Ali Kamel ajudando a Fátima a dar autógrafos. As pessoas na rua não tinha noção de que ele é um diretor. O maior barato. Ele pedia para as pessoas se acalmarem.

Se tivesse outra eu encarava.

3.6. Francisco Oliveira – engenheiro, operador de Sistemas da TV Globo

A UMJ no passado, década de 60, da ABC de Nova York. Como a que vocês usam todo dia. Dentro só tinha um vt de fita enorme e pesado para burro, e duas câmeras, mais nada. Os caras chegavam ao sinal, com isso aqui, um transmissor analógico, microondas. 200 quilos. Hoje em dia: equipadas com mastro, o antena menor, transmissor está junto com ela. Muito menor. As antenas receptoras a mesma forma. Esse conjunto todo se tiver 20 quilos é muito, 10% do peso. O enlace antigamente tinha que ser visual direto, hoje ao usar sistema digital de modulação, ele nos ajuda se você rebater em morros ou edifícios não tem comprometimento final na qualidade do sinal. Ex. a tua tv quando você chegam em casa, no caso da analógica, se você mexe na antena ou pousa um pássaro na antena, o que você vê logo em casa? Um chuvisco, sai de alinhamento, uma imagem tem várias imagens se repetindo ao lado, o que a gente chama de fantasma, associado a defeitos de cores. E ruído.

Hoje em dia, com o sinal digital, a relação sinal ruído não é tão alta, o ruído é praticamente extinto. Hoje, na verdade, ou você tem o sinal perfeito em casa ou não tem nada, tem um fade. Com o advento da chegada do sinal digital, é muito comum a gente errar numa coisa. Tv digital ela tem um compromisso de mostrar para você uma qualidade de vídeo em nível cinema, o HDTV, o *Hight definition*. Quanto a gente fala em transmissão digital, nós usamos artimanhas e artifícios, ferramentas para que a modulação digital nos permite fazer, em prol para que a qualidade do sinal seja boa desde a origem. para você não ter perdas nesse caminho até a chegada na sua recepção. A transmissão feita pela Caravana JN era digital.

A TV Globo tem hoje um contrato com a Estrela do Sul, que é um serviço de satélite, que fica a nossa disposição numa determinada frequência, num determinado *transponder* de uso. Ou seja, na prática eu não preciso toda a hora que eu quero sair com a minha redação móvel ou sair com o Brasil Instantâneo, que são as SNG (*Satelite Nwes Gatering*), você saindo com esses carros equipados com esses transmissores eu não preciso toda vez ligar para a estação terrena, me identificar: meu nome é tal... queria subir sinal. Aí o cara lá do outro lado vai falar tudo bem, sobe transponder tal, frequência tal, ia ter que me dar todo um ritual todo um status que eu teria que subir meu sinal. Então este contrato nos permite, primeira coisa, facilidade, acesso. Esse canal é aberto exclusivo para a TV Globo, que paga anualmente, esse Estrela do Sul que é um satélite chamado de banda KU. O satélite está no espaço a 36 mil quilômetros de distância da terra em órbita da Terra. Você leva 36 mil quilômetros de distância para transmitir até a chegada do satélite e o satélite repete de novo esse sinal aqui para a terra, numa outra frequência. Então a frequência de subida é diferente da descida para não ter problema. Isso já vem acontecendo desde a chegada do Brasil Instantâneo aqui, que é o BI, aquela UMJ que tem uma parábola maior.

O que o JN queria? Queriam facilidade, já que nós já tínhamos na mão realmente uma estrutura de satélite alugado, de serviço, na verdade e tínhamos o transmissor, então porque não levarmos para a Caravana JN, haja vista que iríamos percorrer o Brasil de Sul a Norte. Num primeiro momento a idéia foi levar uma microondas, lá a gente fecha...Jamais. Microondas para a gente, para a gente fazer a mesma transmissão de sinal a gente precisaria de dois fatores: visada com a torre da emissora do local onde a gente faria e onde estaríamos, não sabíamos. Nós iríamos percorrer o país. A microondas faz o chamado enlace terrestre. Ela depende, hoje não muito, por causa do sinal, não muito visada direta, mas eu tenho que ter pelo menos uma visada que atenda a recepção desse sinal. Você saber onde está aquela antena, para você, com o transmissor, conseguir empurrar o sinal para aquela direção. Se for

pra rebater em alguém prédio ou algum outro obstáculo, que rebata, mas ele tem que ser desviado para esta antena terrestre, onde estiver localizado. Como a gente ia saber. Isso seria inviável logo na saída, então vamos o satélite. E como faríamos. Íamos levar então a USNG? Um caminhão USNG? Uma geradora? Como? Para rodar o país? Ficaria inviável. E na hora de cruzar, por exemplo, as cidades ribeirinhas no norte do país. Como a gente ia botar, aquele caminhão pesado numa balsa. Será que agente ia ter infra para isso, suporte. Sem falar nas condições de estrada que íamos enfrentar. Nos locais mais remotos? Isso foi também inviável. A terceira solução. O que temos mais de portátil que possa usar uma estrutura de satélite, que não depende de visada de emissora ou de Embratel, de repente. Porque pode não ter a emissora mas ter uma recepção da Embratel montada para isso. E a Embratel fazer um outro enlace aqui para o Rio de Janeiro para receber este sinal. Seria mais complicado.

Bom, temos a *fly away*. O que é a *fly away*. São antenas já com transmissores nelas, portáteis, ela é dobrável em pétalas e quando recolhida ela fica parecendo um caixote. Lembra muito um kart de corrida sem as rodas. Aberta deve ter no máximo 2 metros. Fechada, um metro por oitenta centímetros de largura. Lembre-se que estamos falando da antena, do transmissor, que seria um amplificador agregado a ela. E dessa armação, que é um chassi, na verdade, e você monta são tubos metálicos. Você deve ter aí talvez uns cinquenta quilos de peso. Viável par carregar. Se você comparar a antena que te mostrei de enlace terrestre que pesa 200 quilos e que fazia um enlace curto, a curta distância e dependia de uma recepção. A potência desse transmissor 100 miliwatts na época de um analógico ainda eu te garanto que era transmissão local, bem local. Diria que pra você, de repente, dentro de uma área do tamanho do Estádio do Maracanã. Não mais do que isso. Caminhão anos 60 200 quilos de peso, uma antena transmissora transmitia somente para um bairro, talvez, perto de uma antena. Conforme eu fosse me afastando, a relação sinal ruído. A antena receptora não conseguia mais receber este sinal. Ela não sabia distinguir, na época do analógico, o que era sinal o que era ruído. E o sinal, na verdade, ia ruidoso para o ar. Hoje a distância chega aos 36 mil quilômetros de ida e o satélite empurra isso de volta. Com segurança, sem precisar ninguém no caminho. Esse satélite estrela do Sul que recebe em banda KU está estacionado em órbita terrestre. O satélite é particular. A TV Globo não tem satélite. Ela aluga o serviço. Como a gente usa isso também para o dia-a-dia, esse enlace, digamos esse segmento também para o jornalismo e Editoria Rio, também para Brasília, também para Minas Gerais, com os BIS da vida. A gente só tinha que definir os horários em que a Caravana JN era prioridade. Se precisar mudar somente se acontecer uma catástrofe

muito grande no Rio, SP, Brasília, a gente vai ter que subir sinal. Aí tudo bem, era previsto uma lotação de uma outra frequência para subir ocasionalmente. Isso é possível. Não deixaríamos desprovidos os telejornais. O satélite é aberto 24 horas por dia. Acerta a hora é interno. Esse segmento espacial é disponível 24h por dia. Por ela vinha o material editado e as transmissões ao vivo. Durante o dia a matéria do Bial feita onde eles estavam em visita. Provavelmente editado. Era transmitido para cá para tv Globo. Como? Pegava o aparelhinho lá pelo disco ótico, não é mais fita, não é mais vídeo cassete, é deck ótico, pegava do deck ótico e a saída de áudio e vídeo disso agregava-se na entrada do teu transmissor, via satélite e caía aqui na TV Globo.

O caminhão era um *motorhome* porque ia rodar dias e dias na estrada, em lugares que poderia não ter nem setor hoteleiro. Esse *motorhome* foi adaptado às condições mínimas de trabalho para esta caravana. Compartimento para guardar equipamento. Que equipamentos? Câmeras, tripés, microfones, uma malinha de luz, a coisa primordial básica para um jornalismo normal. Tinha a parte de edição, dentro do caminhão, eram ilhas digitais, fita mesclado com disco. Foi montada uma infra ali dentro e mais nada. O cara tinha a mobilidade. Alguns componentes *spare* em casos de quebra, poderia ter apoio da manutenção aqui do Rio de Janeiro. Não sei de nenhum imprevisto no caminho não. Essa parte da *fly away* ela conseguiu cumprir bem, de norte a sul. Todos os dias conseguimos, não falhou. Quando chegou ao norte do país, quando eles foram atravessar algumas partes de Rio, que tem as cidades ribeirinhas na Amazônia. Há lugares em que a cidade é construída em cima de palafitas, dentro d'água. As casas são soltas. Conforme chega a cheia levanta. E se secar muito elas ficam até no solo, mesmo. Na época devia ser de cheia, porque quando chegaram a essa cidade as casas estavam flutuando e eles quiseram mostrar isso lá. Ta bom, mas a gente vai ter um desafio. Porque alinhar esse equipamento num barco a deriva, balançando, eu estou mexendo com o equipamento também na minha antena. Se a recepção do meu transmissor está situada a 36 mil quilômetros de distância, eu mexo um grauzinho aqui embaixo lá em cima vai dar um grau bem avantajado. 36 mil quilômetros de distância? Lá em cima abre um leque. Perco a minha transmissão. Se eu perder a minha transmissão obviamente não vou ter o que receber. E entraria um fade no ar. E apesar de a banda KU usar uma frequência muito alta para transmissão e isso prejudica até mais também. Não foi problema para os nossos técnicos. Eles conseguiram de modo, na época a situação rio era calmo, não tinha problema, conseguiram um alinhamento perfeito de sinal dentro do barco. E colocamos o vivo mesmo lá do local para lá mostrando como vivia aquela pessoa lá. Hoje sem o satélite seria impossível a gente trazer o sinal para cá. Daria muito trabalho a equipe

do jornalismo, talvez semanas de trabalho exaustivamente, para tirar se não fosse satélite, para tirar um satélite do meio da Amazônia. Não sei se você se lembra, na parte em que o JN partiu para as cidades ribeirinhas, foi alugado, na verdade uma lancha, e coloriram ela, o logo da empresa. E naquele momento nós viramos uma UMJ aquática. Daquele tamanho, daquele porte, via satélite foi a primeira vez. Já tivemos outras experiências aqui com enlace terrestre. Por exemplo, nós temos um *motolink* aqui, que ele faz? Ele também usa transmissão digital, porém precisa de uma recepção ainda em terra, aqui. Um enlace terrestre, não via satélite. Mas esse equipamento é facilmente deslocado da garupa da moto. A gente já fez de por ele em barcos, o RJTV já fez isso no telejornal local. Nada mais era do que botar o transmissor num barco e virou *barcolink*. Eu dependia de ter um local par receber isso. No nosso caso, aqui no Rio, ou Sumaré ou Pão de Açúcar, enfim, os locais de recepção que a Globo tem espalhados pela cidade. Que são nossos. Na época do Pan, esses transmissores foram carinhosamente chamados de carrinhos de sorvete. Saía o Kibon link. Porque no IBC tinha um sistema de recepção.

A título de curiosidade: Cada vez mais que a gente vai indo para a região mais próxima ao Equador. Você vê que as antenas começam a ficar mais na elevação tendendo para 90 graus. Na Amazônia, por exemplo, as antenas são quase 90 graus mesmo, porque ela está praticamente bem embaixo do satélite. Para você ter uma idéia, as parabólicas que se usam lá geralmente têm um furo porque em dias de chuva, acumulam água. E na Amazônia chove todo dia. Aqui não. Aqui para o Sudeste a gente não está tão embaixo, então a inclinação é mais baixa. O satélite eles são localizado. Geoestacionário mas eles podem ir a uma determinada região. América do Sul, parte da América Central e acabou, no caso do Estrela do Sul. Fica ali te olhando somente aquele pedaço.

Para achar o satélite? O enlace terrestre, no caso da TV Globo, por exemplo. Temos um site montado no Pão de Açúcar. Mesmo à noite, nós sabemos já de cabeça para que lado está o Pão de Açúcar, na cidade do Rio. Até porque lá vai ter piscões, o formato do morro. Mas quando estamos numa cidade desconhecida é complicado até para o enlace terrestre. No caso do satélite não há um piscão dizendo 'estou aqui'. A empresa que banca esse satélite te dá as coordenadas. Quando eu faço meu book, que eu estou alugando o serviço dele. Então ele diz: o satélite é esse, está em órbita geoestacionária com latitude, longitude, elevação. Ele dá as coordenadas, o azimut, o endereço geográfico de localização daquele determinado satélite. O que eu faria? Pegaria uma bússola: tantos graus ao norte, elevação tal...A bússola diria para quantos graus apontar e com que elevação. Quando o Suarez montava essa antena. Ela não é automática. Ela é completamente manual. Ele com a ajuda

de um aparelho chamado *spectroanaliser*, analisador de espectro, ele começava a ver a portadora, um sinal, digamos assim, que o satélite fica enviando aqui para a terra todo momento. Dizendo: esse sou eu. Então naquela elevação, junto com esse instrumento, você consegue ver numa tela de LCD a hora em que tem um sinal sendo emitido desse satélite, Opa, achamos. Aí o Suarez ia melhorando esse alinhamento de forma a ter a maior amplitude possível, maior tamanho possível do meu sinal naquela tela de LCD. Quando o maior tamanho possível de sinal estava explícito, exibido na minha tela de LCD, foi meu melhor alinhamento. Ele sabia a frequência que estava, a localização. Fixa a antena e tudo o que eu quisesse gerar para o Rio era conectado nesse transmissor. Ligava para o Rio com meu celular e eles levaram na época também o celular via satélite, porque havia localizações em que eles não conseguiriam falar nem com telefone mesmo. O telefone satélite: a empresa não tem satélite geostacionário não. Na verdade são satélites que percorrem a órbita terrestre numa camada mais baixa, não é a 36 mil quilômetros, e tem uma malha, na verdade, como o GPS também faz. Forma a rede em volta da terra para você conseguir falar em qualquer lugar do mundo. Ligava para cá dizendo: já estou alinhado com meu equipamento aqui. Eu me certifiquei. Posso mandar sinal para o CTRS do Rio de Janeiro? CTRS, centro de transmissão e recepção de sinais, da TV Globo, falam ok, pode subir sinal. Estou te vendo aqui. Aqui também tem um LCD monitorando esses espectros que o analisador de espectro te dá. Quando o sinal sobe, na frequência certa, aparece o sinal. Grava-se aqui no Rio. Desmonta e vai para outro canto. Todo o dia ou quantas vezes fossem necessário fazer.

Somente a título de curiosidade é uma operação segura. Potência elevada em determinadas frequências pode causar queimaduras. Mas como a gente trabalha hoje no mundo digital nós não precisamos mais empurrar a potências absurda. No passado existia isso. Tanto que o forminho de microondas, como o nome já fala, é a mesma onda de frequência que a gente usa no satélite. No enlace terrestre também, frequência por volta de 2 GHz. Essa potência a determinada frequência tem poder de cozinhar alimentos. Descoberto por um sueco na Guerra.

Fly away antes da Caravana era usada. Seleção Brasileira em Manaus. Lá é complicado. Levar caminhões pesados para fazer jogo da Seleção brasileira? É melhor contratar um serviço de unidade móvel com sistema que tenha exigências da TV Globo. E para tirar o sinal de lá tem *a fly away*. Por volta de dez anos.

Alugamos o motorhome e nós fizemos a infra-estrutura. Acho que levou um mês mais ou menos para fazer isso tudo. Ver o espaço, pensar na infra- estrutura. Tinha que fixar esses equipamentos, mas não podíamos simplesmente colocar parafusos e furar o ônibus alugado. Usamos de n cuidados, colamos com velcro, cinto, amarrações.

De maneira geral eles eram independentes. Foi um feito grande, dá orgulho participar disso. Em 1969 era tronco terrestre.

Temos o Rio que geograficamente é montanhoso e tem uma área muito grande. Em Campo Grande, por exemplo, não consegue assistir ao RJ, porque não tem como o transmissor aqui na Tijuca transmitir para aquela área de lá. O que foi feito: enlace terrestre, uma outra torre de tv, no Mendanha, recebe o sinal e repete em outra frequência para o pessoal daquela área. As afiliadas hoje recebem via satélite. A gente sobe o que a gente chama de rede via satélite, você que é afiliado, você recebe este sinal. As propagandas, na hora do intervalo, a rede não gera propaganda, só quando a propaganda é em rede. Fica aquele fade de 4 5 minutos para a afiliada por propaganda e ganhar alguma coisa em cima. A rede usa o *Brasilsat*, geralmente.

A banda KU está na faixa de transmissão em torno de 13 gigahertz de frequência. É uma frequência alta, porque para transmissões de bandas a classificação é devido a frequência. Eu engenheiro garanto a você que durante uma transmissão com tempo seco você não vai ter maiores problemas. Mas eu posso dizer que não é aconselhável você usar em região de muita chuva. Uma frequência muito alta ela pode ser suscetível à chuva. O que acontece? Interrompe a minha transmissão. Eu não consigo vencer a barreira se tiver chovendo muito forte. Na Amazônia chove muito mas nós não tivemos problema de chuva torrencial. Não foi na sorte. Antes disso houve uma certa pesquisa, a incidência de chuva forte no Brasil, mesmo na região norte, não é tão grande que interrompesse. Estou falando tempestade. Isso pode apagar os transmissores de banda KU. A frequência menor não tem tanto problema porque o comprimento de onda é maior. Para subir um sinal de rede que é um sinal nobre geralmente a gente sobe com banda C, que eu tenho certeza que os clientes das afiliadas não terão problema. Com banda KU é algo usado para jornalismo, não vai ter tanta repercussão se der um picote do que a rede cair durante a transmissão do Jornal Nacional ou da novela das oito.

O que se transmite é uma onda eletromagnética. Ondas eletromagnéticas em determinadas frequências são visíveis, que é a luz. Então ela percorre, os 7 giga, 14 giga, a uma velocidade da luz. Podemos dizer isso. Mas mesmo assim, pela distância que está este satélite, nós perdemos um tempinho. Uns minisegundos para ir e voltar.

A Caravana JN foi o casamento perfeito do jornalismo com a engenharia. Nós não andaríamos sem o jornalismo e nem ele sem nós. Sistema básico: UMJ tem um transmissor. Lá dentro tem uma mesa, um sinal vindo de fora, tem um deck óptico e tem a câmera de vivo. Ela já emite para um site nosso, no caso o Sumaré. Desce no CTRS, CTRS desce para o estúdio que você escolher. Controle 3, controle, 4. Enlace terrestre. Corte de vídeo, controle de áudio e coordenação. E tem ainda as agências de notícias que vem via satélite. A frequência da banda KU varia na transmissão, na subida de 14 a 14,5. Na descida de 11,7 a 12,7. Diferente propositalmente. A banda KU é uma parte do espectro eletromagnético variando entre 11,7 a 12,7 gigahertz e a subida numa faixa de 14 a 14,5 gigahertz. Up links. A velocidade é a da luz. A frequência leva o teu sinal. A antena do digital. A frequência é o que eu chamo de portadora. Se não existisse internet. Vamos fazer de conta que você está no Rio e sua família todinha está na Europa. Seus pais moram lá. Como você faria para se comunicar? Telefone ou carta. A carta: a primeira coisa você precisa é um envelope. Dentro vai a carta com conteúdo, informações. Eu preciso de envelope com endereço do destinatário e endereço do remetente. Dentro eu tenho a carta. Botou no correio. A sua mãe recebe lá. Como ela vai saber que é sua, olhando o nome. Foi minha filha. Tá aqui no nome dela. Vamos ver o que ela tem a dizer. Rasga aquele envelope e para ela não tem mais valor. É lixo. E pega a carta para ler. A minha frequência de 13 giga para subir é minha frequência de portadora, é meu envelope. Dentro do envelope estão as minhas informações de áudio e vídeo, a carta. Quando chegar na tv Globo, na frequência de descida, um pouco diferente. Vai abrir. E a frequência que eu tenho de canalização. O que interessa é o que está dentro.

O JN independente da rede, se tornando mais próximo do acontecimento. Do tempo. Para botar uma matéria no ar há 40 anos atrás ia-se para rua, filmava-se, trazia para emissora, revelava, editava, cortava, emendava, colocar isso numa máquina para ser projetado, virar sinal eletrônico para colocar no ar. Nessa história toda, por mais rápido que fosse perdia tempo e jornalismo hoje nós sabemos que é tempo. O satélite permite trazer as coisas no momento em que estão acontecendo. Exemplo, a crise das bolsas. Reflexos no

mundo inteiro. Tempo real. Tráfego, tinha que mandar, gerava por uma Embratel. Deveria levar muito tempo. Anos 70 eram cartas.

A Caravana foi uma prova de *high-tech*, um desafio em que este casamento do jornalismo com engenharia aconteceu. Porque jamais, se não fossem vocês repórteres jamais nós engenheiros conseguiríamos mostra o potencial que a gente tem nisso. A ferramenta que a gente tem em mãos para levar a notícia de vocês a qualquer hora, em qualquer lugar. De alguma forma ela vai chegar. Hoje temos outros recursos além do *motolink*, *fly away*, a ferramenta principal hoje não resta a menor dúvida que seria o satélite. É caro o aluguel porque para construir um é muito caro e geralmente são feitos consórcios. Satélite brasileiro é consórcio Brasil com outros países. Tecnologia aeroespacial. Investimento maciço.

Anexos 4

As tabelas abaixo trazem os dados da Pesquisa Ibope que serviram de base para o capítulo 5 desse estudo, referente à audiência do Jornal Nacional

HH ABCDE 04+ (%) Hor	MM ABCDE 04+ (%) Hor	AS AB 04+ (%) Hor	AS C 04+ (%) Hor	AS DE 04+ (%) Hor	AS ABCDE 04-11 (%) Hor	AS ABCDE 12-17 (%) Hor	AS ABCDE 18-24 (%) Hor	AS ABCDE 25-34 (%) Hor	AS ABCDE 35-49 (%) Hor	AS ABCDE 50+ (%) Hor
40,7	59,3	25,9	39,8	34,2	13,4	10,9	10,3	17,4	24,9	23,1
HH ABCDE 04+ (%) Hor	MM ABCDE 04+ (%) Hor	AS AB 04+ (%) Hor	AS C 04+ (%) Hor	AS DE 04+ (%) Hor	AS ABCDE 04-11 (%) Hor	AS ABCDE 12-17 (%) Hor	AS ABCDE 18-24 (%) Hor	AS ABCDE 25-34 (%) Hor	AS ABCDE 35-49 (%) Hor	AS ABCDE 50+ (%) Hor
41,1	58,9	26,1	44,3	29,6	10,9	8,3	9,3	14,3	25,5	31,7
HH ABCDE 04+ (%) Hor	MM ABCDE 04+ (%) Hor	AS AB 04+ (%) Hor	AS C 04+ (%) Hor	AS DE 04+ (%) Hor	AS ABCDE 04-11 (%) Hor	AS ABCDE 12-17 (%) Hor	AS ABCDE 18-24 (%) Hor	AS ABCDE 25-34 (%) Hor	AS ABCDE 35-49 (%) Hor	AS ABCDE 50+ (%) Hor
42,7	57,3	31,5	41,1	27,4	13,7	10,3	10,9	16,2	22,7	26,2
HH ABCDE 04+ (%) Hor	MM ABCDE 04+ (%) Hor	AS AB 04+ (%) Hor	AS C 04+ (%) Hor	AS DE 04+ (%) Hor	AS ABCDE 04-11 (%) Hor	AS ABCDE 12-17 (%) Hor	AS ABCDE 18-24 (%) Hor	AS ABCDE 25-34 (%) Hor	AS ABCDE 35-49 (%) Hor	AS ABCDE 50+ (%) Hor
43,6	56,4	38,0	35,3	26,7	16,4	11,6	12,0	19,3	23,8	16,9
HH ABCDE 04+ (%) Hor	MM ABCDE 04+ (%) Hor	AS AB 04+ (%) Hor	AS C 04+ (%) Hor	AS DE 04+ (%) Hor	AS ABCDE 04-11 (%) Hor	AS ABCDE 12-17 (%) Hor	AS ABCDE 18-24 (%) Hor	AS ABCDE 25-34 (%) Hor	AS ABCDE 35-49 (%) Hor	AS ABCDE 50+ (%) Hor
43,4	56,6	38,1	40,7	21,3	13,2	10,9	10,1	16,9	25,0	23,9
HH ABCDE 04+ (%) Hor	MM ABCDE 04+ (%) Hor	AS AB 04+ (%) Hor	AS C 04+ (%) Hor	AS DE 04+ (%) Hor	AS ABCDE 04-11 (%) Hor	AS ABCDE 12-17 (%) Hor	AS ABCDE 18-24 (%) Hor	AS ABCDE 25-34 (%) Hor	AS ABCDE 35-49 (%) Hor	AS ABCDE 50+ (%) Hor
42,7	57,3	43,5	40,9	15,7	11,1	10,6	11,8	16,3	25,1	25,2
HH ABCDE 04+ (%) Hor	MM ABCDE 04+ (%) Hor	AS AB 04+ (%) Hor	AS C 04+ (%) Hor	AS DE 04+ (%) Hor	AS ABCDE 04-11 (%) Hor	AS ABCDE 12-17 (%) Hor	AS ABCDE 18-24 (%) Hor	AS ABCDE 25-34 (%) Hor	AS ABCDE 35-49 (%) Hor	AS ABCDE 50+ (%) Hor
42,8	57,2	34,9	41,4	23,7	12,1	9,5	10,6	15,9	25,5	26,5
HH ABCDE 04+ (%) Hor	MM ABCDE 04+ (%) Hor	AS AB 04+ (%) Hor	AS C 04+ (%) Hor	AS DE 04+ (%) Hor	AS ABCDE 04-11 (%) Hor	AS ABCDE 12-17 (%) Hor	AS ABCDE 18-24 (%) Hor	AS ABCDE 25-34 (%) Hor	AS ABCDE 35-49 (%) Hor	AS ABCDE 50+ (%) Hor
40,3	59,7	18,5	23,5	58,0	13,0	11,0	14,0	17,6	23,5	20,9
HH ABCDE 04+ (%) Hor	MM ABCDE 04+ (%) Hor	AS AB 04+ (%) Hor	AS C 04+ (%) Hor	AS DE 04+ (%) Hor	AS ABCDE 04-11 (%) Hor	AS ABCDE 12-17 (%) Hor	AS ABCDE 18-24 (%) Hor	AS ABCDE 25-34 (%) Hor	AS ABCDE 35-49 (%) Hor	AS ABCDE 50+ (%) Hor
39,1	60,9	19,1	29,2	51,7	11,8	11,3	11,0	18,9	23,5	23,6
HH ABCDE 04+ (%) Hor	MM ABCDE 04+ (%) Hor	AS AB 04+ (%) Hor	AS C 04+ (%) Hor	AS DE 04+ (%) Hor	AS ABCDE 04-11 (%) Hor	AS ABCDE 12-17 (%) Hor	AS ABCDE 18-24 (%) Hor	AS ABCDE 25-34 (%) Hor	AS ABCDE 35-49 (%) Hor	AS ABCDE 50+ (%) Hor
43,1	56,9	17,6	32,6	49,8	13,7	12,6	13,5	19,0	22,7	18,4
HH ABCDE 04+ (%) Hor	MM ABCDE 04+ (%) Hor	AS AB 04+ (%) Hor	AS C 04+ (%) Hor	AS DE 04+ (%) Hor	AS ABCDE 04-11 (%) Hor	AS ABCDE 12-17 (%) Hor	AS ABCDE 18-24 (%) Hor	AS ABCDE 25-34 (%) Hor	AS ABCDE 35-49 (%) Hor	AS ABCDE 50+ (%) Hor
42,0	58,0	27,8	39,3	32,9	12,8	10,4	11,0	16,4	23,9	25,5

Gde BHZ		Audiência Individual		
	Audiência do Programa(%)	Audiência do Programa (Abs - 000)	Total de ligados (%)	Total de ligados (Abs - 000)
01/08/06 a 30/09/06				
JORNAL NACIONAL	19,55	859,03	32,35	1.421,530

Gde GRJ		Audiência Individual		
	Audiência do Programa(%)	Audiência do Programa (Abs - 000)	Total de ligados (%)	Total de ligados (Abs - 000)
01/08/06 a 30/09/06				
JORNAL NACIONAL	20,48	2085,23	32,54	3.314,100

Gde GSP		Audiência Individual		
	Audiência do Programa(%)	Audiência do Programa (Abs - 000)	Total de ligados (%)	Total de ligados (Abs - 000)
01/08/06 a 30/09/06				
JORNAL NACIONAL	17,66	3108,82	33,32	5.867,320

DfE		Audiência Individual		
	Audiência do Programa(%)	Audiência do Programa (Abs - 000)	Total de ligados (%)	Total de ligados (Abs - 000)
01/08/06 a 30/09/06				
JORNAL NACIONAL	18,88	391,80	30,89	640,800

Gde CUR		Audiência Individual		
	Audiência do Programa(%)	Audiência do Programa (Abs - 000)	Total de ligados (%)	Total de ligados (Abs - 000)
01/08/06 a 30/09/06				
JORNAL NACIONAL	17,35	450,30	31,57	819,230

Gde FLO		Audiência Individual		
	Audiência do Programa(%)	Audiência do Programa (Abs - 000)	Total de ligados (%)	Total de ligados (Abs - 000)
01/08/06 a 30/09/06				
JORNAL NACIONAL	21,03	156,01	33,17	246,080

Gde POA		Audiência Individual		
	Audiência do Programa(%)	Audiência do Programa (Abs - 000)	Total de ligados (%)	Total de ligados (Abs - 000)
01/08/06 a 30/09/06				
JORNAL NACIONAL	24,39	651,05	37,28	995,310

Gde FOR		Audiência Individual		
	Audiência do Programa(%)	Audiência do Programa (Abs - 000)	Total de ligados (%)	Total de ligados (Abs - 000)
01/08/06 a 30/09/06				
JORNAL NACIONAL	16,43	478,37	28,41	827,120

Gde REC		Audiência Individual		
	Audiência do Programa(%)	Audiência do Programa (Abs - 000)	Total de ligados (%)	Total de ligados (Abs - 000)
01/08/06 a 30/09/06				
JORNAL NACIONAL	16,75	525,08	30,76	964,520

Gde SAL		Audiência Individual		
	Audiência do Programa(%)	Audiência do Programa (Abs - 000)	Total de ligados (%)	Total de ligados (Abs - 000)
01/08/06 a 30/09/06				
JORNAL NACIONAL	21,29	632,83	32,74	973,410

PNT		Audiência Individual		
	Audiência do Programa(%)	Audiência do Programa (Abs - 000)	Total de ligados (%)	Total de ligados (Abs - 000)
01/08/06 a 30/09/06				
JORNAL NACIONAL	18,93	10413,93	32,30	17.771,600

Anexos 5

As fotografias, abaixo, ilustram nossa viagem de estudos. Foram tiradas pela autora nas cidades visitadas durante a pesquisa de campo para essa dissertação de mestrado. Retratar os entrevistados que gentilmente aceitaram dar depoimentos para esse trabalho.



Viagem de Porto Alegre para Santo Ângelo – RS



Chegada ao aeroporto de Santo Ângelo- RS



Visita a Associação Missioneira da Etnia Italiana – Santo Ângelo RS. Pesquisadora com os integrantes da Associação em frente à sede da entidade.



Reapresentação da reportagem da Caravana JN na Associação Missioneira da Etnia Italiana em Santo Ângelo - RS



Chegada à tribo indígena M'Byá Guarani, em São Miguel das Missões - RS



Casa dos índios na tribo M'Byá Guarani



Reapresentação da reportagem da Caravana JN para os índios da tribo M'Byá Guarani



Índios assistem à reportagem da Caravana JN feita em São Miguel das Missões.



Maria Paula Carvalho (pesquisadora) com índios da tribo M'Byá Guarani.



Cacique Floriano



Antena de TV instalada na tribo M'Byá Guarani.



Televisão dentro da cabana do Cacique na tribo indígena



Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, local da transmissão ao vivo da Caravana JN.



Maria Paula Carvalho em São Miguel das Missões



Vice- prefeito de São Miguel das Missões na época de nossa visita à cidade (2007)

José Roberto de Oliveira



Secretário Municipal de Turismo de São Miguel das Missões na época de nossa visita à cidade (2007) Alfonso Ten Caten



Maria Paula Carvalho com Jussara e Cassiana Munaretto, São Miguel das Missões.



A pesquisadora em Ouro Preto – MG



Encontro com escultor Vevê em seu atelier, em Ouro Preto



Escultor Vevê assiste à reportagem Caravana JN



Foto Bial na parede do atelier



Maria Auxiliadora Beloni diante de sua pousada, em Ouro Preto



Entrevistados revêem reportagem Caravana JN em Ouro Preto

José Antônio Bittencourt, comerciante (esquerda)

Pedro Custódio Filho, guia de turismo (centro)

João Pereira, guia de turismo (direita)



Cláudio Rogério Gonçalves Coelho, agente cultural, Ouro Preto



PRIMEIRA PARTE
Os primeiros 30 dias
(e 26 cidades)
de São Miguel
das Missões (RS)
a Juazeiro
do Norte (CE)

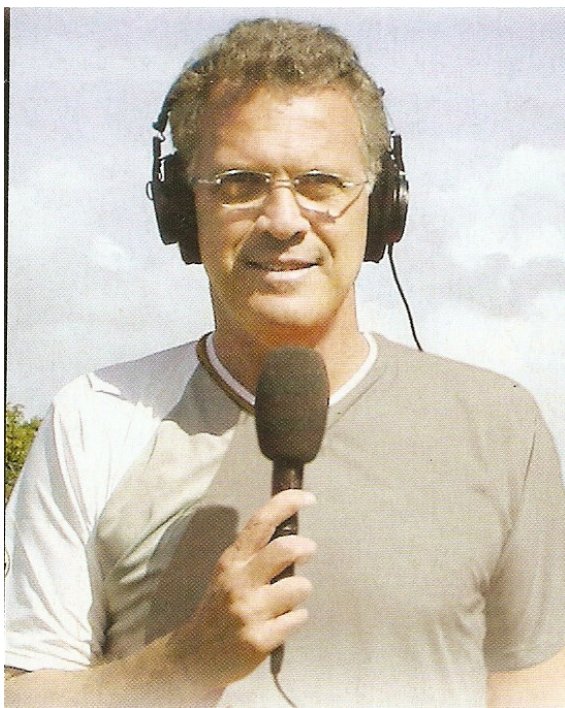
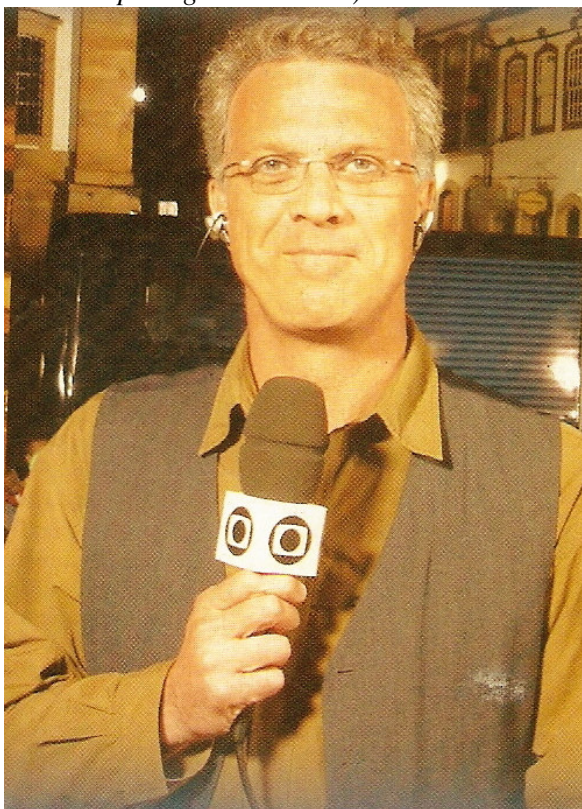
DEPOIMENTOS
Pedro Bial
William Bonner
Fátima Bernardes

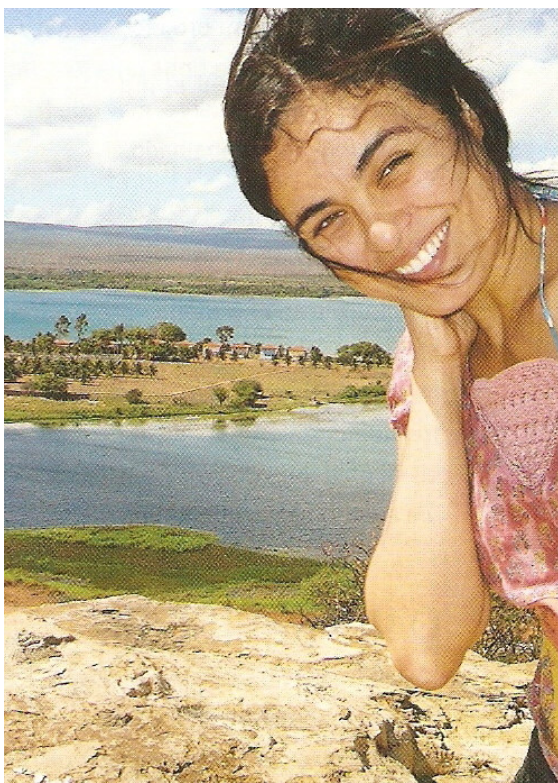
William Bonner apresenta o Jornal Nacional diante de uma multidão aos pés da estátua de Padre Cícero, em Juazeiro do Norte – CE (reprodução: Revista *A Maior Reportagem do Brasil*)



Fátima Bernardes apresenta o Jornal Nacional da Praça Tiradentes, em Ouro Preto – MG
(reprodução: Revista *a Maior Reportagem do Brasil*)

Pedro Bial em dois momentos de “ancoragem” do Jornal Nacional (reprodução: Revista *A Maior Reportagem do Brasil*)

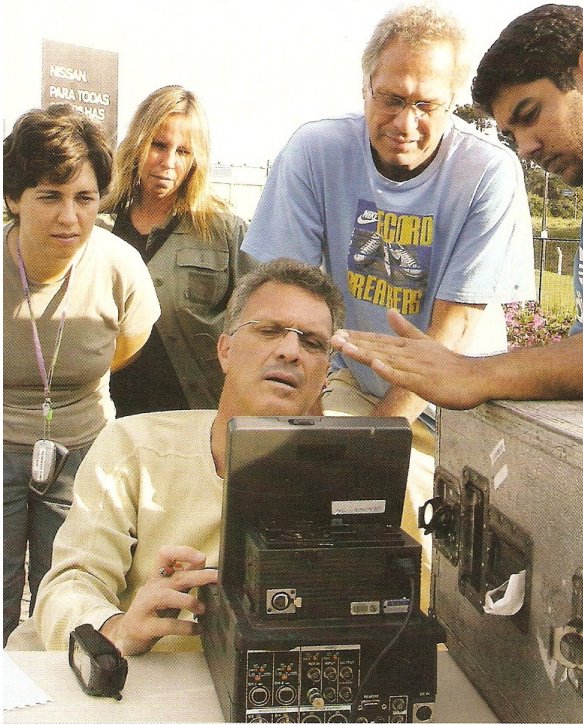




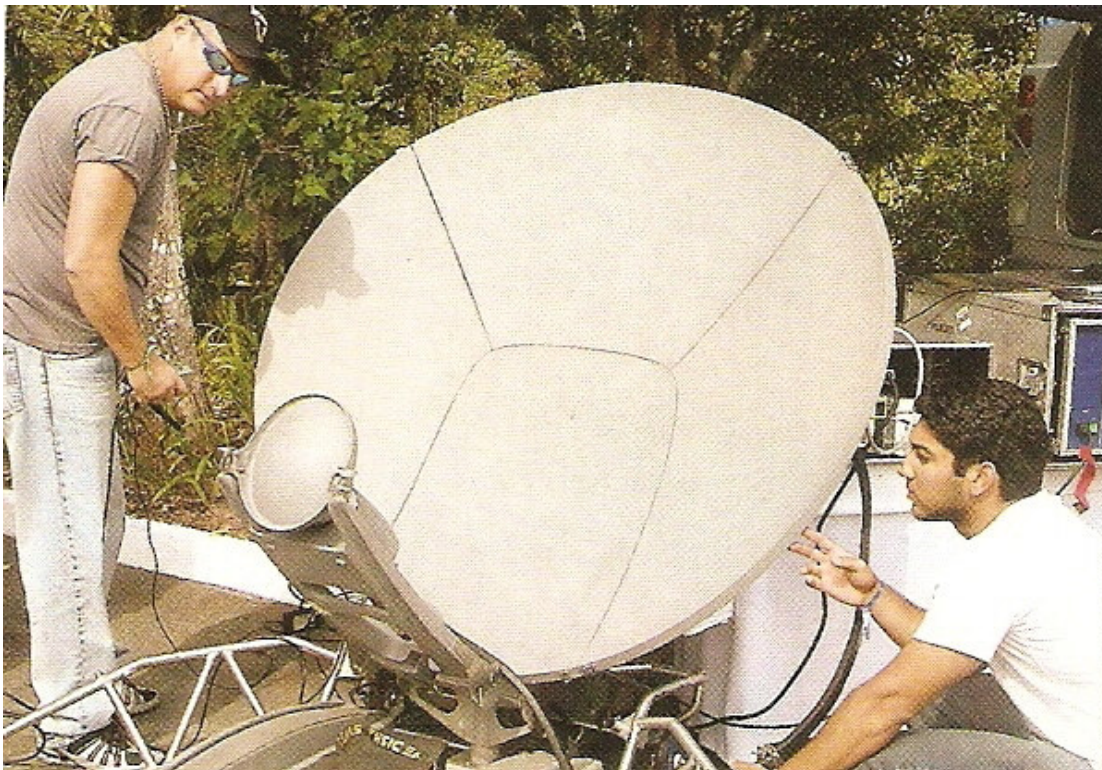
Gisela Pereira, jornalista da Caravana JN



Ana Paula Brasil, produtora, com crianças



Momento de edição das reportagens



Técnicos José Carlos Suarez (esquerda) e Vinícius Ferraz alinham a antena parabólica para geração de imagens via satélite (reprodução: Revista *A Maior Reportagem do Brasil*)

Anexos 6

Os textos a seguir são assinados por Pedro Bial e foram publicados no *blog* da Caravana JN na *internet*. Escritos durante o tempo de estrada, eles resumem algumas das impressões de viagem do jornalista. Foram gentilmente cedidos, pelo próprio autor, para essa dissertação de mestrado.

1. De relance

Durante a entrevista coletiva no Projac, por ocasião do anúncio da Caravana JN, Ali Kamel usou o adjetivo “impressionista” para definir o tipo de reportagens que faríamos. Na hora, tive a impressão de que “reportagens impressionistas” era uma expressão figurativa, figura de linguagem...

Pois não é.

Esta viagem é também uma corrida contra o tempo. Por que? Porque é tevê. Porquê não nos basta ver, temos que mostrar, e isso implica em diárias façanhas tecnológicas – coisa de artista. Falando sério, trata-se de uma correria desabalada como a vida, imperativo manter a calma, diz o ansioso aos botões de sua camisa sem botões.

Borrões, borrões de Brasil, paisagem pincelada, tudo fugidio.

Nosso deadline é auto-imposto, daí mais implacável. Buscamos transmitir todos os dias até as quatro da tarde, no máximo. Isso implica em sair o mais cedo possível do hotel onde dormimos – uma cama a cada noite -, e procurar a história. Depois que encontramos, ou achamos que achamos, segue-se um dos momentos de maior calma e paciência do dia. Ouvir. Olhar. Perguntar. Procurar entender.

Material gravado, chispa, toca de volta para o ônibus onde nos esperam a edição e a transmissão.

Aí pergunta-se: se você quer captar os desejos do Brasil, o Brasil, como é que pode ser desse jeito afogueado?

Ora, quase tudo nos escapa por entre os dedos, as coisas sólidas já se desmancharam há muito. O Brasil, sua realidade sócio-econômica-político-cultural não é algo que se filme; tente marcar uma entrevista com a “sociedade brasileira”: parece que ela não mora mais aqui...

A família, essa existe, o indivíduo, a pessoa, isso sim. E é através de indivíduos, pessoas e famílias que vamos nos aproximando aos pouquinhos de uma imagem, ainda que mosaicada, da nação.

Dois meses de viagem e uma única notícia: “O Brasil não existe. Só existem brasileiros.”

2. Durante esses lentos e pictóricos quilômetros através do nordeste paulista, a paisagem explica Portinari. Mentira, acabei de sair da Casa de Portinari, onde a encantadora museóloga Angélica Fabbri deu uma aula de paixão ao pintor. Visitar a casa de Cândido Portinari em Brodowski, mas pode dizer Brodóski, deveria ser uma viagem tão concorrida entre brasileiros e gringos safos quanto a de franceses e estrangeiros em geral à casa de Monet, em Giverny. Nas “férias”, Candinho pintava a óleo diretamente sobre as paredes. É comovente, poderoso. Ali, naquela singeleza... Todos os rostos da família vestindo os santos da Capelinha da ‘Nonna’, o menino Jesus, uma sobrinha... Na cozinha, perfume de café recém moído.

A paisagem explica Portinari, sim. Não importa se o café virou cana, se a colheita mecanizou-se; os poucos lavradores se vestem, se mexem, param e olham como figuras de Portinari. Por mais sofridas que sejam suas figuras, não me parecem tristes – o sofrimento delas pode nos entristecer, a tristeza é de quem mira a tela. Naqueles olhares, talvez resignação. talvez raiva, uma ameaça ambígua, um pedido de socorro.

O pincel de Cândido Portinari era movido à solidariedade. Sob a doce luz dessa tarde empacada pelo caminhão em frente, vou bater papo com meus companheiros, com licença.

Não deixem de visitar Brodóski antes de viver.

3. Enfim um lugar onde não pega celular, de nenhuma operadora, nada. O asfalto chegou não tem dois anos, pouca coisa mudou desde a última vez em que estive aqui, há mais de vinte anos. OK, tem Internet via rádio na recepção do hotel. Há duas décadas, a hospedagem não tinha banheiro nem telefone no quarto.

São Roque de Minas tem mil e pouquinhos habitantes; no município todo, a roça incluída, a população deve passar de cinco mil. Não parece. Para ver alguém, você anda e anda, roda e roda, e olha: já passou, passou?

Que delícia ser invisível um bocadinho.

Que delícia encontrar “seu” Adaniel, “gerente do fogo”, chefe dos brigadistas que combatem os incêndios florestais na reserva da Serra da Canastra, berço do Rio São Francisco. Jeito gostoso de prostrar, senso de humor de quem já sofreu como cachorro

danado. Nascido aqui mesmo há cinquenta anos, adora cada cantinho, cada árvore, os bichos e, principalmente, conta histórias sem parar, como mineiro bom...

Como a história do dia em que Fernando Henrique veio participar de uma cerimônia, em palanque armado lá no alto do Chapadão do Diamante, onde nasce o São Francisco. Veio de helicóptero, e aquela ventania braba tirou todas as cobras das tocas – e tem muita cobra por ali, fauna típica de planalto charcoso... Desembarcou o presidente cercado de rastejantes venenosas, e no discurso fez promessas. Lula também fez promessas por ali, de carro.

E a pior briga que ele já viu? Um lobo guará contra uma cascavel, quem disse que cascavel não erra bote? O guará venceu.

E a mãe do ouro? “Coisa mais linda que você pode imaginar”: aquele luzerio todo, com uns cabelos coloridos, clareando a noite, flutuando na cara da gente, até se desintegrar. Pesquisadores explicaram que a aparição é uma espécie de raio, ah bom.

Casca d’Anta, quase duzentos metros de cachoeira, um exagero de beleza... Lembrei de meu mestre Jotair Assad, diretor da equipe naquela primeira viagem. E, é claro, em Casca d’Anta, Dantas esteve comigo o tempo todo. José Pereira Dantas, que filmou nossa viagem da nascente à foz do rio. Dantinhas, que hoje mora no São João Batista.

Sentindo o bafo gelado da cachoeira, enchi os pulmões para uivar, e fiquei em silêncio, gritando dentro do peito: viva o Zé Pereira!

4. Itabuna, domingo, 20 de agosto: Ouro Preto voltou para onde sempre esteve: séculos atrás, uma semana de estrada.

Não tenho gostado de minha participação nas “ancoragens”, ainda não encontrei o sentido do lance.

Acho que alcançamos o objetivo de botar o JN na rua, diminuir a tele do espectador, encostar ao lado dele, humanizar nossa relação. É bonito ver Fátima e William ali, de verdade, reconhecidos e reconhecendo, desembarcados da nave espacial do Nacional. Revelado o mistério, respondida a pergunta velha de 37 anos: o Jornal Nacional tem pernas, e sabe andar!

Só que eu, “caravaneiro” convicto, ainda não percebi como emprestar nexo à minha presença ao vivo, nas edições especiais que marcam a passagem de uma região para outra – edições primorosas, a propósito, jornalismo de gente grande com resposta de audiência, coisa difícil.

Vou chegar lá, vamos chegar lá. Para nós outros nômades, a edição assim chamada de “ancoragem”, entendo agora, serve como uma conferência de voltagem com a matriz, para verificar se permanecemos na mesma frequência, falando na mesma língua.

(Relendo os parágrafos acima, escritos há dois dias, já posso adiantar que vamos apostar em formas menos previsíveis de participação ao vivo, durante as “ancoragens”. Para começar, vamos experimentar fazer um “flash” junto com vários caminhoneiros e caminhões, com a iluminação desenhada pelos faróis. Vamos tentar, vamos tentando...)

5. Quero seguir o exemplo de Veveu, escultor popular de Ouro Preto. Colhe as pedras-sabão, brutas, e encosta as meninas à parede. Literalmente. O artista de sessenta e três anos conta flertar com aquele “rock and roll” barroco, durante semanas, meses, até que uma das rochas olha para ele de um jeitinho diferente. Ou é ele que olha para ela, não sei, rola uma química – sei que se temos tanto de mineral em nosso padecer, há que reconhecer o humano encarcerado na pedra. Veveu reconhece, toca, acaricia, marca com faca cega, sem machucar -fé é sempre amolada... Desse casamento entre o homem e a matéria sólida rebenta a obra de arte.

Nos ouvidos involvidos de minha memória, se é que ainda a tenho, ficou a canção de Alessandro Scarlati, na voz de uma moça de Mariana, Daiana, que, aos 21 anos,, quer se casar com a música: “pena crudeli, pena crudeli”, castigo cruel, a vida como castigo cruel. Ou a morte, ou a vida antes da morte, isso tudo como “pena crudeli”, ecoando no pátio e olhos claros da menina da Escola de Minas.

E as favelas escorrendo sobre Ouro Preto.

6. Não é só Ouro Preto. As cidades do Brasil crescem feio. Deve ser o desespero.

Entre estética e ética, fico com as duas, não acredito na falsa oposição entre a miserável grandeza histórica de Cuba e o bem nutrido vazio cultural de Porto Rico.

Hesito em afirmar o que qualquer faminto diria, aos uivos: antes crescer pavorosamente a não crescer, feia é a necessidade.

7. Três Rios, triste de pobre. Na cidade, graças a meu irmão Edu Salgueiro, conhecemos um personagem espartíssimo, o senhor Joveno Corrêa de Mello, que traçou a improvável linha entre a indigência e a opulência. Filho de um vendedor de cachaça da roça, tornou-se magnata fluminense, construindo seu pequeno império, uma rede de supermercados e indústrias espalhada pelo malfadado Estado do Rio. Adorei escrever a

última frase do texto “off”: “*A-B-C de um capitalista brasileiro*”. Enunciar a palavra ‘c’ no Brasil é como falar palavrão, tem um saboroso gosto de transgressão: capitalismo, capitalista, melhor o demo! Contar a história de um “self-made man” brasileiro tem algo de fabuloso, insólito, não combina com o horizonte conhecido nesses tristes trópicos. Talvez epopéia seja mesmo assim, estofo de herói.

8. Toca, mais de 300 quilômetros, rumo ao Kuwait do litoral brasileiro. Ali, Macaé, tive gosto em falar, agora em texto “on”: “*crecimento não quer dizer, necessariamente, desenvolvimento*”.

Não era farmácia, era bazar, “Cibalena Bazar”. Passamos de carro, vi, li o nome, e meu pai veio sentar-se no bolso de minha camisa, lembranças de calças curtas, gosto de sal na boca, sal do mar de Ipanema. Nem as lágrimas das mães de Portugal...

9. O Brasil é assustador. Em todos os sentidos e implicações da palavra. Assustador: que assusta, mete medo, apavora, imobiliza, mesmeriza, bota pra correr, impressionante, imponente, majestoso, nojento, tétrico, bandido, bandido – o reino do crime.

O Brasil é o paraíso do crime, lamento informar, ou melhor, confirmar. Ladrões do mundo, “Do not fly to Rio!”. Lotação esgotada.

10. É o país todo. Não tem mais aquela conversa do bucolismo de cidade pequena. No território brasileiro, ninguém dorme de porta aberta, ao ninar do bip bipe da cerca elétrica. Isso vale para qualquer cidade com mais de dois habitantes.

11. Onde nasceu Nara? Em Vitória. Por esta, e por outras razões sentimentais, mudamos o trajeto e nos encaminhamos para Cachoeiro de Itapemirim. Fui visitar a terra dos pais de minha falecida sogra, Tinoca e Jairo, Tinoca de Athina. Terra de rei da canção, príncipe da crônica.

12. Parada em Milagres

Parada em Milagres, restaurante de caminhoneiros, excelente jantar. Repito: excelente! Provavelmente, a melhor macaxeira da história das caravanas JN de todos os tempos. Carne, frango, costela cozida - além de honesto, saboroso. A filha do cozinheiro, Cibelle, 15 anos, quer ser modelo. Pode, linda. Caçadores de Bündchens, mais informações no Posto Papai Noel, em Milagres.

Ah, o jantar.

- O cardápio, por favor.
- Pois não, sou eu mesmo, o cardápio sou eu.
- Sim, sim... Então, pode começar.

Refeição inesquecível, sob o olhar fixo dos comensais e mais uma galera que ficou em pé mesmo, espíando.

Todos juntos, equipe da Caravana, caminhoneiros, curiosos e curiosas, assistimos ao Jornal Nacional.

Ultimo segmento, matéria de Exu, Luiz Gonzaga.

(Nunca mais chamo Luiz Gonzaga de Gonzagão. Na casa onde morreu o velho Lua, encontro uma simpatia de gaúcho, Fernando Cruz, 74 anos, entomólogo aposentado, apaixonado pelo nordeste. Conheceu Luiz pessoalmente, vem todos os anos à Exu. “Por favor”, me pede em elegante sotaque gaúcho, “adote minha campanha de não usar mais o nome ‘Gonzagão’. Ele nunca foi chamado assim, isso começou depois de um show com Gonzaguinha, em Porto Alegre. ‘Gonzagão’ não! Luiz Gonzaga.”. Pelotense brabo, contrariado, bem-humorado...)

William e Fátima chamam nossa história do dia, antes de dizer “boa noite”.

Quando roda o VT, faz-se um silêncio de chorar num raio de mil quilômetros em torno do restaurante da parada do posto de gasolina, diesel e outros óleos, reconhecimento e afeto, da estrada que passa por Milagres e milagres.

13. Luxo de originalidade

Juliana. João Carlos. Que alívio...

- “O senhor fez muito bem em batizar seus filhos com esse nomes”, não resisto a comentar. “Com todo respeito, ainda bem que o senhor não fez como seus pais”.

Ele abre o sorriso de parques dentes, leva numa boa. Seu Crisogônio, o homem que achou petróleo em sua roça, no município de Sousa, sertão da Paraíba.

Crisogônio não deixa de ser um nome engenhoso, vai ver um dia já foi comum, em algum país, de alguma época remota. Ou então é mais um desses prodígios concebidos pelo povo brasileiro.

Talvez o raciocínio por trás - ou desejo, para usar o mote dessa viagem - seja o de que bonito é o difícil.

(Nem de passagem precisa dizer que rico gosta de nome que pobre acha nome de pobre que gosta de nome que rico acha coisa de pobre).

Também pode ser somente a vontade de ter um filho ímpar, com nome inédito. É isso: igual a minha filhinha Averlândia Ingrid não há outra.

A propósito, quem foi o sábio que resolveu abolir de nosso alfabeto as letras k, w e y? De pirraça, essas três letrinhas formam a constelação mais presente no firmamento dos nomes brasileiros. “Só pra azedar a mandioca...”

Quando o repórter acha que encontrou uma segunda Gleysa, nada disso, é Kleyza. Jasmim nem pensar, é sempre Yasmin. Ah, e as variações de Lady? Leide, Leydi, Leidy, Leyidy, um sem-número! Ladjya, por instância...

E o negócio do autógrafo com dedicatória? Francamente desisti. Com essa sorte de nomes locais, torna-se o equivalente às malditas câmeras embutidas nos celulares - nunca levam menos de dois minutos para “capturar”.

Se não anotar na hora, impossível guardar a maioria desses rompantes de criatividade dos pais brasileiros. Por isso, essas palavras são dedicadas a todas as Lucicleides, Jacksoneides e Waldirenes, a todos os Ivonaldos, Josíltons e Wesleys, à Klébia e ao Wygston, à Klene, e, de um jeito todo especial, ao Francisco Adolfo, filho da união de Alberto Roberto com Cristiana RONALDA.

Assinado, Pedrilson.

14. Santos roubados

São Cristóvão, Santa Madre Paulina, Nossa Senhora Aparecida, Padre Cícero, quem mais? Outro São Cristóvão pequenino. Na parede, Gordo e Magro, Santo Expedito, Tintin.

Violaram o altar do Priscilão, roubaram os santos.

Quem terá se aproveitado do pára-brisa quebrado, para levar uma “lembrança” assim desse jeito? Aquela senhora de azul? Os meninos? Que zé-mané? Será que foi o padre? Terá sido só um desaparecimento?

Numa parada de alguma BR. conheço um advogado de 65 anos, nó elegante na gravata puída, que me garante que o roubo dos santos serve como “demonstração completa, prática e inequívoca, empírica!, de nossa lassidão moral, mais um sintoma da indecente complacência nacional, do ‘dar de ombros’ à Lei, já que ‘o prefeito também rouba...’ ”.

Outro, simpático auxiliar de borracheiro, me pede o São Cristóvão grandão que não conseguiram levar, pregado e amarrado no aço priscílico.

Melhor não. Deixa o santo em paz.

15. Patriota

- “Teresina não é linda!?!?!”, berra o motociclista com o capacete equilibrado no cocoruto, a cara esparramada num sorriso, a uns 60 por hora, à janela do Priscilão.

Sim, claro, é linda, pois não (não vou dizer que prefiro Parnaíba para não esticar a conversa), linda.

- “Tá vendo? Viu direitinho? Viu o Piauí?”, entabula conversa numa boa o homem ao vento, “eu sou daqui, eu moro aqui”.

Atrás dele, passam supermercados, todas as bicicletas, tantas motos, o movimento de fim de dia, gente volta para casa, a rua suspira de cansaço; quente, um calor piauiense, como dizem no Senegal.

- “Vocês estão fazendo um trabalho muito bom, viu? Muito bom!”

Ele nem olha para a frente, ai. Um sinal vermelho se aproxima velozmente. Na pista de meu interlocutor, ele acelera e o carro adiante breca. Olha para mim, quase em pé sobre o selim e grita, para ser ouvido no Maranhão:

- “Eu amo o Brasil! Eu amo o Brasil! Eu amo o Brasil!”

Vai morrer, penso.

A um cisco de distância do velho Del Rey, faz um jogo de corpo com a moto, se apruma e ainda consegue chegar a tempo de avançar o sinal.

Sem deixar cair o capacete.

16. A bordo do ‘Spartacus’

Isto não é um barco a motor, é um motor. Mais exatamente, dois motores, 840 cavalos trotando sobre as águas. Ensurdecador. Não tenho os meios, nem terei a disposição de medir o nível de decibéis a que estamos submetidos, 24 horas por dia. Bendita surdez, ainda serei bem velho para merecê-la.

Na linguagem silenciosa dos sorrisos (mesmo porque ninguém se escuta), as moças da cozinha procuram amparo, estão com medo, nunca fizeram viagem tão grande e imprevisível.

Navegar os oceanos é abandonar-se ao sabor das estrelas, ao augúrio do sextante GPS, da bússola e do sem fim.

Singrar um rio que só oferece dois caminhos – ir ou voltar – é entregar-se ao que os povos da floresta não chamam de fado. Têm vários nomes os moradores invisíveis do mato fundo, e devem estar morrendo, como tudo por aqui. Os últimos dias da Amazônia.

Olhando assim, não parece. Tudo é tanto, tão maior que a nossa capacidade de perceber e entender, que as previsões apocalípticas soam qual catastrofismo de laboratório.

Aos olhos do satélite, lá está: aquilo que, em minha adolescência, citava-se como ameaça futura, já aparece nas tais fotografias, a maior floresta do mundo ganhando traços crescentes de calvície irremediável. Todo progresso humano foi assim, há dez, cem mil anos, porque aqui haveria de ser diferente? Ainda acreditamos no além, porque duvidar do aqui?

Cada um dos passageiros e tripulantes desse motor flutuante, tronitroante, contempla a maravilha, sabe-se abençoado por mirar tão humilhante beleza.

De longe, a paisagem extasia, acarinha olhos cansados de ver tanta tristeza. De perto, as árvores dizem não, vocês não são bem-vindos aqui, são intrusos. Lugar inóspito.

Homem gosta de inimigos a derrubar. A derrota dessa arrogância verde não demora – quero ver sua altivez desmoronar às mãos de nossas máquinas. Temos filhos para criar, logo mais, temos jantar.

*

45 dias de viagem, mais da metade de nossa volta ao mundo Brasil. Nada parece distante, tudo parece remoto. Rio Grande do Sul foi ontem, Pará no século passado.

Disse para mim mesmo que faria um diário de bordo. Ora, meu diário está nas reportagens que enviamos, sabemos nós como, todos os dias para o Jornal Nacional. Lá está a essência, a espinha dorsal de nossa jornada. É para produzir esses instantâneos impressionistas que vivemos cada minuto de cada um desses dias.

A reflexão brilha no alumínio das latas de cerveja, companheiras de estrada e desolação.

Como dedicados brasileiros, inventamos o país, lutando contra as evidências desalentadoras. “Alguns, os delicados, prefeririam morrer”. No Brasil, há muito chegou o tempo em que não adianta morrer. Resgatar a compaixão que os cristãos seqüestraram, sentir o calo latejar ao experimentar o sapato do próximo, aquele caboclo descalço. Sandálias, para que te quero.

17. Jacaré

Vai filmar jacaré! Não é fácil que nem plantar batatas ou catar coquinho. Antes de filmar o jacaré, tem que ver o jacaré, pois não? Então vai ver o jacaré! Tenta...

Nossos olhos estão prontos... para aprender a ver. A gente nasce enxergando, mas não vê tudo assim, só de olhar olhado, ou é o contrário, nasce vendo, mas não olha nem estuda enxergar.

Em aliás, é só ‘los dos ohitos malignos’ e ‘las napas’ que ficam de fora, à tona, como se não fosse nada, como se não houvesse dois metros de bicho submerso, muito bem equipado para tirar pedaço e matar.

Assunto obrigatório na Amazônia, pauta boa, tudo mundo tem uma história braba para contar. Mas, vai filmar jacaré! Não é assim, não...

Há que penetrar os igarapés, nossa voadeira afundou, isso não dá.

De noite, as estrelas vermelhas, centenas, estão às margens – os olhos dos bichos, que somem quando jogamos a luz e não são vermelhos para nossa lente.

Tocamos a matéria sobre eles mesmo assim, sem o retrato do protagonista. Chegamos a transmitir. Até que, na localidade de São José do Amatairá, tem um laguinho de má reputação, e faço um desafio a Azevedinho, Luís Cláudio Azevedo, experiente em filmagens silvestres. “- Vai lá, duvido que você faça os bichos...”

Quinze minutos depois, um sorriso prosa traz Azevedinho barranca abaixo.

A Herth e Cadu, responsáveis pela transmissão, comunico: “tenho uma boa e uma má notícia. A boa é que o Azevedo conseguiu filmar os jacarés. A ruim é que por isso tem que remontar a antena, para transmitir a nova matéria - Vale esse!”.

Vai filmar jacaré!

18. “Sertezas”

Quando fico satisfeito com o serviço de um restaurante, volta e meia repito o mesmo comentário (estou ficando mais velho): “Se não os melhores, os garçons brasileiros são os mais bem preparados do mundo!”, e peço o aperitivo. Segue-se a conclusão: “- Graças ao Senac...” Seja meu interlocutor rico, pobre, remediado, as réplicas são invariavelmente as mesmas: “É verdade! Uma maravilha de trabalho! Lá, ensinam ofícios, educa-se de verdade, formam-se profissionais – a partir dali, nascem famílias.”

Advinhe onde estudou o cabelereiro que cortou, bem, meu cabelo, em Santa Inês, sertão maranhense?

Senacs, Senais, Sesis, Sebraes... Só tenho coisa boa para contar, ação concreta, objetividade, fazendo mais que falando. Atuação política sem praticar política convencional, tocando a administração de tirar água do barco, não deixar afundar. “Sonho, não”, me disse

o consultor empresarial Sidney Ferreira, ligado ao Sebrae, “certeza na construção do Brasil”. Que coragem... Temeridade? Os ‘se’ não querem saber.

Ais, aes, acs. is: Brasil, onde além da morte e dos impostos, as outras certezas começam com ‘s’.

19. Dormi na cela de Jânio...

... ou quase. Não fiquei no apartamento 606.

Hotel Santa Mônica, rua Antônio Maria Coelho, 345, Corumbá, Mato Grosso do Sul. Em 30 de julho de 1968, era Mato Grosso, e o hóspede deu entrada para não sair tão cedo, a rigor nem até a calçada – se bem que não foi bem assim... Em vez de ir para a prisão, por ter desrespeitado a proibição de fazer pronunciamentos políticos, tinha sido punido, pelo Ministério da Justiça, a confinamento de 120 dias, num hotel de seu estado natal. No registro de entrada: Jânio Quadros, 51 anos, advogado, nada de título de ‘ex-presidente da República’. No item residência, pespegou: Corumbá. Seu domicílio era ‘ali e então’, como o de todo exilado, ainda que em sua própria terra..

120 dias confinado, à espera do julgamento de seu pedido de habeas-corpus ao Supremo Tribunal Federal.

Confinamento com direito a caminhadas até a Churrascaria Rodeio, e outras escapadelas.

Não calou a boca nem naqueles corumbás, distribuiu uma declaração escrita à imprensa local.

“Antes tinha estado na cidade havia oito anos, em campanha”. Sem pejo, em bom ‘jânioquadrês’, prosseguia: “Lembro que prometi uma refinaria de petróleo, escolas e hospitais. Não quis o destino que cumprisse aquelas promessas (...) Muito mais do que isso – dou-me inteiro, agora, a ti, minha Corumbá!”.

Quis o destino.